

ETHAN FROME



EDITH WHARTON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Edith Wharton

ETHAN FROME

1ª edição

The logo for LeBooks, featuring the word "LeBooks" in a blue serif font, with the "Le" in a lighter blue and "Books" in a darker blue.

Isbn: 9786586079418

LeBooks.com.br

A LeBooks Editora publica obras clássicas que estejam em domínio público. Não obstante, todos os esforços são feitos para creditar devidamente eventuais detentores de direitos morais sobre tais obras. Eventuais omissões de crédito e copyright não são intencionais e serão devidamente solucionadas, bastando que seus titulares entrem em contato conosco.

Prefácio

Prezado Leitor

Nascida em Nova York, Edith Wharton (1862-1937) foi uma romancista, contadora e escritora de viagens americana; crítica literária, poetisa, memorialista e dramaturga; e uma prolífica romancista premiada com o Pulitzer e três vezes nomeada para o Prêmio Nobel. Autora de clássicos como *A Época da Inocência*, *A Casa da Alegria*, e *Ethan Frome*, Edith Wharton é considerada uma das mais importantes escritoras da literatura americana.

Ethan Frome, considerado sua obra-prima, narra a vida e a tragédia de Ethan Frome, “a figura mais imponente de Starkfield”, cidade imaginada pela autora para traçar um amplo painel dos costumes e das tradições da Nova Inglaterra rural de sua época. Desprovida de sentimentalismos, a linguagem de Edith Wharton realça ao mesmo tempo a violência e o lirismo de uma história de amor que é também a da decadência de uma sociedade.

Uma excelente leitura

LeBooks Editora

Sumário

APRESENTAÇÃO

Sobre a autora:

Ethan Frome - Apresentada por Edith Wharton

ETHAN FROME

Introdução

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Conheça outras obras de Edith Wharton

APRESENTAÇÃO

Sobre a autora:



(Edith Newbold Jones; Nova York, 1862 - Saint-Brice, Seine-et-Marne, 1937)

Havia pouco que indicasse, na educação de Edith Newbold Jones, que ela seria capaz de atingir o surpreendente píncaro a que chegou.

Nascida de pais da classe ociosa -- a família dela supostamente teria inspirado a expressão em inglês "*Keeping up with the Joneses*" (manter o padrão de vida dos Jones). A infância de Edith Wharton se caracterizou pelos privilégios ímpares e pelas limitações de sua linhagem nova-iorquina. Sua profunda ambivalência em relação a esses aspectos, combinada com um casamento infeliz e sem sexo com Teddy Wharton em 1885 (de quem se

divorciou em 1913), forneceu material e tema para a escritora.

Os maiores personagens de Wharton estão asfixiados pelos mesmos códigos sociais e pelo decoro que constituem sua casta privilegiada.

Em *A casa da felicidade*, a personagem Lily Bart se vicia nos ornamentos da riqueza, e à medida que recusa numerosas e lucrativas propostas de casamento, passa a ser gradualmente proscrita da classe ociosa. Termina em uma pensão barata, verdadeiramente assassinada pela cultura que a rejeitou.

Wharton examina a mesma tensão, em um meio radicalmente diferente, em *Ethan Frome*, romance claustrofóbico que tem como cenário uma sórdida cidade da Nova Inglaterra. Ethan deseja partir com Mattie Silver, a antítese de Zeena, sua esposa rabugenta e doente; ainda assim, não consegue fazê-lo, principalmente por medo do que os vizinhos vão pensar.

Edith Wharton escreveu mais de 40 livros de ficção e não ficção e foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Pulitzer para ficção. Transitava no círculo literário e era amiga de Henry James, F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway, entre outros. Viajou muito e, depois do divórcio e de um caso tórrido, escolheu deixar os Estados Unidos e se mudar para a França. Durante a Primeira Guerra Mundial, Wharton participou ativamente visitando o front e trabalhando com refugiados que, atividades que inspiraram seus textos, além de lhe render uma medalha de reconhecimento do governo francês. Morreu na França aos 75 anos.

Ethan Frome - Apresentada por Edith Wharton

Eu já conhecia alguma coisa da vida nas aldeias da Nova Inglaterra muito antes de ter passado a residir no mesmo condado onde fica minha imaginária Starkfield; no entanto, durante os anos em que ali morei, familiarizei-me muito mais com alguns de seus aspectos.

Mas mesmo antes daquela iniciação, já alimentava uma inquietante impressão de que a Nova Inglaterra da ficção mostrava pouca semelhança — salvo, vagamente, em relação à botânica e à dialetologia — à terra rude e bela que eu tinha visto. Mesmo a abundante enumeração de plantas nativas, assim como a reprodução deliberada do vernáculo local deixavam-me a sensação de que em ambos os casos se desdenhara o afloramento granítico. Tal impressão é meramente pessoal; ela explica Ethan Frome e talvez, para certos leitores, justifique o livro.

Tanto basta com relação à origem da história; nada mais há de interessante para dizer a seu respeito, exceto no que tange à construção da obra.

O problema que se me deparava, tal como me pareceu desde o início, era o seguinte: eu tinha de lidar com um tema cujo clímax (ou melhor, anticlímax) dramático ocorre uma geração depois dos primeiros atos da tragédia. Aparentemente, esse forçoso lapso temporal levaria uma pessoa convicta, como sempre fui, de que todo tema (no sentido que um ficcionista empresta ao termo) contém implicitamente sua própria fôrma e dimensão, a ver em Ethan Frome o tema de um romance. Entretanto, nem por um momento pensei em escrever um romance — pois sentira, ao mesmo tempo, que o tema de minha narrativa não comportava muitas variações. Ele devia ser tratado de maneira tão severa e sumária como a vida sempre se apresentara a meus protagonistas; qualquer tentativa de

lhes minudenciar e complicar os sentimentos teria necessariamente falseado o todo. Com efeito, essas figuras eram os meus afloramentos graníticos, mas apenas quase emergidos do solo e nem um pouco mais sistematicamente organizados.

Tal incompatibilidade entre tema e plano parecia sugerir que fosse cabível, afinal, rejeitar minha situação. Todo romancista já foi visitado pelos insinuantes fantasmas de falsas “boas situações”, temas sereias que atraem o batei do escritor contra os rochedos; com mais frequência ele escuta essa voz sedutora e contempla esse mar fantasioso quando atravessa aquele deserto inóspito que o espera no meio de qualquer obra que esteja elaborando. Eu conhecia perfeitamente a canção entoada por tais sereias, e muitas vezes me amarrara ao trabalho tedioso até não mais conseguir escutar essas tentadoras — que talvez estivessem carregando consigo uma perdida obra-prima em seus véus de arco-íris. No entanto, não as temi no caso de *Ethan Frome*. Foi o primeiro tema que abordei com plena confiança em seu valor, para meu próprio objetivo, e com relativa fé em minha capacidade de exprimir pelo menos parte do que via nele.

Da mesma forma, todo romancista que pretende “dirigir” sua arte já topou com tais temas e se fascinou com a dificuldade de apresentá-los com o maior relevo possível — mas sem lhes acrescentar qualquer ornamento, qualquer artifício de planejamento ou iluminação. Essa era a minha tarefa, se desejava contar a história de *Ethan Frome*. E no caso em apreço, ainda considero justificado meu plano de construção — que contou com a desaprovação imediata e sem reservas dos poucos amigos a quem o descrevi em linhas gerais. A mim me parece, com efeito, que enquanto o romancista confere um clima de artificialismo a uma história de pessoas complexas e refinadas que ele faz serem adivinhadas e interpretadas por um observador qualquer, não há motivo para essa deficiência se o observador for

refinado e as pessoas que ele interpreta forem simples. Se o observador é capaz de ver tudo o que se passa ao redor dessas pessoas, o romancista não violenta a verossimilhança ao lhe permitir exercer tal faculdade; será natural que ele aja como o intermediário compreensivo entre o caráter rudimentar dos personagens e os espíritos mais complexos aos quais está tentando apresentá-los. Tudo isso, porém, é óbvio e só cabe explicá-lo àqueles que jamais pensaram na ficção como uma arte de composição.

O mérito real de minha construção parece-me residir em um pormenor secundário. Eu tinha de encontrar um meio de levar minha tragédia, de maneira a um só tempo natural e romanesca, ao conhecimento de seu narrador. Poderia tê-lo feito sentar-se diante de um bisbilhoteiro de aldeia, que lhe teria despejado toda a história de um fôlego só, mas ao proceder assim eu teria sido infiel a dois elementos essenciais de meu quadro: primeiro, a arraigada reticência e a pouca fluência das pessoas que eu estava tentando descrever; segundo, o efeito de “redondeza” (no sentido plástico) produzido ao deixar que o episódio fosse visto através de olhos tão diferentes como os de Harmon Gow e da Sra. Ned Hale. Cada um de meus cronistas contribui para a narrativa apenas na medida em que ele ou ela é capaz de compreender aquilo que, para eles, é um caso complicado e misterioso; e apenas o narrador da história dispõe de perspectiva suficiente para vê-la em sua inteireza, reduzi-la à simplicidade e situá-la no lugar legítimo entre as categorias maiores.

Não tenho qualquer pretensão de originalidade ao seguir um método para o qual *La Grande Brétèche* e *O anel* e o livro me haviam fornecido exemplo esplêndido; meu único mérito, quiçá, terá sido adivinhar que o procedimento empregado nessas obras também podia ser aplicado a minha breve narrativa.

Escrevi essa sucinta análise — a primeira que já publiquei sobre um de meus livros — porque, como

introdução de um ficcionista à sua obra, não imagino nada de qualquer valor para os leitores senão um comentário sobre o motivo pelo qual decidiu tentar o trabalho em questão e por que escolheu uma e não outra forma para materializá-lo. Esses objetivos fundamentais, os únicos passíveis de serem explicitamente enunciados, devem ser percebidos e trabalhados quase que por instinto pelo artista, antes que ele possa insuflar em sua criação aquele imponderável algo mais que a vivia a preservar um pouco do envelhecimento.

Edith Wharton

ETHAN FROME

Introdução

Vim a saber da história pouco a pouco, da boca de várias pessoas e, como em geral sucede nesses casos, de cada vez foi uma história diferente.

Se você conhece Starkfield, no Massachusetts, conhece a agência dos correios. Se conhece a agência dos correios, decerto terá visto Ethan Frome chegar de charrete até lá, largar as rédeas sobre o baio magro e arrastar-se pela calçada de ladrilhos até a colunata branca; e você decerto perguntou quem era ele.

Foi lá que, há vários anos, eu o vi pela primeira vez; e a visão me puxou para cima afiada. Mesmo assim, ele era a figura mais marcante de Starkfield, apesar de ser apenas a ruína de um homem. Não foi tanto a sua grande altura que o marcou, pois os "nativos" eram facilmente identificados pela longitude de sua longitude de tanque com a raça estrangeira mais numerosa: era o olhar descuidado e poderoso que ele tinha, apesar de uma mangueira verificando cada passo como o idiota de uma corrente. Havia algo sombrio e inacessível em seu rosto, e ele era tão rígido e pardo que eu o tomei por um velho e fiquei surpreso ao saber que ele não tinha mais de cinquenta e dois anos. Eu tinha ouvido isso de Harmon Gow, que havia sido cocheiro de Bettsbridge para Starkfield trole e conhecia a crônica de todas as famílias em seu itinerário.

Ele ficou assim desse jeito desde aquela batida. E isso já vai fazer, agora em fevereiro, vinte e quatro anos — informou Harmon em meio a pausas reminiscências.

A “batida”, fiquei sabendo pelo mesmo informante, além de riscar o talho vermelho que atravessava a testa de Ethan

Frome, havia-lhe encurtado e entortado tanto o lado direito que lhe custava visível esforço dar os poucos passos da charrete ao guichê dos correios. Ele tinha o hábito de vir de sua fazenda, diariamente, por volta do meio-dia, e como também era essa a minha hora de receber a correspondência, era frequente eu passar por ele no pórtico ou ficar a seu lado enquanto acompanhávamos os movimentos da mão que distribuía as cartas por trás da grade. Observei que, conquanto ele fosse pontual, era raro receber outra coisa senão um exemplar do Bettsbridge Eagle, que enfiava sem olhar no bolso frouxo. Vez por outra, no entanto, o agente dos correios lhe entregava um envelope sobrescritado à Sra. Zenobia — ou Sra. Zeena — Frome, e que em geral tinha estampado no canto superior esquerdo o endereço de algum fabricante de medicamentos e o nome de seu específico. Também essas cartas meu vizinho embolsava sem um olhar, como se estivesse por demais habituado a elas para lhes admirar o número e a variedade, e depois se afastava com um silencioso sinal de cabeça para o agente.

Todos em Starkfield o conheciam e lhe dirigiam uma saudação adequada a seu próprio semblante grave; sua taciturnidade era respeitada e só em raras ocasiões os homens mais idosos do lugar o detinham para algumas palavras. Quando isso acontecia, ele escutava tranquilo, com os olhos azuis postos no interlocutor, e respondia em voz

tão baixa que nunca suas palavras chegavam até a mim. Depois, meio emperrado, subia na charrete, juntava as rédeas na mão esquerda e se afastava lentamente para as bandas de sua fazenda.

— Foi uma batida muito feia? — indaguei de Harmon, contemplando o vulto de Frome, que se retirava, e pensando em quão galhardamente sua enxuta cabeça morena, com a cabeleira clara, devia ter encimado seus ombros robustos antes de serem desfigurados.

— Feia em grande quantidade — assentiu meu informante. — Uma coisa daquelas dava para matar qualquer um. Mas esses Frome são uma gente danada de dura. Vai ver, Ethan chega aos cem anos.

— Deus do céu! — exclamei. Naquele instante, depois de subir para seu banco, Ethan Frome havia-se virado, a fim de se certificar da segurança de uma caixa de madeira — também com o rótulo de um fabricante de remédios — que ele colocara na parte de trás da charrete, e eu vi em seu rosto a expressão que provavelmente tinha quando ele se julgava a sós. — Aquele homem chegar aos cem? Mas ele parece que já morreu e está debaixo de sete palmos de terra!

Harmon tirou um rolo de fumo do bolso, cortou um naco e meteu-o na bochecha coriácea.

— Acho que ele passou aqui em Starkfield invernos demais. Quase todos os sabidos vão embora.

— E por que ele não foi?

— Alguém tinha de ficar e tomar conta da família. Nunca ninguém fez isso, a não ser Ethan. Primeiro, o pai... depois a mãe... e depois a mulher dele.

— E então aconteceu o desastre?

Harmon casquinou, sardônico:

— Isso mesmo. Aí ele teve de ficar.

— Entendo. E desde então tiveram de tomar conta dele?

Pensativo, Harmon passou o tabaco para o outro lado da boca.

— Ah, não foi bem assim. Acho que Ethan é que sempre tomou conta dos outros.

Embora Harmon Gow se alongasse na narrativa até onde permitia sua capacidade mental e moral, subsistiam perceptíveis lacunas entre os fatos, e pressenti que o significado mais profundo da história estava nessas lacunas. Uma frase, entretanto, fixou-se em minha memória e serviu como o núcleo em torno do qual agrupei minhas inferências subsequentes: “Acho que ele passou aqui em Starkfield

invernos demais.”

Antes que minha própria estada ali terminasse, eu havia descoberto o que significava isso. No entanto, estive lá nos tempos corrompidos do trem, da bicicleta e da entrega postal rural, quando eram fáceis as comunicações entre as esparsas aldeias das montanhas, e quando as cidades maiores dos vales, como Bettsbridge e Shadd’s Falls, tinham bibliotecas, teatros e salões da Associação Cristã dos Moços, onde os jovens das montanhas podiam buscar recreação. Mas, quando o inverno se abateu sobre Starkfield e a aldeia cobriu-se com um manto de neve que os céus pálidos renovavam perpetuamente, comecei a perceber o que a vida ali — ou antes, a negação da vida — devia ter sido na juventude de Ethan Frome.

Meus empregadores haviam-me mandado para ali por causa de uma obra ligada à grande usina de força do Entroncamento de Corbury, mas uma prolongada greve de carpinteiros havia atrasado tanto o trabalho que me vi preso em Starkfield — O mais próximo local habitado — durante a maior parte do inverno. No princípio agastei-me, mas depois, sob o efeito hipnotizante da rotina, aos poucos comecei a encontrar uma penosa satisfação naquela vida. Nos primeiros tempos de minha estada, havia-me impressionado o contraste entre a vitalidade do clima e a inércia da comunidade. Dia após dia, findas as nevascas de dezembro, um ofuscante céu azul derramava torrentes de luz e ar sobre a paisagem branca, que as devolia numa tal cintilação ainda mais intensa. Seria de imaginar que tal atmosfera ativasse as emoções, bem como o sangue; no entanto, ela não parecia produzir mudança alguma, salvo acentuar ainda mais a pasmaceira de Starkfield. Depois que ali permaneci um pouco mais e vi essa fase de clareza cristalina ser seguida de longos períodos de frio sem sol, depois que as tormentas de fevereiro erigiram suas tendas brancas em torno da aldeia sitiada e a furiosa cavalaria dos ventos de março arremeteu para apoiá-las, comecei a

compreender por que Starkfield saia daqueles seis meses de assédio como uma guarnição famélica capitulando sem condições. Vinte anos antes, os meios de resistência deviam ter sido bem mais restritos, e o inimigo estaria no domínio de quase todas as linhas de acesso entre as aldeias cercadas. E refletindo sobre essas coisas, senti a força sinistra da frase de Harmon; “Quase todos os sabidos vão embora.” Mas, sendo esse o caso, como poderia qualquer combinação de obstáculos ter impedido a fuga de um homem como Ethan Frome?

Durante minha estada em Starkfield, hospedei-me com uma viúva de meia idade, conhecida como Sra. Ned Hale. O pai da Sra. Hale fora o advogado da aldeia na geração anterior, e a “casa do Dr. Varnum”, onde minha senhoria ainda residia com a mãe, era a mansão mais notável do lugar. Situava-se em um extremo da rua principal, com seu pórtico clássico e suas janelas de pequeninas vidraças dando para um caminho lajeado, entre abertos da Noruega, e para a afilada flecha branca da igreja congregacional. Era óbvio que a fortuna dos Varnums minguava, mas as duas mulheres faziam o que estava a seu alcance para preservar uma dignidade decorosa. E a Sra. Hale, em particular, exibia um certo refinamento lânguido que não destoava de sua casa desbotada e antiquada.

Na sala de visitas, com seus paninhos pretos e seus móveis de mogno debilmente iluminados por um gorgolejante lampião, eu escutava, a cada noite, uma outra versão da crônica de Starkfield com matizes mais delicados. Não que a Sra. Ned Hale sentisse, ou afetasse, qualquer superioridade social em relação às pessoas que a circundavam; ocorria apenas que o acaso de uma sensibilidade mais sutil e de um pouco mais de educação havia posto entre ela e seus vizinhos uma distância suficiente para permitir-lhe julgá-los com isenção. Ela não se fazia de rogada para exercer essa prerrogativa, e eu nutria grande esperança de obter dela os fatos ausentes na

história de Ethan Frome, ou mesmo uma explicação de seu caráter que fosse capaz de articular os fatos que eu conhecia. O espírito da Sra. Hale era um repositório de anedotário inócuo, e qualquer pergunta a respeito de seus conhecidos gerava grande quantidade de minúcias; entretanto, no que dizia respeito a Ethan Frome ela se mostrava inesperadamente reticente. Não havia qualquer sinal de desaprovação em sua reserva; eu apenas sentia nela uma intransponível relutância em falar dele ou de sua vida, e era como se um “Sim, eu conheci os dois... foi horrível...” fosse o máximo da concessão que sua relutância era capaz de fazer à minha curiosidade.

Tão acentuada era a mudança em suas maneiras, implicava ela tais profundezas de tristes revelações, que, mesmo alimentando algumas dúvidas quanto à minha delicadeza, voltei a tratar do caso com meu oráculo na aldeia, Harmon Gow. Meus esforços, porém, foram recompensados apenas com resmungos pouco solidários.

— Ruth Varnum sempre foi uma pilha de nervos. Pensando bem, ela foi a primeira pessoa que viu os dois depois que foram tirados. Foi bem na frente da casa do Dr. Varnum, na curva da estrada de Corbury, mais ou menos na época em que Ruth ficou noiva de Ned Hale. Os rapazes e as moças eram amigos uns dos outros, e eu acho que o que acontece é que ela não aguenta falar a respeito daquilo. Ela também já teve bastantes problemas.

Todos os moradores de Starkfield, tal, como em comunidades mais notáveis, haviam tido bastantes problemas para se tomarem relativamente indiferentes aos dos vizinhos; e embora todos reconhecessem que os de Ethan Frome tinham superado a medida comum, ninguém me dava uma explicação para a expressão em seu rosto, uma expressão que, como eu persistia em pensar, nem a pobreza nem o padecimento físico poderiam ter plantado ali. Não obstante, talvez eu me houvesse contentado com a história juntada a partir dessas alusões, não fora a

provocação representada pelo silêncio da Sra. Hale e, um pouco mais adiante, o fato de, por acaso, eu ter tido contato pessoal com o homem.

Por ocasião de minha chegada a Starkfield, Denis Eady, o abastado merceeiro irlandês, que era proprietário daquilo que mais se aproximava de uma cocheira de aluguel em Starkfield, combinara fazer-me transportar todos os dias à Várzea de Corbury, onde eu tinha de pegar o trem até o Entroncamento. Entretanto, por volta de meados do inverno, os cavalos de Eady adoeceram, acometidos de uma epidemia local. A doença disseminou-se por outras estrebarias de Starkfield, e durante um ou dois dias vi-me em apuros para conseguir um meio de transporte. Foi então que Harmon Gow lembrou que o baio de Ethan Frome ainda se aguentava nas pernas e sugeriu que seu dono talvez me transportasse de bom grado.

Espantei-me ante a ideia; — Ethan Frome? Mas eu nunca lhe dirigi a palavra. Por que cargas d'água ele se daria a esse trabalho por minha causa?

A resposta de Harmon surpreendeu-me ainda mais.

— Da vida dele, pouco sei. Mas acho que ele não ficaria aborrecido em ganhar uns trocados.

Haviam-me dito que Frome era pobre e que a serraria e as terras áridas de sua fazenda mal bastavam para manter a família durante o inverno. Mas eu não imaginara que sua penúria fosse tão grande como indicavam as palavras de Harmon, e exprimi meu assombro.

— Bem, as coisas não andavam muito bem para ele — disse Harmon. — Depois que um sujeito fica por aí que nem um traste velho, vinte anos ou mais, sem poder resolver as coisas, isso vai comendo a pessoa por dentro, e ele perde a fibra. Aquela fazenda de Frome foi sempre um estrupício, de uma pobreza de Jó. E o senhor sabe que hoje em dia uma dessas serrarias velhas de roda d'água não vale mais um vintém. Quando Ethan podia se matar de trabalhar na roça e na serraria, do raiar do dia até escurecer, ele dava um

jeito de ganhar a vida. Mas o pessoal dele consumiu com tudo, mesmo naquele tempo, e não sei como ele se arranja agora. Primeiro, o pai dele levou um coice, juntando feno, ficou de miolo mole, e antes de morrer distribuía dinheiro feito água. Depois a mãe ficou ruim da cabeça e se arrastou anos e anos, fraquinha que nem criança de peito; e a mulher dele, Zeena, sempre foi a maior conhecedora de mezinhas aqui na terra. Doenças e dificuldades: nada disso faltou a Ethan, desde que ele se entende por gente.

Na manhã seguinte, ao olhar pela janela, dei com o baio magro entre os abetos dos Varnums, e Ethan Frome, jogando para trás sua surrada pele de urso, abriu espaço para mim no trenó, a seu lado. Depois disso, durante uma semana, ele me conduziu todas as manhãs à Várzea de Corbury e quando eu regressava, à tarde, ele novamente se encontrava comigo e me levava, pela escuridão gelada, até Starkfield.

O trajeto, tanto na ida como na volta, mal chegava a três milhas, mas o velho baio era lerdo e, mesmo com neve firme sob os patins, levávamos quase uma hora de viagem. Ethan Frome guiava em silêncio, com as rédeas presas frouxamente na mão esquerda, e seu lanhado perfil moreno, sob o triângulo do gorro que lembrava um capacete, destacava-se contra os taludes de neve, lembrando a imagem brônzea de um herói. Jamais virava o rosto para mim, nem respondia, exceto com monossílabos, às minhas perguntas ou às ligeiras amenidades que eu arriscava. Ele parecia fazer parte da muda e melancólica paisagem, uma encarnação da frígida angústia do lugar, com tudo que nele era cálido e sensível retido firmemente sob a superfície. Mas nada havia de inamistoso em seu silêncio. Eu tinha somente a impressão de que ele vivia numa profundidade de isolamento morai demasiado remota para permitir acesso fácil e pressentia que sua incomunicabilidade não decorria meramente de seu infortúnio pessoal, trágico como eu o adivinhava, mas que tinha em si, tal como Harmon havia

insinuado, o recôndito frio acumulado de muitos invernos em Starkfield.

Apenas uma ou duas vezes a distância entre nós foi transposta por um momento; e os vislumbres assim lóbrgados confirmaram meu desejo de saber mais. De certa feita sucedeu que eu falasse de uma obra de construção em que trabalhara no ano anterior, na Flórida, e do contraste entre a paisagem hibernai a nosso redor e aquela em que eu me encontrara um ano antes. E para surpresa minha, Frome disse de súbito:

— É, eu estive lá uma vez, e durante muito tempo lembrei daquele panorama no inverno. Mas agora está tudo recoberto, como se tivesse caído neve em cima.

Nada mais disse, e tive que imaginar o resto peia inflexão de sua voz e por seu brusco retorno ao silêncio.

Num outro dia, ao pegar o trem na Várzea, dei pela falta de um volume de divulgação científica — creio que dizia respeito a algumas descobertas recentes no campo da bioquímica — que eu havia levado para ler no percurso. Não pensei mais no caso até subir de volta ao trenó, de tardinha, e dar com o livro na mão de Frome.

— Encontrei depois que o senhor foi embora — disse ele.

Meti o volume no bolso e recaímos em nosso habitual silêncio. Todavia, ao começarmos a subir dificultosamente o longo aclave da Várzea de Corbury para a serra de Starkfield, percebi, no lusco-fusco, que ele havia virado o rosto para mim.

— Há nesse livro coisas de que eu não sabia uma palavra — disse ele.

Admirei menos suas palavras do que o insólito tom de ressentimento em sua voz. Ele estava, evidentemente, surpreso e um tanto contristado com sua própria ignorância.

— Essas coisas lhe interessam?—perguntei.

— Já interessaram.

— Há algumas coisas bastante novas no livro. Tem havido progressos rápidos, ultimamente, nessa linha de

pesquisa. — Esperei, por um momento, uma resposta que não veio. Depois falei: — Se quiser examinar o livro, terei prazer em emprestá-lo.

Ele hesitou, e tive a impressão de que ele se sentia prestes a entregar-se a uma sub-reptícia corrente de inércia. Depois, respondeu, lacônico: — Obrigado ... vou ficar com ele.

Esperei que esse incidente estabelecesse uma comunicação mais direta entre nós. Frome era uma pessoa tão simples e honesta que tive certeza de que sua curiosidade pelo livro se baseava em um interesse genuíno pelo assunto de que tratava. Tais gostos e ilustração, em um homem de sua condição, tornavam ainda mais pungente o contraste entre sua situação externa e suas necessidades interiores, e esperei que a oportunidade de manifestar estas últimas ao menos lhe descerrasse os lábios. Todavia, alguma coisa em sua história passada, ou em seu atual modo de vida, ao que parece, o havia feito ensimesmar-se demais para que algum impulso fortuito o trouxesse de volta ao convívio humano. Em nosso encontro seguinte, ele nenhuma referência fez ao livro e nossa relação parecia fadada a permanecer tão negativa e unilateral como se não tivesse havido qualquer quebra de sua reserva.

Fazia já mais ou menos uma semana que Frome me levava à Várzea quando, certa manhã, olhando por minha janela, vi que nevava forte. A altura das vagas brancas que comprimiam acerca do jardim e a parede da igreja mostrava que a tempestade devia ter durado toda a noite e que lá

fora a neve decerto caía com força. Julguei ser provável que meu trem se atrasasse, mas eu tinha de estar na usina elétrica durante uma ou duas horas naquela tarde e decidi que, se Frome aparecesse, eu iria até a Várzea e esperaria ali até o trem chegar. Entretanto, não sei por que formulei essa resolução no condicional, pois jamais duvidei que Frome viesse. Ele não era o tipo de homem que algum distúrbio dos elementos fizesse desviar-se de sua obrigação;

e na hora aprazada seu trenó chegou, deslizando pela neve como uma aparição teatral, por trás de densos véus de gaze.

Eu já começava a conhecê-lo muito bem para expressar pasmo ou gratidão pelo fato de ele cumprir o trato; mas não sofriei uma exclamação de surpresa ao vê-lo fazer o cavalo virar na direção oposta à da estrada de Corbury.

— A estrada de ferro está bloqueada por um trem de carga que ficou preso na nevasca para lá da Várzea — explicou ele, enquanto seguimos aos solavancos pela brancura ferroaste.

— Mas, escute... para onde está me levando, então?

— Direto ao Entroncamento, pelo caminho mais curto — respondeu ele, apontando para o Morro da Escola com o chicote.

— Ao Entroncamento... nessa tempestade? Mas são umas dez milhas!

— O baio chega lá, com tempo. O senhor disse que precisava ir lá essa tarde. Vou levá-lo.

Frome disse isso com tamanha tranquilidade que só pude responder: — O senhor está me prestando um enorme favor.

— Não há de quê — replicou.

Na altura da escola, a estrada se bifurcava, e entramos por um caminho à esquerda, entre ramagens de cicutas, que quase se colavam aos troncos devido ao peso da neve. Muitas vezes eu caminhara por ali aos domingos e sabia que o telhado solitário que aparecia, entre os galhos nus, perto do sopé do morro era o da serraria de Frome. Tinha um aspecto bastante decrépito, com sua roda preguiçosa avultando sobre a água negra, salpicada de espuma branco-amarelada, e o aglomerado de telheiros vergados sob sua carga branca. Frome nem sequer virou a cabeça ao passarmos por ali, e ainda em silêncio começamos a subir a próxima lomba. Mais ou menos uma milha adiante, numa estrada por onde eu nunca passara, chegamos a um pomar

de macieiras raquíticas que se contorciam numa encosta do morro, entre afloramentos de ardósia que apontavam através da neve como animais que esticassem os focinhos para respirar. Depois do pomar havia um ou dois campos de plantação, cujos limites haviam sumido debaixo da neve. E ainda além, apequenada pelas imensidões brancas de terra e céu, uma daquelas solitárias casas de fazenda da Nova Inglaterra que tornam a paisagem ainda mais isolada.

— É aqui que eu moro — disse Frome, com um safanão oblíquo de seu cotovelo aleijado; e na angústia e opressão da cena eu não soube o que responder. A neve havia parado de cair, e uma nesga de sol aquoso expunha a casa na encosta em toda sua aflitiva fealdade. O espectro negro de uma trepadeira adejava na varanda, e as finas paredes de madeira, debaixo de uma desgastada demão de tinta, pareciam estremecer ante o vento que começara a soprar com o cessar da nevasca.

— A casa era maior no tempo de meu pai. Faz algum tempo, eu tive de demolir o “L” — continuou Frome, refreando com um puxão da rédea esquerda a evidente intenção do baio de entrar pela porteira dilapidada.

Percebi então que o aspecto inusitadamente lastimável e torto da casa devia-se em parte à perda do que se conhece na Nova Inglaterra como o “L”; aquele longo anexo, de telhado recuado, geralmente construído em ângulo reto com a casa principal e ligando-a, de modo a proporcionar depósitos e oficinas, ao telheiro de lenha e ao estábulo das vacas. Seja por causa de seu sentido simbólico — da imagem que ele apresenta de uma vida ligada à terra e que encerra em si as fontes maiores de calor e sustento —, seja tão somente devido à ideia consoladora de que possibilita a quem mora naquele clima rude ir para o trabalho matutino sem ter de arrostar as intempéries, o certo é que o “L”, mais que a casa em si, parece constituir o centro, a verdadeira alma das fazendas da Nova Inglaterra. É possível que tenha sido essa associação de ideias, que com tanta frequência

me haviam ocorrido em minhas perambulações por Starkifeld, que me fizeram sentir um tom tristonho nas palavras de Frome e ver na habitação diminuída a imagem do próprio corpo atrofiado de seu dono.

— Hoje em dia a gente anda meio esquecida por esses lados — continuou ele —, mas havia muito tráfego por aqui antes que a estrada de ferro chegasse até a Várzea. — Frome incitou o baio, que se retardava, com outro puxão. A seguir, como se o mero fato de eu ter visto sua casa me houvesse tornado demasiado íntimo dele para qualquer pretensão de reserva, ele prosseguiu, lentamente: — Sempre achei que os maiores problemas de minha mãe vieram disso. Quando o reumatismo dela piorou tanto que ela não conseguia mais andar, costumava ficar sentada ali, olhando a estrada horas e horas; e no ano em que levaram seis meses consertando a estrada de Bettsbridge, depois das cheias, e Harmon Gow teve de dar a volta com a diligência por aqui, ela melhorou tanto que pegou o costume de vir até a porteira quase todo dia, para ver Gow. Mas depois que os trens começaram a funcionar, quase ninguém mais passou por aqui, e mamãe nunca conseguiu entender o que havia acontecido. Ficou atazanada com isso até morrer.

Ao virarmos para a estrada de Corbury, a neve recomeçou a cair, impedindo qualquer vislumbre da casa; e com a neve veio também o silêncio de Frome, que fez cair entre nós o velho véu da reticência. Dessa vez o vento não cessou com o retorno da neve. Em vez disso, transformou-se em um vendaval que de quando em quando arrojava pálidas nêgas de sol, desde o céu retalhado, sobre uma paisagem em convulsão. O baio, porém, era de confiança, como dissera Frome, e conseguimos chegar ao Entroncamento em meio à furiosa tormenta.

De tarde a tempestade amainou e a limpidez do céu no oeste pareceu, a meus olhos inexperientes, uma promessa de noite calma. Terminei minha tarefa tão depressa quanto

pude, e partimos de regresso a Starkfield com boas possibilidades de chegarmos antes do jantar. Mas ao crepúsculo as nuvens se encastelaram outra vez, fazendo a noite sobrevir mais cedo, e a neve pôs-se a cair, reta e incessante, de um céu sem vento, numa macia difusão universal que causava mais desorientação que as rajadas e os turbilhões da manhã. Essa difusão parecia ser uma parte das trevas que se adensavam, parecia ser a própria noite invernal que descia sobre nós, camada após camada.

O débil raio da lanterna de Frome em breve se perdeu no ambiente caliginoso, no qual até mesmo seu senso de direção e o instinto do baio finalmente deixaram de nos servir. Por duas ou três vezes assomou algum marco fantasmagórico, alertando que nós havíamos extraviado, sendo logo engolfado pelos bulções; e quando enfim tornamos a alcançar a estrada, a velha alimária começou a dar mostras de exaustão. Eu me sentia culpado por ter aceitado o oferecimento de Frome, e após uma breve altercação persuadi-o a deixar-me sair do trenó e caminhar pela neve, ao lado do baio. Assim avançamos a custo por mais uma a duas milhas, chegando enfim a um ponto em que Frome, perscrutando o que a mim parecia ser a noite informe, declarou; — Lá está minha porteira, mais adiante.

O último trecho fora a parte mais difícil do trajeto. O frio cortante e as condições aflitivas da estrada haviam-me deixado sem fôlego, e eu sentia

O lombo do cavalo palpitando como um relógio sob minha mão.

— Escute, Frome — comecei —, não adianta nada você querer prosseguir caminho e ... — mas ele me interrompeu:

— Tampouco para o senhor. Já basta disso para qualquer pessoa.

Compreendi que ele me oferecia pousada na fazenda, e sem responder entrei pela porteira a seu lado, acompanhando-o ao estábulo, onde o ajudei a desatrelar e acomodar o fatigado animal. Feito isto, ele desenganchou a

lanterna do trenó, voltou a sair para a escuridão e me chamou, voltando a cabeça: — Por aqui.

À distância, um quadrado de luz bruxuleava em meio ao manto de neve. Seguindo Frome aos tropeções, patinhei em sua direção, e no negror quase cai sobre um monte de neve acumulado contra a frente da casa. Frome barafustou-se pelos degraus escorregadios da varanda, abrindo um sulco na neve com suas pesadas botas. Depois ergueu a lanterna, localizou a tranca e entrou na casa. Acompanhei-o por um corredor baixo e escuro, ao fundo do qual uma escada muito íngreme subia na escuridão. À nossa direita, uma réstia assinalava a porta do cômodo que havia projetado o raio de luz pela noite; e por trás da porta escutei uma voz feminina, monótona e lamurienta.

Frome bateu os pés no oleado gasto, para sacudir a neve das botas, e depôs a lanterna sobre um tamborete que era a única peça de mobiliário no corredor. Depois abriu a porta.

— Entre — disse. E quando ele falava, a voz da mulher emudeceu.

Foi naquela noite que encontrei a chave do mistério de Ethan Frome e comecei a concatenar essa visão de sua história ...

Capítulo I

A aldeia jazia sob dois pés de neve, que remoinhava nos desvãos batidos pelo vento. Num céu de ferro, as pontas da Ursa pendiam como pingentes de gelo e Órion dardejava seus raios frios. A lua declinara, mas a noite estava tão transparente que as fachadas brancas das casas, entre os olmos, pareciam cinzentas contra a neve, arvoredos eram como que manchas negras e as janelas do porão da igreja lançavam feixes de luz amarela até muito longe nas intermináveis ondulações.

O jovem Ethan Frome seguia a passo rápido pela rua deserta. Passou pelo banco, pela loja de tijolos de Michael Eady e pela casa do Dr. Varem um, a que tinha os dois negros abetos da Noruega no portão. Defronte ao portão dos Varnums, onde a estrada descia na direção do vale de Corbury, a igreja ostentava sua esguia flecha branca e seu estreito peristilo. No momento em que o moço caminhava em sua direção, as janelas superiores desenhavam uma arcada negra na parede lateral do prédio, mas das aberturas inferiores, no lado em que o terreno caía, íngreme, sobre a estrada de Corbury, a luz desfechava suas longas listras, iluminando muitos sulcos recentes na trilha que levava à porta do porão e revelando, sob um barracão contíguo, uma fileira de trenós com cavalos cobertos com pesadas mantas.

A noite estava perfeitamente imóvel, e o ar tão seco e puro que causava pouca sensação de frio. O efeito produzido em Frome era antes o de uma completa ausência de atmosfera, como se nada menos tênue que o éter se interpusse entre o solo branco sob seus pés e a redoma metálica no alto. “É como estar dentro de uma câmara de vácuo”, pensou ele. Quatro ou cinco anos antes, havia estudado durante um ano numa escola técnica em Worcester, fazendo pesquisas no laboratório com um benevolente professor de física; e as imagens proporcionadas por aquela experiência ainda afloravam, em momentos inesperados, nas associações de ideias, totalmente diferentes, em que estivera vivendo desde então. A morte do pai e as desditas que a seguiram havia posto um fim prematuro aos estudos de Ethan. Entretanto, embora não tivessem progredido o suficiente para ser de muita utilidade prática, os estudos lhe haviam alimentado a imaginação e dado consciência dos gigantescos significados nebulosos que se escondiam atrás da face cotidiana das coisas.

Enquanto ele passeava pela neve, a sensação de tais

significados brilhava em seu cérebro e se misturava com o fluxo corporal produzido por sua vagabunda afiada. No final da aldeia, ele fez uma pausa diante da frente escura da igreja. Ele ficou ali um momento, respirando rapidamente, e olhando para cima e para baixo na rua, na qual não se movia mais uma figura. O campo da estrada de Corbury, abaixo dos abetos do advogado Varnum, era o campo de pouso preferido de Starkfield, e à noite, a esquina da igreja ficava até tarde com os gritos das bases; mas nem um trenó escureceu a brancura da longa declividade. O silêncio da meia-noite estava sobre a aldeia, e toda a sua vida acordada estava reunida atrás das janelas da igreja, de onde corriam linhagens de música dançante com as largas faixas de luz amarela.

O jovem, contornando a lateral do prédio, desceu a ladeira em direção à porta do porão. Para se manter fora do alcance dos raios reveladores de dentro ele fez um circuito através da neve sem neve e gradualmente se aproximou do ângulo mais distante da parede do porão. Dali, ainda abraçando a sombra, ele se adiantou cautelosamente até a janela mais próxima, segurando seu corpo de reserva reto e guinchando o pescoço até ter um vislumbre da sala.

Vista assim, da escuridão pura e gélida em que ele se achava, a sala parecia mergulhada numa névoa de calor. Os refletores metálicos dos jatos de gás lançavam fortes ondas de luz contra as paredes caiadas, e os flancos de ferro da estufa, no fundo da sala, pareciam fremir com fogos vulcânicos. A sala estava apinhada de moças e rapazes. Junto à parede lateral, que dava frente para a janela, alinhava-se uma fileira de cadeiras, das quais as senhoras de mais idade tinham acabado de levantar-se. A essa altura a dança havia cessado, e os músicos — um rabequista e a moça que tocava o harmônio aos domingos — comiam apressadamente em um canto da mesa da ceia, coberta de devastadas travessas de tortas salgadas e de pratos de sorvete e colocada sobre o estrado no fundo da sala. Os

convidados preparavam-se para sair e a maioria já se encaminhava para a passagem, onde estavam pendurados os casacos e as capas, quando um rapaz lépido, de cabelos negros, saltou para o meio da sala e bateu palmas. O sinal teve efeito instantâneo. Os músicos correram para seus instrumentos, os dançarinos — alguns deles já meio agasalhados para partir — fizeram filas de cada lado do salão, os espectadores mais velhos retornaram às suas cadeiras e o jovem vivaz, depois de desaparecer aqui e ali no grupo, puxou uma moça que já havia passado uma mantilha cor de cereja em torno da cabeça e, conduzindo-a até o fundo da sala, percorreu toda sua extensão ao ritmo saltitante de um rio.

O coração de Frome bateu depressa. Ele estivera tentando um vislumbre da cabeça morena sob a mantilha cor de cereja e exasperava-o o fato de outros olhos terem sido mais rápidos que os seus. O guia da contradança, que pela aparência tinha sangue irlandês nas veias, dançava bem e sua companheira foi contagiada por sua animação. Enquanto ela seguia pela fila, com sua figura esguia indo de mão em mão em rodopios de crescente ligeireza, a mantilha soltou-se, voejando sobre seus ombros, e Frome, a cada volteio, via-lhe de relance os lábios ofegantes e sorridentes, a mancha de cabelos negros em torno da testa e os olhos escuros que pareciam ser os únicos pontos fixos em um emaranhado de linhas fugidias.

Os dançarinos rodavam cada vez mais depressa, e os músicos, para acompanhá-los, sovavam os instrumentos como jóqueis vergastando suas montarias na reta de chegada; no entanto, ao jovem que olhava pela janela parecia que o rio não terminava nunca. De vez em quando ele desviava os olhos do rosto da moça para o de seu par, que, na alegria da dança, havia assumido uma expressão de propriedade quase impudente. Denis Eady era filho de Michael Eady, o ambicioso merceeiro irlandês, cuja diligência e desfaçatez tinham dado a Starkfield sua

primeira ideia de métodos comerciais “dinâmicos” e cuja nova loja de tijolos atestava o êxito da tentativa. Parecia provável que o filho lhe seguisse os passos, entretanto aplicava as mesmas artes à conquista das donzelas de Starkfield. Até então Ethan Frome se satisfizera em considerá-lo um sujeito medíocre; agora, porém, ele estava verdadeiramente pedindo uma surra de relho. Era estranho que a moça parecesse não dar pela coisa; que ela fosse capaz de erguer o rosto extasiado para o seu par e largar as mãos nas dele, sem parecer sentir o insulto de seu olhar e de seu toque.

Frome havia-se habituado a caminhar até Starkfield para ir buscar Mattie Silver, prima de sua mulher, nas raras noites em que uma oportunidade de diversão a levava à aldeia. Fora a mulher de Ethan quem sugerira, quando a moça tinha ido viver com eles, que tais oportunidades lhe fossem proporcionadas. Mattie Silver era de Stamford, e quando foi morar na casa dos Frome, para ajudar sua prima Zeena, decidiu-se que seria bom, já que trabalharia de graça, ela não sentir um contraste muito grande entre a vida que deixara e o isolamento de uma fazenda em Starkfield. Entretanto, não fosse isso, refletia Frome com sarcasmo, dificilmente teria ocorrido a Zeena qualquer preocupação quanto a diversão para a moça.

Quando, pela primeira vez, sua mulher propusera que deviam possibilitar a Mattie alguma ocasional recreação noturna, Ethan havia no íntimo objetado a essa caminhada à aldeia, que o obrigaria a fazer mais duas milhas, de ida e volta, depois de um duro dia de trabalho na fazenda. Contudo, não passara muito tempo e ele havia chegado ao ponto de desejar que Starkfield dedicasse todas as suas noites a folguedos.

Mattie Silver vivia sob seu teto havia já um ano e desde bem cedo de manhã até se encontrarem ao jantar ele tinha frequentes oportunidades de vê-la; mas não havia momentos na companhia de Mattie que se comparassem

àqueles em que, de braços dados e com ela apressando o passo miúdo para lhe acompanhar as largas passadas, caminhavam de volta, à noite, para a fazenda. Ele afeiçoara à moça desde o primeiro dia, quando fora de charrete à Várzea para recebê-la e ela havia sorrido e acenado para ele do trem, gritando: “Você deve ser Ethan!” enquanto pulava do vagão com suas trouxas, ao mesmo tempo em que ele refletia, examinando sua figura: “Ela parece não ser grande coisa para o serviço de casa, mas também não é nenhuma rabugenta.” Mas não aconteceu apenas que a vinda para sua casa de um pouco de juventude esperançosa fosse como acender fogo numa lareira fria. A moça era mais do que uma vivaz criatura prestativa, como ele a havia julgado. Tinha olhos para ver e ouvidos para ouvir: Ethan podia mostrar-lhe e dizer-lhe coisas, bem como provar a felicidade de sentir que tudo quanto lhe transmitia deixava longas reverberações e ecos que ele podia evocar à vontade.

Era durante tais caminhadas noturnas, de volta à fazenda, que ele mais intensamente sentia a doçura dessa comunhão. Ele sempre fora mais sensível que as pessoas que o rodeavam à atração da beleza natural. Seus estudos inacabados haviam dado forma a essa sensibilidade, e mesmo em seus momentos de maior infelicidade a terra e o céu lhe falavam com profunda e pujante persuasão. Até então, porém, a emoção permanecera nele como uma dor silenciosa, velando de tristeza o encanto que a despertava. Ele nem sequer sabia se outra pessoa no mundo sentia o mesmo, ou se era a vítima única desse melancólico privilégio.

Então veio a saber que uma outra alma estremecera sob o mesmo toque do maravilhoso: que a seu lado, vivendo sob seu teto e comendo de seu pão, havia uma criatura a quem ele podia dizer: “Aquela, mais para lá, é Órion; a estrelona à direita é Aldebarã, e o monte de pequeninhas... como um enxame de abelhas... são as Plêiades...”, ou a quem ele podia manter enlevada, diante de uma saliência de granito

que repontava em meio às samambaias, enquanto ele expunha o panorama colossal da era glacial e os prolongados períodos indistintos das eras subsequentes. O fato de a admiração por seu saber se misturar ao arrebatamento de Mattie pelo que lhe ensinava não era a parte menor do prazer que ele sentia. E havia outras sensações, menos definíveis, porém mais delicadas, que os aproximavam com um impacto de silencioso deleite: o rubor frio do crepúsculo por trás das colinas nevadas, o voo de nuvens em bandos sobre encostas de restolhos dourados, ou as sombras intensamente azuis das cicutas na neve ensolarada. De certa feita em que ela lhe disse “Parece até que foi pintado!” Ethan teve a impressão de que a arte da definição não poderia ir além, e que enfim haviam sido encontradas palavras para exprimir sua alma secreta...

De pé na escuridão, fora da igreja, essas recordações o assaltaram com pungência das coisas esvanecidas. Vendo Mattie voltejar pelo salão de mão em mão, ele se espantava: como podia ter imaginado algum dia que sua conversa tediosa interessasse àquela moça? Para ele, que nunca era alegre exceto na presença de Mattie, a alegria dela parecia ser prova cabal de indiferença. O rosto que ela erguia para seus pares era o mesmo que, quando ela o via, se assemelhava sempre a uma janela em que batesse a luz do ocaso. Frome notou até dois ou três gestos que, em sua estultícia, julgara que ela guardava só para ele: um jeito de jogar a cabeça para trás quando achava graça, como que sentindo o sabor de seu riso antes de soltá-lo, e um vazo de baixar as pálpebras devagarinho quando alguma coisa a fascinava ou comovia.

A cena deixou-o infeliz e a infelicidade despertou-lhe os temores latentes. Sua mulher jamais demonstrara qualquer ciúme em relação a Mattie, mas ultimamente vinha resmungando cada vez mais por causa do trabalho da casa e achava modos indiretos de chamar atenção para a ineficiência da moça. Zeena sempre fora o que em

Starkfield era chamado de “achacada” e Frome tinha de admitir que, se ela estava tão enferma quanto acreditava, precisaria da ajuda de um braço mais forte do que aquele que repousava tão levemente no seu durante as caminhadas noturnas para a fazenda. Mattie não tinha pendor natural para o serviço doméstico, e sua educação em nada contribuirá para remediar a deficiência. Aprendia depressa, mas era distraída e sonhadora, nem se dispunha a levar a questão a sério. Ethan imaginava que se ela se casasse com um homem de quem gostasse, o instinto adormecido despertaria e suas tortas e biscoitos se tornariam o orgulho da região; mas a domesticidade em abstrato não lhe interessava. No começo ela se mostrava tão desajeitada que Ethan não podia deixar de rir; mas a moça ria junto e isso os tornou melhores amigos. Ele fazia o quanto podia para suplementar os esforços ineptos dela, levantando-se mais cedo do que de costume para acender o fogão da cozinha, carregando a lenha de noite e deixando de lado a serraria pela fazenda, para poder ajudá-la em casa durante o dia. Até descia pé ante pé, nas noites de sábado, para esfregar o chão da cozinha depois que as mulheres se haviam recolhido; e Zeena, certo dia, o surpreendera na desnatadeira e se afastara em silêncio, com uma de suas expressões esquisitas.

Ultimamente houvera outros sinais de seu desagrado, tão intangíveis quanto estes, porém mais inquietantes. Numa manhã fria de inverno, enquanto ele se vestia no escuro, com a chama da vela estremecendo por causa da corrente de ar da janela mal ajustada, ele a ouvira falar da cama, às suas costas.

— O doutor não quer que eu fique sem ninguém para me ajudar — disse ela, com sua voz lamentosa.

Ele a imaginara adormecida, e o som de sua voz o assustara, embora ela fosse dada a abruptas explosões de palavras após longos intervalos de silêncio reservado.

Ele se virou e olhou para Zeena, cujo vulto era

vagamente delineado pela colcha escura de chita; a alvura do travesseiro conferia a seu rosto ossudo uma tonalidade acinzentada.

— Ninguém para ajudar você? — repetiu ele.

— Você diz que não pode pagar uma empregada quando Mattie for embora.

Frome virou-se de novo e, levantando a navalha, curvou-se para ver o reflexo de sua face esticada no espelho enodado sobre o suporte da bacia.

— Mas por que Mattie haveria de ir embora?

— Bem, quero dizer, quando ela se casar — disse sua mulher arrastando a voz.

— Ora, ela nunca vai nos deixar enquanto você precisar dela — respondeu ele, correndo a lâmina com força no queixo.

— Nunca hei de querer que digam que impedi que uma moça pobre como Mattie se casasse com um rapaz ladino como Denis Eady — respondeu Zeena em um tom de queixoso desprendimento.

Fitando seu rosto no espelho, Ethan virou a cabeça para trás, a fim de passar a navalha da orelha até o queixo. Sua mão estava firme, mas a posição era uma desculpa para não dar resposta imediata.

— E o médico não quer que eu fique sem ninguém — prosseguiu Zeena. — Ele queria que eu conversasse com você sobre uma moça de que ele ouviu falar, e que pode...

Ethan depôs a navalha e endireitou o corpo, rindo.

— Denis Eady ! Se isso é tudo, acho que não é preciso tanta pressa para procurar alguma empregada.

— Bem, eu queria conversar com você sobre isso — disse Zeena, obstinada.

Ele enfiava as roupas com uma pressa desajeitada. — Está certo. Mas agora não tenho tempo. Já estou atrasado — retrucou, aproximando da vela seu velho cebolão de prata.

Aparentemente aceitando isso como conclusivo, Zeena ficou a olhá-lo em silêncio, enquanto ele puxava os

suspensórios sobre os ombros e metia os braços no casaco. Mas quando ele caminhou para a porta, ela disse, súbita e incisivamente:

— Parece que agora, que você se barbeia todo santo dia, está sempre atrasado.

Essa investida o assustara mais do que qualquer insinuação vaga sobre Denis Eady. Era verdade que, desde a vinda de Mattie Silver, ele passara a barbear-se a cada manhã. Mas sua mulher sempre parecia estar dormindo quando ele deixava a cama na escuridão do inverno, e ele havia estupidamente imaginado que Zeena não notaria nenhuma alteração em seu aspecto. Por uma ou duas vezes no passado ele se sentira levemente inquieto pela maneira como Zenobia deixava as coisas acontecerem sem parecer observá-las, e depois, passadas semanas, revelava numa frase casual que não deixará de notar tudo e tirar suas inferências. Ultimamente, no entanto, não houvera lugar em seus pensamentos para tais apreensões vagas. A própria Zeena se transformara de realidade opressiva em sombra incorpórea. Toda a sua vida era dedicada a ver e ouvir Mattie Silver, e ele já não conseguia imaginar viver de outra forma. Agora, porém, diante da igreja e vendo Mattie rodopiar pela sala com Denis Eady, uma multidão de insinuações e ameaças desdenhadas urdiam uma nuvem em torno de seu espírito...

Capítulo II

Enquanto os dançarinos debandavam do salão, Frome, recuando para trás da porta externa, assistiu à separação de grupos grotescamente agasalhados, nos quais uma lanterna balouçante vez por outra iluminava um rosto ruborizado pelo alimento e pela dança. Por estarem a pé, os moradores da aldeia foram os primeiros a subir a ladeira que levava à rua principal, enquanto seus vizinhos da roça

se instalavam mais lentamente nos trenós sob o barracão.

— Não veio de trenó, Mattie? — gritou uma voz feminina no grupo reunido junto ao barracão, e o coração de Ethan teve um sobressalto. Do lugar onde se encontrava, não conseguia avistar as pessoas que saíam do salão antes que se adiantassem alguns passos além das bandeiras da porta; entretanto, através das fendas, escutou uma voz clara responder:

— Não, graças a Deus. Não numa noite dessas.

Ela estava ali, então, perto dele, e achavam-se separados apenas por uma tábua fina. Mais um instante e ela sairia para a noite, e os olhos dele, acostumados à escuridão, a discerniriam com toda clareza, tal como se a vissem em plena luz do dia. Uma onda de timidez o fez retroceder para o ângulo escuro da parede, e ele ficou ali em silêncio, ao invés de se apresentar a ela. Desde o começo, uma das surpresas da relação entre ambos fora que ela, dos dois a pessoa mais sagaz, sutil e expressiva, em vez de esmagá-lo pelo contraste, passara-lhe um pouco de sua própria naturalidade e desenvoltura; naquele momento, porém, ele se sentia tão acanhado e rústico como em seus tempos de estudante, quando havia tentado agradar as moças de Worcester em um piquenique.

Ethan recuou e ela saiu sozinha, detendo-se a poucos passos dele. Foi quase a última pessoa a sair do salão, e ficou a olhar em torno, hesitante, como que surpresa por ele não aparecer. Então aproximou-se um vulto de homem, parando tão perto dela que, sob seus agasalhos informes, pareciam fundidos numa única silhueta indistinta.

— Seu amigo lhe deu o bolo? Ora, Matt, que coisa feia! Não, eu não seria canalha a ponto de contar às outras meninas. Não sou tão baixo assim — Como Frome detestava essa piada grosseira.

— Mas, escute, não é uma sorte eu estar com o trenó do velho ali, esperando por nós?

Frome escutou a voz da moça, jovialmente incrédula:

— E o que é que o trenó de seu pai está fazendo ali?

— O quê? Esperamos que eu dê um passeio nele. Estou com o potro roan também. Eu estava adivinhando que ia querer passear essa noite. — Triunfante, Eady tentava injetar um tom sentimental em sua bazófia.

A moça deu mostras de vacilar, e Frome viu-a enrolar irresolutamente a ponta da mantilha em volta dos dedos. Por nada no mundo ele lhe faria um sinal, embora tivesse a impressão de que sua vida dependia do próximo gesto dela.

— Espere um minuto enquanto eu solto o potro — gritou-lhe Denis, correndo para o barracão.

Ela permaneceu inteiramente imóvel, olhando para ele, numa atitude de serena expectativa, torturante para aquele que, escondido, a vigiava. Frome notou que ela já não virava a cabeça daqui para ali, como se perscrutasse a noite em busca de outro vulto. Ela deixou que Denis Eady trouxesse o cavalo para fora, subisse no trenó e ajeitasse a pele de urso para preparar lugar para ela a seu lado; então, com um rápido movimento de fuga, ela deu meia volta e precipitou-se ladeira acima, na direção da porta da igreja.

— Até logo! Espero que faça um bom passeio! — gritou ela para Eady, voltando a cabeça.

Denis riu, dando no cavalo uma chicotada que o fez alcançá-la rapidamente.

— Venha! Suba logo! Essa curva está escorregando bastante — bradou ele, debruçando-se para lhe estender a mão.

Matt riu:

— Boa noite! Não vou subir.

A essa altura já se encontravam fora dos ouvidos de Frome, que só conseguia acompanhar a espectral pantomima de suas silhuetas, enquanto eles continuavam a mover-se na crista do aclave, lá no alto. Viu Eady, após um momento, saltar do trenó e encaminhar-se para a moça com as rédeas sobre um braço, enquanto tentava abraçá-la com o outro; entretanto, ela se esquivou com agilidade, e o

coração de Frome, que balançara sobre um abismo negro, voltou à segurança, embora trêmulo. Um instante depois, ele ouviu o tilintar de sinos de trenó e percebeu um vulto solitário que avançava em direção à clareira coberta de neve diante da igreja.

Na sombra negra dos abetos dos Varnums, Frome se colocou ao lado de Matt, que se virou assustada. — Oh!

— Pensou que eu havia esquecido você, Matt? — perguntou ele, com acanhada alegria.

Ela respondeu com seriedade: — Achei que talvez você não pudesse vir me buscar.

— Não pudesse? O que me teria impedido?

— Eu sabia que Zeena não estava se sentindo muito bem hoje.

— Ah, ela se deitou há muito tempo. — Ethan fez uma pausa, em dúvida quanto a uma pergunta. — Então você pretendia andar sozinha até a fazenda?

— Medo eu não tenho! — respondeu ela, com uma risada.

Estavam juntos na penumbra dos abetos, e um mundo vazio tremeluzia ao redor deles, vasto e cinzento sob as estrelas. Ethan fez enfim a pergunta que queria.

— Se pensou que eu não tinha vindo, por que não voltou com Denis Eady?

— Ethan, onde você estava? Como sabe disso? Em nenhum momento vi você!

O pasmo de Matt e o riso de Ethan correram juntos como regatos de primavera em um degelo. Ele teve a sensação de haver feito uma coisa astuta e engenhosa. Para prolongar o efeito, buscou em vão uma frase fascinante, e disse enfim, em um grunhido enlevado: — Vamos embora.

Enfiou um braço no dela, como Eady havia feito, e julgou sentir que ela o apertava de leve contra si; mas nenhum deles se moveu. Estava tão escuro sob os abetos que ele mal podia ver-lhe a cabeça ao lado de seu ombro. Frome ansiava por baixar o rosto e roçá-lo contra a mantilha de

Mattie. Gostaria de permanecer ali, com ela, á noite toda. Mattie avançou um passo ou dois e novamente se deteve sobre o declive da estrada de Corbury. A encosta congelada, riscada por inúmeros patins de tobogãs, parecia um espelho arranhado por viajantes numa hospedaria.

— Havia uma porção de gente deslizando aí antes que a lua caísse — disse ela.

— Gostaria de vir deslizar com eles uma noite dessas?

— Ah, você me traz, Ethan? Seria maravilhoso!

— A gente vem amanhã, se houver lua.

Ela se deixou ficar ali, chegando mais junto

dele. — Ned Hale e Ruth Varnum quase bateram naquele olmo grande lá embaixo. Todos nós achamos que tinham morrido! — Frome sentiu o braço de Mattie estremecer. — Teria sido horroroso, não é? Eles são tão felizes!

— Ah, Ned não é muito bom de direção. Acho que eu posso levar você sem nenhum problema! — disse ele, desdenhoso.

Tinha consciência de que estava “contando prosa”, tal como Denis Eady; mas sua reação de alegria o tirara do sério, e o tom com que ela havia dito, sobre o casal de noivos, “Eles são tão felizes!”, fizera com que as palavras deixassem a impressão de que Mattie estivera pensando nela própria e nele.

— É, mas o olmo é perigoso mesmo. Deviam cortar aquela árvore — insistiu ela.

— Você ficaria com medo se estivesse comigo?

— Já disse que não sou medrosa — replicou ela, quase com indiferença. E de repente pôs-se a andar, com passo rápido.

Essas alterações de ânimo eram o desespero e a alegria de Ethan Frome. Os impulsos do espírito de Mattie eram incalculáveis como os meneios de um pássaro nos galhos. O fato de ele não ter nenhum direito de demonstrar seus sentimentos, e assim provocar a manifestação dos dela, levava-o a atribuir importância descomunal a toda mudança

no rosto e na voz de Mattie, Num momento, ele julgava que ela o compreendia, e tinha medo; em outro, certificava-se de que isso não acontecia, e desesperava-se. Naquela noite, o peso das apreensões acumuladas fazia a balança pender para o desespero, e a indiferença dela era ainda mais desalentadora após o assomo de júbilo em que ela o lançara ao repudiar Denis Eady. Frome subiu o Morro da Escola ao lado dela e continuou a caminhar em silêncio até chegarem à estradinha que levava à serraria. Ai então, a necessidade de uma certeza definida tornou-se forte demais para ele.

— Você me teria encontrado logo se não tivesse voltado para dançar aquele último rio com Denis — disse ele, sem jeito. Era incapaz de pronunciar aquele nome sem um enrijecimento dos músculos da garganta.

— Ora, Ethan, como eu podia saber que você estava ali?

— O que as pessoas andam dizendo deve ser verdade — disse ele, acusador, ao invés de responder.

Ela estacou de súbito, e ele sentiu, na escuridão, que o rosto dela se erguia rapidamente.

— E o que é que as pessoas andam dizendo?

— É muito natural que você queira sair de nossa casa — ele continuou, atrapalhado, seguindo seu próprio pensamento.

— É isso que estão dizendo? — perguntou ela, zombeteira. E, a seguir, baixou repentinamente a voz aguda e doce. — Você quer dizer que Zeena... não está mais satisfeita comigo? — balbuciou.

Os braços deles haviam-se soltado, e os dois quedaram-se imóveis, cada qual tentando distinguir o rosto do outro.

— Eu sei que não sou tão esperta como devia — prosseguiu, enquanto ele em vão procurava o que dizer. — Há muitas coisas que uma empregada poderia fazer e que eu ainda não sei direito e eu não tenho muita força. Mas se ela me ensinasse, eu iria tentar. Você sabe que ela nunca me diz nada, e às vezes eu vejo que ela não está satisfeita, mas fico sem saber por quê. — Matt virou-se para ele com

um repentino arroubo indignado. — Você tem de me dizer, Ethan Frome... tem de me dizer! A menos que você também queira que eu vá embora...

A menos que ele também quisesse que ela fosse embora! O grito foi um bálsamo para sua ferida em carne viva. O céu de ferro pareceu fundir-se e desfazer-se numa chuva de doçura. Novamente ele lutou em busca de uma palavra que tudo expressasse, e mais uma vez, com o braço no dela, encontrou somente um cavernoso “Vamos”.

Caminharam em silêncio pela trilha ladeada de cicutas, onde a serraria de Ethan aparecia indistintamente na paisagem noturna, e saíram de novo para a relativa limpidez dos campos. No extremo da fileira de cicutas, o campo aberto se desdobrava diante deles, cinzento e ermo sob as estrelas. Por vezes o caminho os fazia passar pela sombra de um barranco que se projetava para adiante ou através da rala obscuridade de um grupo de árvores desfolhadas. Aqui e ali surgia uma casa de fazenda distante, entre os campos, muda e fria como uma pedra tumular. A noite estava tão quieta que eles ouviam a neve congelada estalar sob seus pés. O estrépito de um galho pejado de neve que caía ao longe, nas matas, reverberava como um tiro de mosquete, e em certo momento uma raposa regougou e Mattie estreitou-se mais a Ethan, apressando o passo.

Por fim avistaram o grupo de lariços junto à porteira de Ethan, e ao se aproximarem deles a consciência de que a caminhada terminara trouxe de volta palavras a Ethan.

— Então, não quer nos deixar, Matt?

Ele teve de baixar a cabeça para escutar o sussurro abafado: — Para onde eu iria, se fosse embora?

A resposta fez perpassar por ele uma onda de agonia, mas o tom de voz inundou-o de regozijo. Esqueceu o que pretendia acrescentar e fez com que ela se achegasse tão perto dele que sentiu o calor de Mattie em suas próprias veias.

— Está chorando, Matt?

— Claro que não. Não estou, não — disse ela, com voz sumida.

Entraram pela porteira e passaram junto ao outeiro sombreado onde, circundadas por uma cerca baixa, as lápides dos Frome apontavam, inclinadas em ângulos loucos, através da neve. Ethan olhou-as com curiosidade. Havia anos que aquele plácido grupo zombava de sua inquietação, de seu desejo de mudança e liberdade. “Nós nunca fomos embora... Por que você haveria de ir? — eis o que parecia estar escrito em cada lousa. E de cada vez que ele passava pela porteira, entrando ou saindo, pensava com um estremeção: “Terei de continuar vivendo aqui até juntar-me a eles.” Mas agora todo desejo de mudança havia

desvanecido, e a visão do pequeno cercado lhe causava uma cálida sensação de permanência e estabilidade.

— Acho que nunca vamos deixar você ir embora, Matt — murmurou ele, como se até os mortos, outrora amantes, devessem conspirar com ele a fim de conservá-la; e roçando pelos túmulos, pensou: “Havemos de continuar vivendo aqui juntos, e um dia ela há de jazer ali, a meu lado.”

Frome deixou-se possuir pela visão enquanto subiam a colina em direção à casa. Nunca se sentia tão feliz com Mattie como ao se abandonar a esses devaneios. Na metade da subida Mattie tropeçou em alguma obstrução invisível e agarrou-se na manga do casaco dele para firmar-se. A onda de calor que se espalhou por ele foi como o prolongamento de sua visão. Pela primeira vez, passou o braço pela cintura de Matt, e ela não objetou. Caminhavam como se flutuassem numa torrente de verão.

Zeena sempre ia deitar-se assim que terminava de jantar, e as janelas sem venezianas da casa estavam fechadas. Uma trepadeira morta pendia do alpendre como a fita de crepe presa à porta para indicar uma morte na família, e pela mente de Ethan lampejou um pensamento: “Se estivesse aí por causa de Zeena...” Então ele teve uma

clara visão da mulher adormecida no quarto de dormir, com a boca ligeiramente aberta, a dentadura dentro de um copo ao lado da cama...

Rodearam os fundos da casa, caminhando entre duas groselheiras. Quando voltavam tarde da aldeia, Zeena tinha o hábito de deixar a chave da cozinha debaixo do capacho. Ethan parou diante da porta, com a cabeça carregada de sonhos, o braço ainda em torno de Mattie.

— Matt... — começou ele, sem saber o que tencionava dizer.

Ela se esgueirou de seu abraço sem uma palavra, e Frome abaixou-se, tateando em busca da chave.

— Não está aqui! — disse, endireitando-se com um arranco.

Olharam fixamente um para o outro, na escuridão gelada. Uma coisa daquelas nunca havia acontecido antes.

— Talvez ela tenha esquecido — disse Mattie, em um sussurro trêmulo; mas ambos sabiam que não era próprio de Zeena esquecer alguma coisa.

— Quem sabe a chave não caiu na neve? — continuou Mattie, depois de uma pausa em que haviam apurado os ouvidos.

— Então, deve ter sido empurrada — retrucou ele, no mesmo tom. Outro pensamento desvairado o sobressaltou. E se malfeitores tivessem passado por ali... e se...

Novamente apurou os ouvidos, julgando ter escutado um som distante no interior da casa; depois procurou um fósforo no bolso e, ajoelhando-se, passou a chama lentamente pelos rebordos irregulares da neve junto do último degrau da porta.

Ainda se achava ajoelhado quando seus olhos, nivelados com a parte inferior da porta, perceberam um débil raio de luz sob ela. Quem poderia estar de pé naquela casa silenciosa? Escutou um passo na escada e mais uma vez, por um instante, assaltou-o a ideia de malfeitores. Então a porta se abriu e ele viu sua mulher.

Contra o fundo escuro da cozinha ela se erguia, alta e angulosa, com uma das mãos sustentando uma coberta acolchoada contra o busto chato e tendo na outra um candeeiro. A luz, no mesmo nível de seu queixo, esculpia nas trevas sua garganta e o pulso saliente da mão que agarrava a colcha, e aprofundava fantasticamente as concavidades e proeminências de seu rosto descarnado, sob um arco de grampos de frisar. Para Ethan, ainda no róseo ofuscamento da hora passada com Mattie, a aparição apresentou-se com a intensa nitidez do último sonho antes do despertar. Teve a sensação de que nunca soubera qual era a aparência de sua mulher.

Ela se chegou para o lado, sem falar, e Mattie e Ethan entraram na cozinha, que tinha a algidez mortal de uma catacumba após o frio seco da noite.

— Acho que você se esqueceu de nós, Zeena — brincou Ethan, sacudindo a neve das botas.

— Não. É que me sentia mal demais e não consegui dormir.

Mattie adiantou-se, tirando os agasalhos, com a cor da mantilha cereja nos lábios e nas faces louças: — Que pena, Zeena! Quer que eu faça alguma coisa para você?

— Não. Não preciso de nada. — Zeena virou-lhe as costas. — Você podia ter tirado essa neve lá fora — disse ao marido.

Retirou-se da cozinha na frente deles e, detendo-se no corredor, levantou o candeeiro com o braço estendido, como que alumando a escada para que subissem.

Ethan também parou, simulando tentar o gancho, onde pendurou o casaco e o gorro. As portas dos dois quartos defrontavam-se no estreito patamar superior, e naquela noite era-lhe peculiarmente repugnante que Mattie o visse seguir Zeena.

— Acho que vou demorar um pouquinho para subir — disse ele, virando-se como que para retornar à cozinha.

Zeena parou e olhou para ele:

— Ora, por favor!... O que é que quer fazer aqui ainda?

— Preciso verificar as contas da serraria.

Ela continuou a fitá-lo. A chama nua do candeeiro destacava com microscópica crueldade as linhas mal-humoradas de seu rosto.

— A essa hora da noite? Está querendo morrer. O fogo já está apagado há muito tempo.

Sem dar resposta, ele se afastou para a cozinha. Ao fazê-lo, seu olhar cruzou com o de Mattie e ele imaginou perceber uma advertência fugidia coruscar em suas pálpebras. Logo a seguir elas se fecharam devagar sobre o rosto afogueado, e Mattie começou a subir a escada na frente de Zeena.

— Tem razão. Está mesmo muito frio aqui — concordou Ethan. E de cabeça baixa, subiu atrás da mulher, acompanhando-a para dentro do quarto.

Capítulo III

Era preciso fazer um carroto de madeira, na parte mais baixa da matinha, e Ethan saiu cedo na manhã seguinte.

A manhã de inverno estava clara como cristal. O sol ardia, vermelho, em um céu diáfano, as sombras nas bordas da matinha eram de um azul escuro, e além dos campos brancos e cintilantes retalhos de florestas distantes pairavam como fumaça.

Era na quietude das primeiras horas da manhã, quando seus músculos vibravam no trabalho habitual e seus pulmões se expandiam com longos haustos do ar da montanha, que Ethan pensava mais claramente. Não haviam trocado, ele e Zeena, uma só palavra depois que a porta do quarto se fechara. Ela havia pingado algumas gotas de um vidro de remédio que estava numa cadeira junto da cama e, depois de engoli-las e de envolver a cabeça em um pedaço de flanela amarela, havia-se deitado,

virada para o outro lado. Ethan despiu-se apressadamente e soprou a luz para não ver Zeena quando ocupasse seu lugar ao lado dela. Já deitado, escutou Mattie andando pelo quarto, e a vela que ela usava lançava um débil raio no patamar, desenhando uma perceptível linha de luz sob a porta dele. Ethan manteve os olhos fixos na luz até ela desaparecer. Depois o quarto ficou inteiramente imerso em trevas, e o único som audível era o da respiração asmática de Zeena. Ethan sentia confusamente que havia muitas coisas em que devia pensar, mas nas suas veias formigantes e no seu cérebro fatigado só uma sensação latejava; o calor do ombro de Mattie contra o seu. Por que não a beijara ao abraçá-la? Algumas horas antes ele não se teria feito tal pergunta. Mesmo alguns minutos antes, quando tinham estado sozinhos do lado de fora da casa, ele não teria ousado pensar em beijá-la. Desde que lhe vira os lábios, porém, à luz do candeeiro, sentia que eles lhe pertenciam.

Agora, no ar brilhante da manhã, o rosto de Mattie ainda estava diante dele. Era parte do rubor do sol e da pureza rutilante da neve. Como a moça mudara desde que viera para Starkfield! Ele trazia na lembrança o fiapo descorado de gente que era Mattie no dia em que a recebera na estação. E durante todo o primeiro inverno, como ela tintara de frio quando os vendavais do norte sacudiam os sarrafos finos e a neve como granizo nas janelas frouxas!

Ethan tivera medo de que ela odiasse a vida árdua, o frio e a solidão, mas nenhum sinal de insatisfação emanava dela. Zeena era de opinião que Mattie devia acomodar-se o melhor possível a Starkfield, já que não havia nenhum outro lugar para onde pudesse ir; mas isso não parecia a Ethan argumento convincente. Zeena, de qualquer forma, não aplicava o princípio a seu próprio caso.

Penalizava-o a sorte da moça porque a desventura a havia transformado, de certa forma, em dependente deles. Mattie Silver era filha de um primo de Zenobia Frome que

ofendera seu clã ao descer das montanhas para o Connecticut, onde se casara com uma moça de Stamford e herdara o florescente negócio de “remédios” do sogro. Lamentavelmente, porém, Orin Silver, homem de metas ambiciosas, morrera cedo demais para comprovar que os fins justificam os meios. Seu espólio revelara tão somente quais tinham sido os meios; e eram tão exíguos que foi uma sorte para a mulher e a filha que seus livros de contas só fossem examinados depois do imponente funeral. A divulgação dos fatos levou a mulher à morte, e Mattie, aos vinte anos, ficou sozinha, obrigada a vencer na vida com os cinquenta dólares provenientes da venda de seu piano. Para esse fim, suas prendas, conquanto variadas, não bastavam. Ela sabia enfeitar um chapéu, fazer doce de melado, declamar uma ou outra poesia patriótica e tocar O acorde perdido e um pot-pourri de Carmen. Quando tentou ampliar o campo de suas atividades na direção da estenografia e da escrituração mercantil, sua saúde sucumbiu, e seis meses em pé atrás do balcão de uma loja em nada ajudaram a restaurá-la. Os parentes mais chegados haviam sido induzidos a colocar as economias nas mãos de seu pai, e ainda que, morto este, de bom grado houvessem cumprido o dever cristão de pagar o mal com o bem, dando à filha todos os conselhos que podiam, dificilmente se poderia esperar os suplementassem com auxílio material. Entretanto, quando o médico de Zenobia recomendou-lhe que procurasse uma pessoa que a ajudasse no serviço doméstico, a parentela viu de imediato a oportunidade de arrancar de Mattie uma compensação. Embora duvidando da eficiência da moça, Zenobia foi tentada pela liberdade de poder implicar com ela sem muito risco de perdê-la. E fora assim que Mattie viera para Starkfield.

O espírito crítico de Zenobia era do tipo silencioso, mas nem por isso menos penetrante. Nos primeiros meses, Ethan alternou entre o desejo ardente de ver Mattie desafiá-la e o medo tremente dos resultados. Depois a situação

tornou-se menos tensa. O ar puro, bem como as longas horas passadas ao ar livre no verão devolveram vida e elasticidade a Mattie, e Zeena, com mais folga para dedicar-se às suas complexas mazelas, passou a vigiar menos as omissões da moça; com isso, Ethan, esfalfando-se sob o peso de sua fazenda estéril e da serraria combalida, pôde ao menos imaginar que a paz reinava em sua casa.

Mesmo agora, na verdade, não havia indícios tangíveis em contrário; desde a noite anterior, porém, um vago receio pairava em seu horizonte. Formavam-no o silêncio obstinado de Zeena, o súbito olhar de advertência de Mattie, a lembrança de sinais fugazes e imperceptíveis como aqueles que lhe diziam, em certas manhãs imaculadas, que antes de anoitecer haveria de cair um pé d'água.

Seu temor era tão forte que, como todo homem, procurou protelar a certeza. A derrubada não terminou senão ao meio dia, e como a madeira deveria ser entregue a Andrew Hale, o empreiteiro de obras de Starkfield, era realmente mais fácil para Ethan mandar Jotham Powell, seu empregado, de volta à fazenda a pé, e conduzir ele próprio a carga até a aldeia. Ethan havia subido nas toras, e estava escarrapachado nelas, debruçado sobre seus zainos peludos, quando, surgindo entre ele e os pescoços ondeantes dos animais, teve uma visão do olhar de cautela que Mattie lhe lançara na noite anterior.

“Se houver algum problema, quero estar lá”, foi sua reflexão inarticulada, enquanto dava a Jotham a ordem inesperada de desatrear a parelha e levá-la de volta ao estábulo.

A caminhada de volta para casa, pelos campos pesados, foi dificultosa e lenta, e quando os dois homens entraram na cozinha Mattie estava levantando o bule de café do fogão e Zeena já se achava à mesa. Seu marido estacou ao vê-la. Em vez do manto de chita costumeiro e do xale de tricô, usava seu melhor vestido, de lã marrom, e sobre os cabelos

ralos, que ainda preservavam as estreitas ondulações dos grampos de frisar, subia uma rígida touca perpendicular, sobre a qual a ideia mais clara de Ethan era que tivera de pagar cinco dólares por ela no Empório de Bettsbridge. No chão, ao lado dela, estava a velha mala, bem como uma chapeleira embrulhada em jornais.

— Aonde você vai, Zeena?—perguntou ele, surpreso.

— As minhas pontadas estão doendo tanto que vou dar um pulo a Bettsbridge para passar a noite com tia Martha Pierce e consultar aquele médico novo — respondeu ela, com toda naturalidade, como se dissesse que iria à despensa olhar as conservas ou que subiria ao sótão para conferir os cobertores.

A despeito de seus hábitos sedentários, tais decisões repentinas não deixavam de ter precedentes na história de Zeena. Duas ou três vezes antes, havia subitamente arrumado suas roupas na mala de Ethan e partido para Bettsbridge, ou mesmo para Springfield, a fim de pedir conselhos a um novo médico, e o marido acabara temendo essas expedições devido a seu custo. Zeena sempre voltava carregada de medicamentos caros, e sua última visita a Springfield havia sido comemorada com a compra de uma bateria elétrica de vinte dólares que ela nunca aprendera a usar. Naquele momento, entretanto, a sensação de alívio de Ethan era tão grande que obscurecia qualquer outro sentimento. Ele não tinha agora qualquer dúvida de que Zeena dissera a verdade ao declarar, na noite anterior, que ficara acordada porque se sentia “mal demais” para dormir: sua súbita decisão de consultar um médico mostrava que, como de hábito, estava inteiramente absorvida com sua saúde.

Como se esperasse um protesto, ela continuou a falar, queixosamente: — Se você estiver ocupado demais com o carroto, imagino que possa deixar Jotham Powell me levar com o alazão a tempo de eu pegar o trem na Várzea.

Seu marido mal ouvia o que ela estava dizendo. Nos

meses de inverno não havia diligência entre Starkfield e Bettsbridge, e os trens que paravam na Várzea de Corbury se atrasavam e eram raros. Um cálculo rápido mostrou a Ethan que Zenna não poderia estar de volta à fazenda antes da noite do dia seguinte ...

— Se soubesse que você não ia querer que Jotham Powell me levasse... — recomeçou ela, como se o silêncio dele significasse uma recusa. Quando prestes a viajar, ela sempre falava sem parar. — Tudo que sei — prosseguiu — é que não posso continuar desse jeito por muito tempo. Agora as dores já desceram para os tornozelos, e se não fosse isso eu ia andando até Starkfield com meus próprios pés, preferia isso a incomodar você, e lá eu pedia a Michael Eady que me deixasse ir na carroça dele até a Várzea, quando ele mandasse a carroça no horário do trem que traz as mercadorias dele. Eu ia ter de esperar duas horas na estação, mas preferia isso, mesmo com esse frio, do que ouvir você dizer ...

— Claro que Jotham Powell pode levar você — disse Ethan, como se despertasse. Percebeu de repente que estava olhando para Mattie enquanto Zeena conversava com ele, e com um esforço desviou os olhos para sua mulher. Ela estava sentada diante da janela e a luz mortiça refletida pelos barrancos de neve fazia com que seu rosto parecesse mais que habitualmente contraído e exangue, acentuava os três sulcos paralelos entre a orelha e a bochecha, e desenhava riscos rabugentos que iam desde o nariz fino até os cantos da boca. Embora tivesse apenas mais sete anos que o marido, e ele contava apenas vinte e oito, já era uma velha.

Ethan tentou dizer alguma coisa apropriada à ocasião, mas sua mente abrigava um só pensamento: o fato de que, pela primeira vez desde que Mattie tinha vindo morar com eles, Zeena passaria a noite fora. Ficou a imaginar se a moça estaria pensando a mesma coisa...

Ele sabia que Zeena deve estar se perguntando porque

ele não se ofereceu para levá-la para os Flats e deixar Jotham Powell levar a madeira para Starkfield, e no início ele não podia pensar em um pretexto para não fazer isso; então ele disse: — Eu mesmo poderia levar você, só que tenho de receber o dinheiro da madeira.

Assim que pronunciou essas palavras, arrependeu-se, não só por serem falsas — não havia perspectiva de receber dinheiro à vista de Hale —, como também porque a experiência lhe ensinara ser imprudente fazer Zeena julgar, às vésperas de uma de suas excursões terapêuticas, que ele estivesse endinheirado. Naquele momento, todavia, seu único desejo consistia em evitar a longa viagem com ela, atrás do velho alazão que jamais andava senão a passo.

Zeena nada respondeu; não parecia ter escutado o que ele havia dito. Já empurrara o prato para o lado, e estava vertendo com cuidado um líquido de um vidro.

— Isso não me fez bem algum, mas acho melhor tomar até o fim — comentou, acrescentando, enquanto empurrava o vidro vazio na direção de Mattie: — Se você conseguir tirar o gosto ruim, pode servir para pôr alguma conserva.

Capítulo IV

Assim que sua mulher partiu, Ethan tirou o casaco e o gorro do gancho. Mattie estava lavando a louça e cantarolando uma das músicas da noite anterior. Ele disse: — Até logo Matt. — Ela respondeu jovialmente: — Até logo, Ethan. — E foi tudo.

A cozinha estava quente e clara. O sol entrava de viés pela janela do lado sul, batendo em Mattie, que andava de um lado para outro, no gato que dormitava numa cadeira e nos gerânios trazidos do portal, onde Ethan os plantara no verão, para “fazer um jardim” para Mattie. Ele gostaria de ter permanecido por ali, vendo-a arrumar a casa e depois sentar-se com suas costuras; mais que isso, entretanto,

queria terminar o carroto e estar de volta à fazenda antes do anoitecer.

Durante todo o percurso até a aldeia, continuou a pensar em seu regresso para Mattie. A cozinha era um lugar pobre, nada asseada e reluzente como sua mãe a conservava quando ele era pequeno; mas era surpreendente como o simples fato da ausência de Zeena lhe dava uma atmosfera acolhedora. E Ethan imaginou o aspecto que teria a cozinha naquela noite, quando ele e Mattie estivessem ali depois do jantar. Pela primeira vez ficariam sozinhos juntos dentro de casa, e eles se sentariam ali, um de cada lado do fogão, como se fossem casados, ele com os pés enfiados em meias e fumando seu cachimbo, ela rindo e conversando daquele jeito engraçado, que para ele era sempre novo, como se nunca a tivesse escutado falar.

O encanto do quadro e o alívio de saber que seus medos de “problemas” com Zeena eram infundados tomaram-no alegre e animado, e ele, em geral tão calado, assoviou e cantou em voz alta enquanto guiava o trenó pelos campos nevados. Havia em Ethan uma centelha latente de sociabilidade que os longos invernos de Starkfield ainda não haviam extinguido. Sóbrio e canhestro de natureza, admirava o estouvamento e a alegria em outras pessoas, sentindo-se felicíssimo com um trato cordial com seus semelhantes. Em Worcester, embora fosse tido como introvertido e pouco dado a pândegas, exultava secretamente quando lhe davam tapas nas costas ou o saudavam como o “Velho Ethe ” ou “ bicho do mato e o fim de tais familiaridades havia aumentado a melancolia de seu retorno a Starkfield.

Ali, o silêncio se aprofundara a seu redor ano após ano. Como coubera apenas a ele, após o acidente do pai, arcar com o peso da fazenda e da serraria, não tivera tempo para divertimentos na aldeia; e quando sua mãe caiu de cama, a solidão da casa se tornou ainda mais opressiva que a dos

campos. A mãe fora uma mulher loquaz, mas depois de sua “moléstia” raramente se lhe ouvia a voz, embora não tivesse perdido o dom da fala. Nas longas noites de inverno, quando, tomado de desalento, muita vez o filho lhe perguntava por que não dizia alguma coisa’’, ela erguia um dedo e respondia: “Porque estou escutando”; e em noites de tempestade, quando o vento bravio uivava em torno da casa, ela se queixava, se ele se dirigia a ela: “Estão falando tão alto lá fora que não escuto o que você diz.”

Foi só quando ela se aproximou de sua última doença, e sua prima Zenobia Pierce veio do vale seguinte para ajudá-lo a cuidar dela, que a fala humana foi ouvida novamente em casa. Após o silêncio mortal de sua longa prisão, a volubilidade de Zeena era música em seus ouvidos. Ele achava que poderia “ter ido como sua mãe” se o som de uma nova voz não tivesse chegado para estabilizá-lo. Zeena pareceu entender seu caso de relance. Ela riu dele por não saber os deveres mais simples do leito do doente e disse-lhe para “seguir adiante” e deixa-a para cuidar das coisas. O simples fato de obedecer às ordens dela, sentir-se livre para retomar seus negócios e conversar com outros homens, restabeleceu seu equilíbrio abalado e ampliou seu senso de que ele deve. A eficiência dela o envergonhava e deslumbrava. Ela parecia por instinto em toda a sabedoria doméstica que seu longo aprendizado não existia. Quando chegou ou terminou, foi quem teve quem dizer que ele pegava carona e foi para o coveiro, e achou “engraçado” que ele ainda não tinha decidido quem teria ficado com roupas de sua mãe e máquina de costura. Depois do funeral, quando ele viu se preparando para ir embora, foi apanhado com um favor irracional de ser deixado sozinho na fazenda; e antes que ele soubesse ou que estava fazendo, ele havia pedido que ela ficasse lá com ele. Ele havia pensado muitas vezes, já que isso não significa que aconteceu se sua mãe morresse na primavera ao usar o inverno ...

Quando se casaram, ficou combinado que, tão logo desenredassem os problemas provocados pela longa enfermidade da Sra. Frome, venderiam a fazenda e a serraria para tentar a sorte numa cidade grande. O amor de Ethan pela natureza não assumia a forma de amor pela agricultura. Sempre desejara ser engenheiro e viver em cidades, onde havia conferências e vastas bibliotecas, bem como “sujeitos fazendo coisas”. Uma pequena obra de engenharia de que ele havia participado durante seu período de estudo em Worcester lhe aumentara a confiança na própria aptidão, assim como sua ânsia de ver o mundo; e ele tinha certeza de que, com uma esposa “ladina” como Zeena, não tardaria muito para conquistar seu lugar naquele mundo.

A aldeia natal de Zeena era um pouco maior e mais próxima da estrada de ferro do que Starkfield, e ela deixou o marido ver desde o início que a vida em uma fazenda isolada não era o que ela esperava quando se casou. Mas os compradores demoraram a chegar e, enquanto ele esperava por eles, Ethan aprendeu a impossibilidade de transplantá-la. Ela escolheu desprezar Starkfield, mas não poderia ter morado em um lugar que a desprezasse. Mesmo Bettsbridge ou Shadd's Falls não foram consideradas conscientes, e nas grandes cidades que atraíram Ethan foram submetidas a uma perda completa de identidade. E, um ano após o casamento deles, ela criou uma “indisposição” que, desde então, tornou-se notável, mesmo na comunidade rica em instâncias patológicas. Quando ela veio para cuidar de sua mãe, ela parecia ao Ethan como o próprio fator de saúde, mas o logotipo viu que sua habilidade como enfermeira era causada pela observação absorvida dos mesmos sintomas.

Então ela também caiu em silêncio. Talvez tenha sido o efeito inevitável da vida na fazenda, ou talvez, como ela disse algumas vezes, tenha sido porque Ethan “nunca ouviu”. A acusação não foi totalmente infundada. Quando

ela falava era apenas para reclamar, e para reclamar de coisas que não estava em seu poder para remediar; e para verificar uma tendência a retaliação impaciente que ele tinha formado primeiro o hábito de não lhe responder, e finalmente de pensar em outras coisas enquanto ela falava. Ultimamente, porém, como ele tinha razões para observá-la mais de perto, o silêncio dela começava a incomodá-lo. Ele se lembrou da crescente taciturnidade de sua mãe, e se perguntou se Zeena também estava se tornando "bicha". As mulheres sim, ele sabia. Zeena, que tinha em seus dedos o mapa patológico de toda a região, havia citado muitos casos do tipo enquanto ela amamentava sua mãe; e ele mesmo sabia de certas casas solitárias de fazenda no bairro onde criaturas atingidas atiravam, e de outras onde a súbita tragédia tinha vindo de sua presença. Às vezes, olhando para o rosto fechado de Zeena, ele sentia o arrepio de tais presságios. Outras vezes, seu silêncio parecia deliberadamente assumido para esconder intenções de longo alcance, conclusões misteriosas tiradas de suspeitas e ressentimentos impossíveis de se adivinhar. Essa suposição era ainda mais perturbadora do que a outra; e era a que lhe havia chegado na noite anterior, quando ele a havia visto de pé na porta da cozinha.

Agora, a viagem de Zeena a Bettsbridge mais uma vez lhe acalmava o espírito, e todos os seus pensamentos estavam postos na perspectiva da noite com Mattie. Uma coisa somente o oprimia — o fato de ter dito a Zeena que haveria de receber pagamento em dinheiro pela madeira. Previa com tamanha clareza as consequências dessa imprudência que, com considerável relutância, decidiu pedir a Andrew Hale um pequeno adiantamento sobre a carga.

Quando Ethan entrou no pátio de Hale, o empreiteiro estava acabando de descer de seu trenó.

Andrew Hale era um homem corajoso com um bigode cinza e um queixo duplo sem constrangimentos por uma mulher; mas sua camisa limpa estava sempre presa por um

pequeno garanhão diamantado. Esta demonstração de opulência era enganosa, pois ele era um bom negócio, sabia quais eram os seus sintomas e usava a sua grande família de usuários ou manter como Starkfield chamava de "atrás". Ele era um velho amigo da família de Ethan, e sua casa era uma das poucas vezes em que Zeena ocasionalmente ia, atraída pelo fato de que Sra. Hale, em sua juventude, fez mais "doutorado" do que qualquer outra mulher em Starkfield, e ainda era uma autoridade autorizada sobre sintomas e tratamento.

— Muito que bem, meu senhor — disse ele. — Você cuida deles como se fossem bichinhos de estimação.

Ethan começou a descarregar as toras e, quando terminou, empurrou a porta envidraçada do galpão que o mestre de obras usava como escritório. Hale estava sentado com os pés sobre a estufa, as costas apoiadas numa escrivaninha muito escalavrada, coberta de papéis; o lugar, tal como seu dono, era cordial, alegre e desleixado.

— Sente-se aí e se esquite um pouco — disse Hale, como cumprimento.

Este último não soube como começar, mas conseguiu fazer valer o seu pedido de adiantamento de cinquenta dólares. O sangue correu para a sua pele fina sob o agulhão do espanto de Hale. Era costume de o construtor pagar ao final de três meses, e não havia precedente entre os dois homens para um pagamento em dinheiro.

Ethan teve a impressão de que, se houvesse pretextado uma necessidade urgente. Hale talvez encontrasse um meio de pagar-lhe; mas o orgulho e uma instintiva prudência impediram-no de recorrer a esse argumento. Depois da morte do pai, ele havia levado tempo para consertar as finanças, e não queria que Andrew Hale, ou qualquer outra pessoa em Starkfield, julgasse que estivesse afundando de novo. Além disso, detestava mentir; se ele queria o dinheiro era porque queria, e não era da conta de ninguém perguntar o motivo. Por isso fez O pedido com o

desajeitamento de um homem altivo que não quer admitir a si mesmo que está se curvando; e não ficou muito surpreso diante da recusa de Hale.

O empreiteiro recusou jovialmente, como tudo que fazia; levou o assunto mais ou menos na brincadeira e quis saber se Ethan tinha intenção de comprar um piano de cauda ou acrescentar uma cúpula à sua casa; se fosse esse o caso, propunha-se a oferecer seus serviços gratuitamente.

Os estratagemas de Ethan logo se esgotaram, e após uma pausa embaraçada, desejou bom dia a Hale e abriu a porta do escritório. No momento em que saía, o empreiteiro chamou-o de repente.

— Escute. Você não está em dificuldades, está?

— De modo algum — redarguiu o orgulho de Ethan, antes que sua razão tivesse tempo de intervir.

— Muito bem, então ótimo! Porque eu estou, um pouco. O fato é que eu ia lhe pedir um tempo a mais para esse pagamento. Para começar, os negócios não vão nada bem, além disso estou aprontando uma casinha para quando Ned e Ruth

se casarem. Tenho o maior prazer, mas isso custa dinheiro. — Sua expressão pedia compreensão a Ethan. — Os jovens gostam de coisas bonitas. Você mesmo sabe como é: pouco tempo atrás você reformou sua casa para Zeena.

Ethan deixou os zainos na cocheira de Hale e foi tratar de outras coisas na aldeia. Enquanto se afastava, a última frase do empreiteiro persistia em seus ouvidos, e ele pensava soturnamente que para Starkfield seus sete anos com Zeena pareciam “pouco tempo atrás.”

A tarde terminava, e aqui e ali uma vidraça iluminada cintilava no frio crepúsculo cinzento e fazia a neve parecer mais branca. A gelidez cortante havia levado todo mundo para dentro de suas casas e Ethan dispunha da longa rua rural para si. De repente, escutou o tilintar de sinos e um pequeno trenó passou por ele, puxado por um cavalo arisco.

Ethan reconheceu o potro roan de Michael Eady, e o jovem Eady, que tinha na cabeça um belo gorro novo de pele, chegou-se para a frente e acenou, cumprimentando-o. — Olá, Ethe! — gritou, seguindo em frente.

O trenó ia na direção da fazenda Frome, e o coração de Ethan se contraía enquanto escutava os sinos que diminuía. O que mais provável que Denis Eady tivesse ouvido falar da partida de Zeena para Bettsbridge, e estava lucrando com a oportunidade de passar uma hora com Mattie? Ethan estava envergonhado com a tempestade de ciúmes em seu peito. Parecia indigno da garota que seus pensamentos a respeito dela fossem tão violentos.

Caminhou até a esquina da igreja e entrou na sombra dos abetos dos Varnum, onde estivera com Mattie na noite anterior. Ao penetrar na penumbra das árvores, avistou um vulto bem à sua frente. Ao aproximar-se, a figura se transformou por um instante em duas formas separadas e logo se uniu novamente, e ele ouviu um beijo, bem como uma interjeição de surpresa, quase um riso, provocada pela descoberta de sua presença. De novo o vulto se desfez rapidamente e o portão dos Varnums bateu contra uma das figuras, enquanto a outra saía apressadamente diante dele. Ethan achou graça do embaraço que havia causado. Por que Ned Hale e Ruth Varnum deviam importar-se por serem vistos beijando-se? Todos em Starkfield sabiam que estavam noivos. Ethan ficou feliz por ter surpreendido um casal de namorados no mesmo lugar em que ele e Mattie haviam estado, com tanta sede um pelo outro em seus corações; mas contristou-se ao pensar que aqueles dois não precisavam ocultar sua felicidade.

Buscou os zainos na cocheira de Hale e iniciou a longa subida de volta à fazenda. O frio estava menos cortante do que na parte da manhã e um céu de espessas nuvens encabeiradas ameaçava neve para o dia seguinte. Aqui e ali pontilhava uma estrela, mostrando atrás de si um abismo de profundo azul. Dentro de uma ou duas horas, a lua

subiria sobre o cume por trás da fazenda, abriria a fogo nas nuvens um rasgão de bordas douradas e depois seria tragada por elas. Uma paz melancólica pesava sobre os campos, como se estes sentissem que o frio perdia a força e se espreguiçassem em seu longo sono de inverno.

Os ouvidos de Ethan estavam atentos ao toque de sinos de trenó, porém nenhum som quebrava o silêncio da estrada erma. Ao se aproximar da fazenda, ele viu, através do tênue biombo dos lariços na porteira, uma luz cintilando lá em cima, na casa. — Matt está no quarto dela — disse consigo mesmo — preparando-se para o jantar. — E lembrou-se do olhar sarcástico de Zeena quando Mattie, na noite de sua chegada, havia descido para jantar com os cabelos penteados e uma fita no pescoço.

Passou pelos túmulos no cômodo e virou a cabeça para lançar um olhar a uma das lápides mais antigas, que na meninice lhe causara interesse profundo, pois trazia seu nome.

CONSAGRADO À MEMÓRIA DE ETHAN FROME E SUA ESPOSA RESISTENTE, QUE VIVERAM JUNTOS E EM PAZ DURANTE CINQUENTA ANOS.

No passado, costumava pensar que cinquenta anos pareciam muito tempo para duas pessoas viverem juntas, mas agora tinha a impressão de que esse tempo poderia passar em um átimo. Depois, com súbita ironia, ficou a imaginar se, quando chegasse a vez deles, o mesmo epitáfio seria gravado sobre ele e Zeena.

Abriu a porta do estábulo e meteu a cabeça na treva, quase temendo dar com o potro roan de Denis Eady na baia ao lado do alazão. Mas o velho cavalo estava ali sozinho, mastigando com mandíbulas já sem dentes, e Ethan pôs-se a assoviar animadamente enquanto acomodava os zainos e atirava um punhado extra de aveia nos cochos. Sua garganta não era melodiosa, mas dela brotavam cantos rudes, enquanto ele passava a tranca no estábulo e subia a colina aos saltos em direção à casa. Chegou à entrada da

cozinha e virou a maçaneta; a porta, no entanto, não se abriu a seu toque.

Surpreso por encontrá-la aferrolhada, sacudiu a maçaneta com violência; mas refletiu que, como Mattie estava sozinha, era natural que ela se fechasse ao cair da noite. Ficou ali, no escuro, à espera de escutar os passos. Nada aconteceu, e depois de apurar em vão os ouvidos, lançou um grito que vibrava de alegria:

— Matt, cheguei!

A resposta foi o silêncio. Daí a instantes, entretanto, percebeu um som na escada e enxergou uma fimbria de luz em torno do portal, tal como a virar na noite anterior. Tão estranha era a precisão com que os incidentes da véspera se repetiam que ele de certa forma esperou, ao ouvir a chave virar na fechadura, ver sua mulher diante dele no umbral. Mas a porta se abriu e ele se defrontou com Mattie.

Ela estava de pé como Zeena, uma lâmpada levantada na mão, contra o fundo preto da cozinha. Ela segurou a luz no mesmo nível, e ela tirou com a mesma distinção sua garganta jovem e magra e o pulso marrom não maior que o de uma criança. Em seguida, saltando para cima, ela lançou um lustroso salpico nos lábios dela, arregaçou os olhos dela com tom de veludo, e colocou uma brancura leitosa acima da curva preta das sobrelanceias dela.

Mattie usava seu costumeiro vestido de pano escuro, e não havia nenhum laço em seu pescoço; mas passara nos cabelos uma fita escarlate. Esse tributo ao inusitado a transmudava e glorificava. Parecia a Ethan mais alta, mas encorpada, mais mulher em forma e movimentos. Mattie chegou para o lado, sorrindo em silêncio, enquanto ele entrava, e depois afastou-se dele com alguma coisa de macio e fluido no porte. Pôs o candeeiro sobre a mesa, que Ethan notou estar cuidadosamente posta para o jantar, com roscas frescas e mirtilos abafados; as conservas de que ele mais gostava estavam em um prato de vidro vermelho vivo. Um fogo brilhante crepitava no fogão e o gato se achava

estendido diante dele, vigiando a mesa com olhos modorrentos.

Ethan sentiu-se sufocar com a sensação de felicidade. Foi até o corredor para pendurar o casaco e descalçar as botas molhadas. Quando voltou, Mattie havia colocado o bule de chá na mesa e o gato se esfregava persuasivamente nos tornozelos dela.

— Ah, Mimi! Quase tropecei em você — exclamou ela. O riso faiscava através de seus cílios.

Mais uma vez Ethan sentiu uma súbita pontada de ciúmes. Seria a chegada dele que lhe iluminava tanto o semblante?

— E então. Matt? Recebeu alguma visita? — arriscou ele, debruçando-se distraidamente para examinar o fecho do fogão.

Ela fez que sim com a cabeça e riu: — Recebi sim, uma. — Ethan sentiu um negror pesando-lhe na fronte.

— Quem foi? — perguntou, endireitando-se para lhe lançar um olhar enviesado, sob o cenho carregado.

Os olhos de Mattie brilharam de malícia.

— Ora, quem foi! Jotham Powell. Ele entrou depois que voltou, e me pediu um gole de café antes de ir para casa.

O negror se dissipou e a luz inundou a mente de Ethan.

— Só isso? Bem, espero que você tenha feito à vontade dele. — E depois de uma pausa, ele achou correto acrescentar: — Será que Zeena chegou à Várzea bem?

— Chegou sim. Com tempo de sobra.

O nome lançou um certo constrangimento entre os dois, e ficaram por um momento olhando de esguelha um para o outro, antes que Mattie dissesse com um riso tímido: — Acho que está na hora de jantar.

Puxaram suas cadeiras para junto da mesa, e o gato, sem ser chamado, pulou entre eles, instalando-se na cadeira vazia de Zeena.

— Ah, Mimi! — disse Mattie, e riram de novo.

Um momento antes, Ethan sentira-se à beira da

eloquência, mas a referência a Zeena o paralisara. Mattie pareceu sentir o contágio de seu embaraço, e sentou-se de olhos baixos, provando o chá, enquanto ele simulava um apetite insaciável por roscas e conservas. Por fim, depois de procurar com empenho um prelúdio efetivo, tomou um longo gole de chá, limpou a garganta e disse:

— Parece que amanhã vamos ter mais neve.

Mattie simulou profundo interesse:

— É mesmo? Você acha que isso poderá atrapalhar a volta de Zeena? — Enrubesceu por ter a pergunta lhe escapado, e apressadamente depôs a xicara que estava se levantando.

Ethan estendeu a mão para servir-se de mais conservas.

— Nunca se sabe, nessa altura do ano... Neva tanto lá na Várzea!

O nome o entorpecera novamente, e mais uma vez teve a sensação de que Zeena estava ali entre eles.

— Ah, Mimi, como você é guloso! — gritou Mattie.

Sem que notassem, o gato havia passado silenciosamente da cadeira de Zeena para a mesa, e estava esticando o corpo furtivamente na direção da leiteira, que se encontrava entre Ethan e Mattie. Ambos se debruçaram para a frente ao mesmo tempo, e suas mãos se juntaram no cabo da leiteira. A mão de Mattie estava embaixo, e Ethan manteve a sua apertada sobre a dela um pouco mais do que o necessário. Aproveitando-se disso, o gato tentou bater em retirada sem ser observado, e ao assim fazer empurrou o prato de conservas, que caiu no chão, espatifando-se.

Num instante, Mattie havia saltado de sua cadeira e estava ajoelhada no chão, junto aos cacos.

— Ah, Ethan, Ethan..Está em pedaços! O que Zeena vai dizer?

Dessa vez, porém, ele estava armado de coragem: — Bem, seja o que for, ela vai ter de dizer ao gato! — retrucou, rindo e ajoelhando-se ao lado de Mattie para recolher as conservas.

Mattie ergueu os olhos assustados.

Mas desta vez sua coragem estava aumentando. — Bem, ela terá que dizer isso ao gato, de qualquer maneira! — ele se reuniu com uma risada, ajoelhando-se ao lado de Mattie para raspar os pickles de natação.

Ela levantou os olhos feridos para ele. "Sim, mas, veja bem, ela nunca quis dizer que deveria ser usada, nem mesmo quando havia companhia; e tive que subir na escada para alcançá-la da prateleira superior do armário, onde ela mantém com todas as suas melhores coisas, e é claro que ela vai querer saber por que eu fiz isso ... "O caso era tão sério que exigiu toda a resolução latente de Ethan.

— Ela não precisa saber de nada se você ficar calada. Amanhã eu arranjo um outro igualzinho. De onde veio esse? Vou até Shadd's Falls se for preciso!

— Ah, nem lá você consegue outro! Foi um presente de casamento ... não se lembra? Veio de Filadélfia, e quem deu foi a tia de Zeena, aquela que se casou com o pastor. É por isso que ela nunca quis usar esse prato. Ah, Ethan, Ethan, o que é que eu vou fazer?

Mattie começou a chorar, e Ethan tinha a impressão de que cada uma das lágrimas que ela vertia caía sobre ele como chumbo derretido.

— Não chore, Matt, não chore... Por favor, não chore 1 — implorou.

Mattie pôs-se de pé com esforço, e Ethan também se levantou, acompanhando-a, impotente, enquanto ela punha os pedaços de vidro

sobre o aparador. Ethan teve a sensação de que ali jaziam os fragmentos da noite deles.

— Escute, me dê esses pedaços — disse, em um súbito tom autoritário.

Ela se afastou, obedecendo instintivamente à sua voz.

— Ethan, o que você vai fazer?

Sem responder, juntou os pedaços de vidro na larga palma da mão e saiu da cozinha em direção ao corredor. Ali

acendeu um toco de vela, abriu o armário de louças e, estendendo o braço comprido até a prateleira mais elevada, dispôs os cacos juntos, com tal precisão que uma inspeção atenta o convenceu da impossibilidade de alguém perceber, de baixo, que o prato se quebrara. Se o colasse na manhã seguinte, poderiam passar meses antes que sua mulher notasse o que havia acontecido, e entrementes talvez ele conseguisse, afinal, comprar um igual em Shadd's Falis ou Betts-bridge. Havendo concluído que não havia risco de descoberta imediata, voltou à cozinha com passo mais leve, e deu com Mattie removendo, inconsolável, os últimos restos da conserva do assoalho.

— Deixe para lá, Matt. Venha terminar o jantar — ordenou.

Inteiramente tranquilizada, ela sorriu, com olhos úmidos e fúlgidos, e a alma de Ethan encheu-se de orgulho ao verificar como sua voz a subjugava. Mattie sequer perguntou o que ele havia feito.

A não ser quando fazia descer um grande toro montanha abaixo para sua serraria, ele jamais conhecera tão vibrante sensação de domínio.

Capítulo V

Terminado o jantar, e enquanto Mattie limpava a mesa, Ethan foi olhar as vacas e depois deu uma última volta em tomo da casa. Os campos jaziam escuros sob um céu emboscado, e o ar estava tão parado que, vez por outra, ele escutava o baque de um torrão de neve que caía de uma árvore distante, na orla da mata.

Quando voltou para a cozinha, Mattie havia empurrado a cadeira dele para perto do fogão; ela própria se sentara, com um trabalho de costura, perto do candeeiro. A cena era exatamente como ele figurara naquela manhã. Ethan sentou-se, tirou o cachimbo do bolso e estendeu os pés para

o braseiro. Seu duro dia de trabalho no ar cortante fazia-o sentir-se a um só tempo preguiçoso e de espírito leve, e ele tinha uma sensação perturbadora de encontrar-se em outro mundo, onde tudo era calor e harmonia e o tempo não podia trazer mudança alguma. O único empecilho à sua felicidade completa era não poder avistar Mattie de onde estava sentado; mas sentia-se indolente demais para mover-se e, passado um momento, chamou-a:

— Venha para cá e sente-se junto ao fogão.

A cadeira de balanço vazia de Zeena estava à sua frente; Mattie ergueu-se, obediente, e sentou-se nela. No instante em que sua cabeça morena e juvenil se destacou contra a almofada de retalhos que habitualmente emoldurava o semblante emaciado de sua mulher, Ethan teve um choque súbito. Foi quase como se o outro rosto, o da mulher substituída, houvesse obliterado o da intrusa. Após um momento, Mattie pareceu afetada pela mesma sensação de constrangimento. Mudou de posição, debruçando-se para a frente a fim de curvar a cabeça sobre seu trabalho, de modo que ele só lhe via a ponta arrebitada do nariz e a fita rubra nos cabelos; depois ficou em pé.

— Não estou enxergando a costura — disse, voltando para sua cadeira junto do candeeiro.

Ethan pretextou levantar-se para reabastecer o fogão, e quando voltou ao seu lugar, empurrou-o para o lado para que pudesse ter uma visão do perfil dela e do lampejo que lhe caía nas mãos. A gata, que tinha sido uma observadora confusa desses movimentos inusitados, saltou para a cadeira de Zeena, enrolou-se em uma bola, e ficou deitada observando-os com os olhos estreitos.

Afundou na sala em silêncio profundo. O relógio marcava acima da cômoda, um pedaço de madeira carbonizada caía de vez em quando no fogão, e o cheiro fraco e agudo dos gerânios se misturava ao odor da fumaça do Ethan, que começava a jogar uma névoa azul sobre a lâmpada e a pendurar suas teias de aranha acinzentadas

nos cantos sombrios da sala.

Todo embaraço havia desaparecido entre os dois, e começaram a conversar com desenvoltura e simplicidade. Falavam de coisas cotidianas, da perspectiva de nevar, da próxima reunião social da igreja, dos amores e rixas de Starkfield. A natureza prosaica do que diziam produzia em Ethan uma ilusão de antiga intimidade que nenhum arroubo de emoção poderia ter proporcionado, e fazia sua imaginação voar, querer acreditar que sempre haviam passado as noites assim e que continuariam desse modo para sempre...

— Era nessa noite que a gente tinha combinado ir deslizar de tobogã, Matt — disse ele por fim, com a sensação plena, enquanto falava, de que poderiam ir em qualquer outra noite que desejassem, já que tinham diante de si todo o tempo.

Ela sorriu: — Acho que você esqueceu!

— Não esqueci, não. Mas lá fora está escuro como breu. Podemos ir amanhã, se houver luar.

Mattie riu de prazer, jogando a cabeça para trás, e a luz do candeiro cintilou em seus lábios e dentes.

— Como vai ser bom, Ethan!

Ele mantinha os olhos fitos nela, pasmado com a maneira como o rosto de Mattie se modificava a cada mudança no rumo da conversa, como um trigo batido por uma aragem de verão. Era inebriante encontrar tanta magia nas frases canhestras que ele proferia, e Ethan ansiava por tentar novas maneiras de utilizá-la.

— Você teria medo de descer a estrada de Corbury comigo numa noite como essa? — perguntou.

As faces de Mattie afoguearam-se ainda mais: — Eu sinto tanto medo quanto você!

— Bem, eu teria. Não desço ali no escuro de jeito nenhum! É muito perigosa aquela curva junto do olmo grande. Se o camarada não ficar de olhos bem abertos, bate de chapa nele. — Ethan exultava com a sensação de

proteção e autoridade que suas palavras encerravam. Para prolongar e intensificar o sentimento, acrescentou: — Acho que estamos muito bem aqui.

Ela fechou os olhos bem lentamente, do jeito que ele adorava: — É mesmo, estamos muito bem aqui — suspirou.

Sua voz era tão melodiosa que ele tirou o cachimbo da boca e aproximou a cadeira da mesa. Chegando-se para adiante, tocou a ponta mais distante do pano marrom escuro que ela estava embainhando.

— Sabe, Matt? — começou a dizer, com um sorriso. — Adivinhe o que vi debaixo dos abetos dos Varnums, agora mesmo? Vi uma amiga sua ser beijada.

As palavras haviam estado em sua língua toda a noite, mas logo que as pronunciou ele as julgou indescritivelmente vulgares e inoportunas.

Mattie corou até a raiz dos cabelos e enfiou a agulha depressa, duas ou três vezes, em seu trabalho, puxando para longe dele, sem perceber, a ponta do pano.

— Deve ter sido Ruth e Ned — disse baixinho, como se ele houvesse de repente se referido a alguma coisa grave.

Ethan imaginara que sua alusão pudesse abrir caminho para os gracejos permitidos, e que essas brincadeiras levassem a uma carícia inofensiva, talvez somente tocar-lhe a mão. Agora, porém, percebia que o rubor de Mattie a cercara de uma flamejante vigilância. Imaginou que fosse o natural desajeitamento que o fazia sentir-se assim. Sabia que a maioria dos rapazes não considerava coisa séria dar um beijo numa moça bonita, e lembrou-se de que na noite anterior, ao passar o braço em torno de Mattie, ela não resistira. Mas aquilo tinha acontecido fora de casa, sob a amplidão irresponsável da noite. Agora, no cômodo aquecido e iluminado pelo candeeiro, com todas suas antigas implicações de ordem e normas, Mattie parecia infinitamente mais distante dele e mais inacessível.

Para aliviar o constrangimento que ela sentia, Ethan disse: — Acho que não vão demorar a marcar o casamento.

— Também acho. Eu não ficaria admirada se eles se casassem no verão que vem. — Pronunciou a palavra se casassem como se a afagasse. A palavra parecia uma aleia farfalhante que levasse a clareiras encantadas. Uma dor cruciante perpassou por Ethan, e ele disse, girando o corpo na cadeira e afastando-se dela: — A próxima há de ser você, com toda certeza.

Mattie riu, um pouco hesitante: — Por que você não para de dizer isso?

Ethan fez eco a seu riso: — Acho que é para me acostumar com a ideia.

Puxou a cadeira para junto da mesa outra vez, e Mattie continuou a coser em silêncio, de olhos baixos, enquanto ele contemplava, fascinado, o modo como suas mãos subiam e desciam sobre o tecido, exatamente como um casal de passarinhos fazendo curtos voos perpendiculares sobre um ninho em construção. Por fim, sem virar a cabeça ou erguer os olhos, ela perguntou, em voz baixa:

— Não é por que você pensa que Zeena tenha alguma coisa contra mim, é?

O medo anterior de Ethan ressurgiu, com toda força, ante a sugestão: — Ora essa, o que você quer dizer? — tartamudeou.

Mattie dirigiu-lhe um olhar aflito e a costura caiu sobre a mesa, entre eles: — Não sei. Na noite passada, achei que ela podia ter.

— Eu gostaria de saber o quê — murmurou ele.

— Com Zeena nunca se sabe. — Era a primeira vez que falavam tão abertamente da atitude de Zeena em relação a Mattie, e foi como se a repetição do nome enchesse os cantos mais retirados do cômodo e o devolvesse em prolongados ricochetes sonoros. Mattie aguardou, como que dando ao eco tempo para cessar, e depois perguntou: — Ela não disse nada a você?

Ethan balançou a cabeça: — Não. Nem uma só palavra.

Mattie afastou os cabelos que lhe caíam na testa, rindo.

— Então, acho que é só nervosismo meu. Não vou mais pensar nisso.

— Claro que não.. Não vamos pensar nisso, Matt!

O súbito calor de seu tom fez com que ela corasse de novo, não de chofre, mas gradual e delicadamente, como o reflexo de um pensamento que lhe atravessasse, furtivo, o coração, Mattie se manteve em silêncio, segurando a costura, e Ethan teve a sensação de que uma corrente cálida fluía para ele através do pedaço de pano que ainda permanecia desenrolado entre eles. Cautelosamente, escorregou a mão, com a palma virada para baixo, ao longo da mesa, até que as pontas de seus dedos tocaram a orla da fazenda. Uma leve vibração das pestanas pareceu demonstrar que Mattie havia percebido o gesto, que lhe lançara uma contracorrente; e ela deixou as mãos imóveis na outra extremidade do pano.

Estavam nessa posição quando Ethan escutou um barulho às suas costas e virou a cabeça. O gato havia pulado da cadeira de Zeena para saltar contra um camundongo no rodapé, e em resultado do movimento repentino a cadeira vazia agora se mexia em um balouço espectral.

“Amanhã a essa hora ela em pessoa balançará nessa cadeira”, pensou Ethan. “Estive sonhando, e essa é a única noite que passaremos juntos na vida. ’ ’ O retorno à realidade foi tão doloroso quanto o retorno à consciência depois de uma anestesia. O corpo e a mente lhe doíam com um cansaço inexprimível, e ele nada conseguia pensar ou dizer que fosse capaz de sustar o voo delirante dos momentos.

Sua mudança de espírito pareceu comunicar-se a Mattie. Ela olhou para ele abatida, como se tivesse as pálpebras pesadas de sono e lhe custasse esforço abri-las. Seu olhar caiu na mão dele, que cobria completamente a ponta do pano e a segurava como se fizesse parte da própria pessoa de Mattie. Ethan notou um tremor quase imperceptível

perpassar pelo rosto dela, e sem saber o que fazer baixou a cabeça e beijou o pedaço da fazenda que tinha na mão. Enquanto seus lábios repousavam no tecido, sentiu-o deslizar lentamente. Mattie havia-se levantado e estava enrolando seu trabalho em silêncio. Prendeu-o com um alfinete e a seguir, achando o dedal e a tesoura, guardou-os junto do rolo de fazenda na caixa coberta com o papel de presente que Ethan de certa feita trouxera de Bettsbridge para ela.

Ethan também se levantou, olhando vagamente em torno. O relógio sobre o aparador bateu onze horas.

— O fogo está bem? — perguntou ela baixinho.

Ethan abriu a porta do fogão e atçou as brasas ao acaso. Ao endireitar o corpo, viu que ela arrastava para perto do fogão a velha caixa de sabão, forrada de tapete, onde o gato fazia sua cama. Depois ela voltou a atravessar o cômodo e sobraçou dois vasos de gerânios, afastando-os da janela fria. Ethan a seguiu e trouxe os outros gerânios, os bulbos de jacinto numa tigela lascada e a trepadeira que crescia em tomo de um velho arco de croque.

Cumpridas essas obrigações noturnas, nada lhes restava fazer senão trazer o castiçal de estanho do corredor, acender a vela e soprar o candeeiro. Ethan pôs o castiçal na mão de Mattie e ela saiu da cozinha à sua frente; a luz que ela portava diante de si fazia seus cabelos escuros assemelharem-se a uma lua aureolada.

— Boa noite, Matt — disse ele, quando ela pisou o primeiro degrau da escada.

Ela se virou e olhou-o por um momento: — Boa noite, Ethan — respondeu e subiu.

Depois que a porta do quarto se fechou, Ethan lembrou-se de que nem ao menos tocara na mão dela.

Capítulo VI

Na manhã seguinte, à hora do café, Jotham Powell lhes fez companhia, e Ethan procurou esconder sua exultação sob um ar de exagerada indiferença, recostando-se na cadeira para atirar migalhas ao gato, reclamando do tempo e sequer se oferecendo para ajudar Mattie quando ela se levantou para tirar os pratos.

Não sabia por que estava tão irracionalmente feliz, pois nada havia mudado na vida dele ou na dela. Ele nem mesmo lhe tocara as pontas dos dedos ou a olhara de frente nos olhos. Entretanto, o serão que haviam passado juntos lhe dera uma visão do que poderia ser a vida a seu lado, e agora alegrava-o nada ter feito que empanasse a doçura da imagem. Acreditava que ela soubesse o que o havia contido...

Era preciso transportar uma última carga de madeira à aldeia, e Jotham Powell — que não trabalhava regularmente para Ethan no inverno — passara ali para ajudá-lo no trabalho. Mas de noite havia caído uma neve úmida, que já começava a transformar-se em gelo, convertendo as estradas numa fita de vidro. Havia umidade no ar e os dois homens achavam provável que o tempo “aprumaria” mais à tarde, tornando a viagem mais segura. Por isso, Ethan propôs a seu ajudante que carregassem o trenó na manhã, como tinham feito na manhã anterior, adiando o carro até Starkfield para uma hora mais tardia. Esse plano tinha a vantagem de permitir-lhe mandar Jotham à Várzea depois do jantar, para buscar Zenobia, enquanto ele próprio levava a madeira à aldeia.

Ele disse a Jotham para sair e aproveitar os cinzas, e por um momento ele e Mattie tinham a cozinha só para eles. Ela tinha mergulhado os pratos do café da manhã em uma panela de lata e estava se dobrando acima dela com seus braços finos até o cotovelo, o vapor da água quente batendo na testa e apertando seus cabelos ásperos em pequenos anéis marrons como os gavinhas na alegria do viajante.

Ethan olhava para ela, com o coração na boca. Queria dizer: “Nunca mais ficaremos sozinhos assim...” Em vez disso, pegou a bolsa de fumo numa prateleira do aparador, meteu-a no bolso e disse: — Acho que volto para o almoço.

— Está certo, Ethan — respondeu Mattie, e enquanto saía ele a ouviu cantar.

Assim que o trenó estivesse carregado, ele tencionava mandar Jotham de volta à fazenda e ir depressa a pé até a aldeia a fim de comprar a cola para consertar o prato de conserva. Com um pouco de sorte teria tido tempo de cumprir esse plano; mas desde o começo tudo saiu errado. A caminho da matinha, um dos cavalos escorregou no gelo e cortou o pé; quando o levantaram, Jotham teve de voltar à estrebaria para buscar uma tira de pano e enfaixar o corte. Depois, quando enfim iniciaram o trabalho de carregamento, recomeçou a cair uma chuva de granizo e as toras se tornaram tão escorregadias que foi preciso o dobro do tempo habitual para erguê-las e colocá-las no trenó. Era uma daquelas manhãs que Jotham chamava de “miseráveis” para trabalhar, e os cavalos, tremendo e batendo as patas sob os cobertores

molhados, pareciam sentir o mesmo desconforto que os homens. Já passara muito da hora do almoço quando acabaram o trabalho, e Ethan teve de desistir de ir à aldeia porque queria levar o animal machucado para casa e limpar o corte ele próprio.

Imaginou que, saindo com a madeira assim que terminasse de almoçar, talvez pudesse voltar à fazenda com a cola antes que Jotham e o velho alazão tivessem tido tempo de buscar Zenobia na Várzea; mas sabia que as possibilidades eram pequenas. Dependia da situação das estradas e do possível atraso do trem de Bettsbridge. Lembrar-se-ia mais tarde, com soturno amargor, da importância que havia atribuído à ponderação dessas probabilidades...

Assim que acabou de almoçar, saiu de novo para a

matinha, não se atrevendo a esperar pela saída de Jotham Powell. O empregado ainda estava secando os pés molhados junto do fogão, e Ethan só pôde dirigir a Mattie um olhar de relance, enquanto lhe dizia, a meia voz: — Vou voltar cedo.

Teve a impressão de que ela fez um gesto com a cabeça, mostrando ter compreendido; e foi com esse escasso consolo que saiu na chuva.

Já se encontrava a meio caminho da aldeia, transportando sua carga, quando Jotham Powell o alcançou, acicatando o alazão relutante em direção à Várzea. “Vou ter de me apressar para chegar a tempo”, pensou Ethan, enquanto o trenó de Jotham desaparecia à sua frente, descendo o Morro da Escola. Trabalhou no descarregamento como se fosse dez homens e, ao terminar, dirigiu-se depressa à loja de Michael Eady para comprar a cola. Tanto Eady como seu ajudante estavam “pela rua”, e o jovem Denis, que raramente se dignava a tomar-lhes o lugar, achava-se à toa junto da estufa, com um grupo da juventude dourada de Starkfield. Saudaram Ethan com cumprimentos irônicos e convites para brincadeiras; mas ninguém soube localizar a cola. Consumido pela ânsia de passar um último momento a sós com Mattie, Ethan esperou, impaciente, enquanto Denis dava uma busca inútil pelos cantos mais obscuros da loja.

— Pelo visto, parece que acabou. Mas se você esperar por aqui até o velho voltar, talvez ele descubra onde está.

— Fico muito agradecido, mas vou ver se acho a cola na venda da Sra. Homan — respondeu Ethan, não vendo a hora de ir embora.

O instinto comercial de Denis levou-o a bradar que o que a Casa Eady não tinha jamais poderia ser encontrado na loja da viúva Homan; mas Ethan, sem atentar à jactância, já havia subido no trenó e se dirigia ao estabelecimento rival. Ali, depois de uma prolongada procura e de perguntas solícitas sobre o motivo pelo qual ele desejava a cola, e

sobre se grude comum não serviria caso ela não conseguisse encontrar o que ele pedia, a viúva finalmente descobriu um solitário vidro de cola oculto entre comprimidos para tosse e cadarços de espartilhos.

— Espero que Zeena não tenha quebrado nada de valioso — gritou a viúva às suas costas enquanto ele dirigia os zainos para casa.

As rajadas intermitentes de granizo tinham-se transformado numa chuva continua e os cavalos avançavam com dificuldade mesmo sem estarem

Arrastando uma carga pesada. Uma ou duas vezes, escutando sinos de trenó, Ethan virou a cabeça, imaginando que Zeena e Jotham poderiam alcançá-lo; mas o velho alazão não estava à vista, e ele arrostou a chuva e incitou sua vagarosa parelha a seguir em frente.

A estrebaria estava vazia quando os animais entraram, e depois de lhes dispensar cuidados mais que superficiais, Ethan caminhou para a casa e abriu a porta da cozinha.

Mattie estava sozinha, como ele imaginara. Achava-se curvada sobre uma panela no fogão; mas, ao ouvir-lhe os passos, virou-se com um sobressalto e correu em sua direção.

— Veja aqui, Matt. Trouxe uma coisa para consertar o prato! Vamos resolver isso logo! — exclamou, agitando o vidro com uma das mãos, enquanto a afastava de leve com a outra. Entretanto, foi como se ela não o ouvisse.

— Ethan... Zeena chegou — sussurrou, puxando-lhe a manga.

Entreolharam-se, pálidos como criminosos.

— Mas o alazão não está na estrebaria! — gaguejou Ethan.

— Jotham Powell trouxe umas coisas da Várzea para a mulher dele e foi direto para casa— explicou Mattie.

Ethan olhou atarantado em torno da cozinha, fria e tristonha no chuvoso crepúsculo de inverno.

— Como ela está? — perguntou, baixando a voz à

mesma altura do sussurro de Mattie.

Ela desviou os olhos, insegura. — Não sei. Ela subiu direto para o quarto.

— Não disse nada?

— Não.

Ethan exprimiu suas dúvidas com um assovio baixo e meteu o vidro de volta no bolso. — Não se preocupe. De noite eu desço e concerto o prato— disse. Tomou a vestir o casaco molhado e voltou à estrebaria para alimentar os cavalos.

Enquanto ele estava ali, Jotham Powell chegou com o trenó, e depois de cuidar dos cavalos Ethan lhe disse: — É melhor você vir fazer uma boquinha. — Tinha todo interesse em garantir a presença neutralizadora de Jotham à mesa do jantar, pois Zeena sempre ficava “nervosa” depois de uma viagem. Contudo, embora raramente deixasse de aceitar uma refeição não incluída em seu salário, o empregado mexeu a boca rígida para responder devagar: — Fico agradecido, mas acho que prefiro voltar logo.

Ethan olhou para ele, surpreso: — É melhor entrar e se secar. Parece que vai haver comida quente para o jantar.

Os músculos faciais de Jotham mantiveram-se imóveis diante da insistência, e como seu vocabulário era limitado, simplesmente repetiu: — Acho que prefiro voltar logo.

Para Ethan havia alguma coisa de vagamente pressaga nessa obstinada recusa de calor e comida de graça, e ficou a imaginar o que teria acontecido na viagem para levar Jotham a tal impassibilidade. Talvez Zeena não tivesse conseguido consultar-se com o médico novo ou não houvesse gostado de suas opiniões. Ethan sabia que, nesses casos, a primeira pessoa que ela encontrava costumava arcar com a culpa pelo contratempo.

Quando tornou a entrar na cozinha, o candeeiro iluminava a mesma cena de conforto aconchegante da noite anterior. A mesa tinha sido posta cuidadosamente, o gato dormitava no calor do fogão e Mattie vinha carregando uma

travessa de roscas.

Mattie e Ethan olharam um para o outro em silêncio; depois ela disse, tal como na noite anterior:

— Acho que está na hora do jantar.

Capítulo VII

Ethan foi ao corredor pendurar as roupas molhadas. Procurou escutar o passo de Zeena, mas, nada ouvindo, gritou seu nome da escada. Ela não respondeu, e após um momento de vacilação ele subiu e abriu a porta. O aposento estava quase em trevas, mas na obscuridade ele a viu sentada junto da janela, bem ereta, e percebeu pela rigidez da silhueta projetada contra a vidraça que ela não havia tirado o vestido com que viajara.

— Então, Zeena? — arriscou da porta.

Ela não se mexeu, e Ethan continuou:

— O jantar está quase pronto. Você não vem?

— Acho que não consigo engolir nada — respondeu ela.

Era a fórmula consagrada, e Ethan esperava que, como de hábito, ela se levantasse e descesse para jantar. No entanto, Zeena se manteve sentada, e como ele não imaginou nada mais oportuno, disse:

— Você deve estar cansada depois dessa viagem longa.

Ouvindo isso, ela virou a cabeça e respondeu solenemente:

— Estou muito mais doente do que você imagina.

Suas palavras caíram nos ouvidos de Ethan com um desconhecido impacto de surpresa. Ele já a ouvira pronunciá-las antes. E se enfim fossem verdadeiras?

Ethan deu um ou dois passos na penumbra do quarto.

— Espero que não seja verdade, Zeena — disse,

Ela continuou a fitá-lo na luz baça do ocaso, com uma atitude de digna autoridade, como a de alguém que tivesse sido conscientemente escolhido para um destino grandioso.

— Estou com complicações — disse ela.

Ethan sabia que a palavra tinha uma significação excepcional. Quase todo mundo na região tinha “problemas”, francamente localizados e específicos; mas apenas os eleitos tinham “complicações”. Possuí-las era em si uma distinção, conquanto fosse também, no mais das vezes, uma sentença de morte. As pessoas lutavam durante anos com os “problemas”, porém quase sempre sucumbiam às “complicações”.

O coração de Ethan saltava entre dois extremos de sentimento, mas no momento prevaleceu a compaixão. Sua mulher parecia tão hirta e solitária, sentada ali no escuro com tais pensamentos.

— Foi o que o novo médico lhe disse? — perguntou ele, baixando instintivamente a voz.

— Foi. Ele disse que qualquer médico do mundo recomendaria que eu fosse operada.

Ethan estava ciente de que, no tocante à importante questão de intervenção cirúrgica, a opinião das mulheres da região se dividia; algumas rejubilavam-se com o prestígio conferido pelas operações, enquanto outras fugiam delas como indecorosas. Por motivos de economia, a Ethan sempre alegrara o fato de Zeena pertencer à segunda facção.

No tumulto provocado pela gravidade do anúncio de Zeena, Ethan buscou um atalho consolador.

— Mas, afinal, o que você sabe desse médico? Nunca ninguém lhe disse isso antes.

Antes mesmo da reação da mulher, Ethan percebeu o erro crasso que cometera; ela queria piedade, não consolo.

— Não era preciso ninguém me dizer que eu estava me consumindo a cada dia. Todo mundo via isso, menos você. E todo mundo em Betts-bridge sabe quem é o Dr. Buck. O consultório dele é em Worcester e ele vem de quinze em quinze dias a Shadd’s Falls e Bettsbridge dar consultas. Eliza Spears estava definhando com problemas de rins antes de

se consultar com ele; agora arribou e já está até cantando no coro.

— Então, está certo. Você deve fazer tudo o que ele mandar — respondeu Ethan, compassivo.

Ela ainda estava olhando para ele: — É o que pretendo fazer — disse. Ethan notou que a voz de Zeena ganhara uma nova inflexão. Não era nem de lamúria, nem de censura, mas de uma seca resolução.

— O que ele quer que você faça? — perguntou, com uma crescente expectativa de novas despesas.

— Ele quer que eu tenha uma empregada. Disse que não devo fazer absolutamente nada em casa.

— Uma empregada? — Ethan estacou, petrificado.

— Isso. E tia Martha já me arranjou uma. Todo mundo disse que tive muita sorte em arranjar uma moça disposta a vir para esse cafundó, e eu concordei em pagar um dólar a mais, por garantia. Ela chega amanhã de tarde.

Fúria e consternação se debatiam em Ethan. Ele previra uma exigência imediata de dinheiro, mas não um sorvedouro permanente de seus minguados recursos. Já não acreditava no que Zeena lhe dissera da suposta seriedade de seu estado de saúde; via em sua expedição a Bettsbridge tão somente uma conspiração urdida entre ela e suas parentas, as Pierces, para impedir o sacrifício de uma empregada. E no momento predominou a fúria.

— Se você pretendia contratar uma empregada, devia ter dito antes de viajar — disse ele.

— Como eu podia lhe dizer antes? Como eu podia adivinhar o que o Dr. Buck ia dizer?

— Ah, Dr. Buck! — A incredulidade de Ethan expressou-se numa breve risada. — Por acaso o Dr. Buck lhe disse como é que vou pagar o ordenado de uma empregada?

Diante disso, Zeena levantou a voz, indignada:

— Não, não disse. É claro que eu ia sentir vergonha de dizer a ele que você fica chorando o dinheiro que vai me dar para eu recuperar a saúde, e isso depois que fiquei doente

cuidando da sua mãe!

— Você ficou doente cuidando de mamãe?

— Foi. E todo meu pessoal me disse na época que o mínimo que você podia fazer era casar comigo depois que eu...

— Zeena!

Na obscuridade que lhes ocultava os rostos, pareciam dardejear pensamentos malévolos um contra o outro, como víboras expelindo peçonha. A cena cobria Ethan de horror, e de vergonha pela parte que nela lhe cabia. Era tão disparatada e selvagem como uma luta física entre dois inimigos no escuro.

Ethan foi até a prateleira em cima da chaminé, tateou à procura de fósforos e acendeu a única vela que havia no quarto. A princípio a débil chama não causou nenhuma mudança nas sombras; depois o rosto de Zeena destacou-se, sombrio, contra a vidraça sem cortina, que de cinzenta se fizera negra.

Aquela era a primeira cena de raiva ostensiva entre o casal em seus tristes sete anos de convívio, e Ethan julgou ter perdido uma vantagem irrecuperável ao descer ao nível da recriminação. Entretanto, o problema prático estava ali e tinha de ser resolvido.

— Você sabe que não tenho com que pagar uma empregada, Zeena. Você vai ter de mandá-la de volta. Não posso pagar essa moça.

— O médico diz que se eu continuar a trabalhar como um burro de carga isso será minha morte. Ele não entende como é que aguentei durante tanto tempo.

— Burro de carga! — Ethan se conteve novamente. — Você não vai precisar mexer um dedo, se é isso que ele deseja. Eu mesmo vou fazer tudo que for preciso...

Zeena o aparteou: — Você já está descuidando da fazenda o suficiente. — Como isso era verdade, ele não teve o que responder, o que deu tempo a Zeena para acrescentar com ironia: — É melhor me mandar para o asilo

de pobres de uma vez... Tenho para mim que alguns Frome já estiveram lá.

O escárnio doeu em Ethan, mas ele deixou passar.

— Não tenho dinheiro. Isso resolve a questão.

Houve uma pausa no embate, como se os contendores experimentassem suas armas. Depois Zeena disse tranquilamente:

— Entendi que você ia receber cinquenta dólares de Andrew Hale por aquela madeira.

— Andrew Hale nunca paga antes de três meses. — Mal tinha acabado de falar, lembrou-se da desculpa que havia dado na véspera para não acompanhar sua mulher à estação. E o sangue lhe subiu ao rosto contraído.

— Ora, você me disse ontem que havia combinado com ele receber à vista. Você disse que era por isso que não podia me levar à Várzea.

Ethan não tinha nenhuma habilidade para evasivas. Nunca até ali fora flagrado em mentira e não soube fugir à acusação.

— Acho que houve um mal-entendido — gaguejou.

— Você não tem o dinheiro?

— Não.

— Nem vai ter?

— Não.

— Bem, eu não podia saber disso quando contratei a moça, podia?

— Não — Ethan fez uma pausa para controlar a voz. — Mas agora você sabe. Sinto muito, mas não posso fazer nada. Você é casada com um homem pobre, Zeena. Mas vou fazer tudo que puder por você.

Por um momento ela ficou imóvel, como que refletindo, os braços estendidos, os olhos fixos no vazio.

— Bem, acho que vamos dar um jeito — disse, serena.

A mudança em seu tom de voz tranquilizou Ethan.

— Claro que vamos! Posso fazer muitas outras coisas para você, e Mattie...

Enquanto ele falava, Zeena parecia efetuar complicados cálculos mentais. Saiu de sua reflexão para dizer: — De qualquer modo, Mattie será uma boca a menos...

Supondo que a discussão houvesse terminado, Ethan virara-se para ir jantar. Parou de supetão, sem entender o que tinha ouvido: — Mattie será uma boca a menos... — começou.

Zeena riu. Foi um som estranho e desconhecido — ele não se lembrava de que algum dia a tivesse ouvido rir.

— Você não imaginou que eu fosse ficar com duas moças aqui, não é? Não é de admirar que tenha ficado com medo da despesa!

Ethan ainda se sentia um tanto perdido em relação ao que ela estava dizendo. Desde o começo da discussão, evitara instintivamente mencionar o nome de Mattie, temendo não sabia bem o quê: críticas, queixas ou vagas alusões à iminente probabilidade de ela vir a casar-se. Mas a ideia explícita de uma separação jamais lhe ocorrera, e ainda agora ele não conseguia encaixá-la na mente.

— Não sei o que você quer dizer — disse ele. — Mattie Silver não é uma empregada. É sua parenta.

— Ela é uma pobretona sem eira nem beira que se pendurou em nós depois que o pai fez o que pôde para nos arruinar. Já fiquei com ela aqui um ano inteiro. Chegou a vez de outra pessoa.

Enquanto as palavras estridentes eram proferidas, Ethan escutou uma batida na porta, que ele fechara ao voltar do umbral.

— Ethan... Zeena! — A voz de Mattie os chamava alegremente do patamar. — Sabem que horas são? O jantar está pronto há meia hora.

No interior do quarto houve um momento de silêncio. Depois Zeena gritou de onde estava sentada; — Não vou descer para jantar.

— Ah, desculpe! Você não está bem? Quer que eu traga alguma coisa aqui em cima?

Ethan mexeu-se com esforço e abriu a porta.

— Pode descer, Matt. Zeena está só um pouco cansada. Eu já vou.

Ouviu Matt responder “Está certo” e seus passos rápidos na escada. Depois bateu a porta e voltou lentamente para o quarto. A atitude da

mulher não se alterara, seu rosto estava implacável, e Ethan foi assaltado pela sensação desesperante de sua impotência.

— Zeena, você não pode fazer isso!

— Fazer o quê? — disse ela, os lábios apertados.

— Mandar Mattie embora... assim!

— Nunca prometi ficar com ela a vida toda!

Ethan continuou, com crescente veemência:

— Você não pode pôr Matt porta afora como uma ladra... uma moça pobre sem amigos nem dinheiro. Ela tem feito tudo que pode por você e não tem para onde ir. Você pode se esquecer de que ela é parenta sua, mas todo mundo vai se lembrar disso. Se você fizer uma coisa dessas, o que acha que as pessoas vão dizer de você?

Zeena esperou um momento, como que para dar tempo a Ethan de sentir toda a força do contraste entre sua própria agitação e o domínio de si que ela demonstrava. Depois respondeu com a mesma voz serena:

— Sei muito bem o que eles dizem sobre eu ter ficado com ela aqui tanto tempo.

Ethan soltou a tranca, que estivera apertando desde o instante em que fechara a porta às costas de Mattie. A réplica de sua mulher foi como uma punhalada em seus nervos e ele se sentiu de repente fraco e desamparado. Pretendera ser conciliador, argumentar que o sustento de Mattie não custava muito afinal, que ele podia arranjar dinheiro para comprar uma estufa e ajeitar um lugar no sótão para a empregada... mas as palavras de Zeena tinham revelado o perigo desses argumentos.

— Você pretende dizer a Matt que ela tem de ir

embora... logo? — perguntou hesitante, com medo de deixar a mulher completar o que estava dizendo.

Como que tentando chamar Ethan à razão, ela respondeu, equânime:

— A moça vai chegar de Bettsbridge amanhã, e acho que ela precisa de um lugar onde dormir.

Ethan olhou para Zeena com ódio. Ela não era mais a criatura apática que vivera a seu lado em um estado de embirrado ensimesmar-se, mas uma misteriosa entidade estranha, uma energia malévola secretada em longos anos de cismarento silêncio. Era a consciência de seu desamparo que lhe exacerbava a aversão. Jamais houvera nela qualquer sinal de solidariedade humana; mas, enquanto ele pudera não fazer caso dela e ditar as ordens, permanecera indiferente. Agora ela o subjugara e ele a abominava. Mattie era parenta dela, não dele; não havia meio pelo qual ele pudesse obrigar Zeena a manter a moça sob seu teto. Todo o longo infortúnio de seu passado frustrado, de sua juventude de fracassos, privações e esforços vãos, veio à tona amargamente em sua alma e pareceu encarnar-se diante dele na mulher que a cada passo lhe barrara o caminho. Ela já lhe tirara tudo; agora pretendia tirar a única coisa que compensava todas as demais. Por um momento a flama de ódio que cresceu em Ethan foi tão violenta que se alastrou por seu braço e o fez cerrar o punho. Ethan deu um passo colérico à frente, mas se deteve.

— Você... você não vai descer? — perguntou, transtornado.

— Não. Acho que vou me deitar um pouco — respondeu ela, tranquila. Ethan virou-se e saiu do quarto.

Na cozinha, Mattie estava sentada à beira do fogão, com o gato enrolado em seus joelhos. Pôs-se de pé quando Ethan entrou e levou para a mesa a travessa de pastelão de carne.

— Zeena não está doente, espero — disse ela.

— Não.

Mattie sorriu para ele do outro lado da mesa.

— Bem, então sente-se. Você deve estar morto de fome — destapou o pastelão e empurrou-o em sua direção. Nesse caso, teriam mais uma noite juntos, seus olhos jubilosos pareciam dizer!

Ethan serviu-se mecanicamente e começou a comer. Mas um bolo subiu-lhe à garganta e ele depôs o garfo.

Mattie o olhava com ternura e percebeu seu gesto.

— O que foi, Ethan? O gosto não está bom?

— Está... excelente. É que eu... — empurrou o prato, levantou-se da cadeira e rodeou a mesa até onde ela se encontrava. Mattie levantou-se, com olhos assustados.

— Ethan, está acontecendo alguma coisa! Eu sabia que estava!

Ela como que se dissolveu nele, aterrorizada, e Ethan a susteve nos braços, apertou-a com força, sentiu suas pestanas batendo em seu rosto como borboletas presas numa rede.

— O que foi... o que foi? — balbuciou ela. Mas Ethan lhe encontrara enfim os lábios e neles bebia a inconsciência; a única realidade existente era a felicidade que lhe proporcionavam.

Ela se abandonou por um momento, carregada pela mesma corrente forte. Depois soltou-se do abraço de Ethan e recuou um ou dois passos, pálida e desnorteada. O olhar dela o encheu de angústia, e ele gritou, como se a visse afogar-se em um sonho:

— Você não pode ir embora, Matt! Nunca vou deixar!

— Ir... embora?—gaguejou ela. — Eu tenho de ir embora?

As palavras ressoaram longamente entre eles como uma tocha de alerta que voasse de mão em mão por uma paisagem negra.

Ethan foi tomado de vergonha por sua falta de autocontrole, que o levara a transmitir a notícia a Mattie de modo tão brutal. Sentiu uma vertigem e

teve de apoiar-se na mesa. Tinha a impressão de que

ainda a beijava, ao mesmo tempo em que morria de sede de seus lábios,

— Ethan, o que aconteceu? Zeena está zangada comigo?

O brado o recompôs, embora lhe aumentasse a fúria e a compaixão.

— Não, não — garantiu —, não se trata disso. Mas esse médico novo a deixou assustada com a saúde. Você sabe como ela acredita em tudo que eles dizem, logo da primeira vez. E esse agora disse que ela não vai se curar a menos que fique de repouso e não faça nada em casa... durante meses...

Ethan fez uma pausa, enquanto desviava os olhos, aflito. Mattie ficou calada por um momento, abatendo-se diante dele como um galho partido. Estava tão encolhida e tinha um aspecto tão frágil que o coração de Ethan se confrangeu. De repente, ela ergueu a cabeça e fitou-o nos olhos.

— E ela quer alguém mais eficiente em meu lugar? É isso?

— Foi o que ela disse hoje.

— Se ela disse hoje, vai dizer amanhã.

Ambos se curvavam à verdade inexorável; sabiam que Zeena nunca mudava de ideia e que, no caso dela, uma resolução tomada equivalia a um ato realizado.

Seguiu-se entre eles um prolongado silêncio. Depois Mattie disse em voz baixa; — Não sofra tanto, Ethan.

— Ah, Deus... ah. Deus — gemeu Ethan. O fulgor de paixão que ele sentira por Mattie se desvanecera em dolorida ternura. Viu seus cílios batendo depressa, reprimindo as lágrimas, e ansiou por tomá-la nos braços e acalentá-la.

— Você está deixando o jantar esfriar — disse Mattie com um débil lampejo de jovialidade.

— Ah, Matt... Matt... para onde você vai?

As pálpebras de Mattie se cerraram e um

estremecimento cruzou-lhe o rosto. Ethan percebeu que pela primeira vez ela pensava claramente em seu futuro.

— Quem sabe consigo encontrar alguma coisa para fazer em Stamford? — disse ela, hesitante, como se soubesse não ter qualquer esperança.

Ethan afundou-se na cadeira e escondeu o rosto nas mãos. Sentia-se inundado de desespero ao imaginá-la retomando, sozinha, a extenuante busca de trabalho. No único lugar em que era conhecida, cercavam-na indiferença ou animosidade; e que possibilidade a teria, inexperiente e desqualificada, entre os milhões que lutavam pelo pão de cada dia nas cidades grandes? Recordava as histórias acabrunhantes que havia escutado em Worcester e as fisionomias de moças cujas vidas tinham começado tão esperançosas quanto a de Mattie... Não era possível pensar nessas coisas sem que todo seu ser fosse tomado de revolta. Ethan se ergueu de repente.

— Você não pode ir embora, Matt! Não vou deixar! Ela sempre fez o que quis, mas dessa vez eu...

Mattie levantou a mão em um gesto rápido, e Ethan ouviu os passos de sua mulher atrás dele.

Zeena entrou na cozinha com seu passo arrastado, e calmamente tomou o lugar de costume entre os dois.

— Estou me sentindo um pouco melhor, e o Dr. Buck disse que devo comer tudo o que puder para conservar as forças, mesmo que esteja sem apetite — disse ela, em seu monocórdio tom de lamúria, estendendo o braço diante de Mattie para pegar o bule de chá. Seu vestido “melhor” tinha sido trocado pelo de chita preta e pelo xale marrom de tricô que constituíam seu traje cotidiano; juntamente com essa roupa, ela assumira também o semblante e as maneiras habituais. Despejou o chá, acrescentou-lhe uma boa quantidade de leite, serviu-se de um grande pedaço de pastelão e de conservas, e fez o gesto familiar de ajustar a dentadura postiça antes de começar a comer. O gato esfregou-se nela, insinuante; Zeena lhe disse: “Quietinho,

Mimi; abaixou-se para afagá-lo e lhe deu um pedacinho de carne de seu prato.

Ethan ficou sentado em silêncio, sem fingir comer, porém Mattie mordiscou bravamente a comida e fez a Zeena uma ou duas perguntas sobre sua visita a Bettsbridge. Zeena respondeu no tom de sempre e, animando-se com o assunto, deleitou-os com várias descrições vividas dos distúrbios intestinais de suas amigas e parentas. Olhava Mattie no rosto enquanto falava, e um leve sorriso lhe aprofundava as rugas verticais entre o nariz e a boca.

Terminado o jantar, ela se levantou da cadeira e levou a mão à superfície chata sobre a área do coração;

— Esse seu pastelão sempre fica um pouco pesado, Matt — disse com benevolência. Raramente abreviava o nome da moça, e quando o fazia era sempre sinal de afabilidade. — Estou com muita vontade de ir procurar aqueles pós estomacais que eu trouxe no ano passado de Springfield — prosseguiu. — Já faz um bocado de tempo que não tomo esses pós e talvez eles aliviem minha azia.

Mattie ergueu os olhos; — Posso ir pegar para você, Zeena? — arriscou.

— Não. Eles estão em um lugar que você não conhece — respondeu Zeena, enigmática, com uma de suas expressões misteriosas.

Saiu da cozinha e Mattie, levantando-se, começou a limpar a mesa. Ao passar pela cadeira de Ethan, os olhos deles se encontraram e uniram-se desconsoladamente. Quente e silenciosa, a cozinha ainda tinha o mesmo ar aconchegante da noite anterior. O gato saltara para a cadeira de balanço de Zeena, e o calor do fogo começava a despertar o perfume leve e penetrante dos gerânios. Ethan pôs-se de pé vagarosamente.

— Vou sair para ver se está tudo bem—disse ele, dirigindo-se ao corredor para pegar a lanterna.

Ao chegar à porta, deu com Zeena de volta à cozinha, os

lábios trêmulos de cólera e um rubor de emoção no rosto descarnado. O xale caíra dos ombros e se arrastava no chão. Nas mãos ela trazia os fragmentos do prato de vidro vermelho.

— Gostaria de saber quem fez isso — disse, olhando severamente de Ethan para Mattie.

Não houve resposta, e ela continuou a falar, com a voz embargada:

— Fui apanhar aqueles pós, que eu havia colocado na caixa de óculos de papai, no alto do armário, onde guardo as coisas de que mais gosto, para que os intrometidos não bulam com elas... — Sua voz sumiu, e duas pequeninas lágrimas penderam das pálpebras sem cílios e lhe escorreram lentamente pelas faces. — É preciso subir na escada para chegar à prateleira mais alta; botei o prato de tia Philura Maple lá em cima de propósito, quando nos casamos, e nunca mais ele saiu de lá, a não ser nas faxinas da primavera, e quando isso acontecia eu guardava o prato lá com minhas próprias mãos, para que não quebrasse. — Zeena colocou os fragmentos na mesa, reverentemente. — Quero saber quem fez isso — exigiu com um tremor na voz.

Diante do desafio, Ethan voltou para a cozinha e a encarou.

— Posso lhe dizer: foi o gato.

— O gato?

— Foi o que eu disse.

Zeena olhou para ele, carrancuda, e depois para Mattie, que trazia a bandeja para a mesa.

— Eu gostaria de saber como foi que o gato entrou em meu armário — disse ela.

— Caçando camundongos, acho — replicou Ethan. — Ontem havia um camundongo correndo pela cozinha a noite toda.

Zeena continuou a olhar de um para outro. Depois soltou seu risinho estranho.

— Eu sabia que esse gato era ladino — disse com voz

aguda—, mas não sabia que era bastante ladino para juntar direitinho os cacos de meu prato de conservas, e justamente na prateleira de onde ele caiu.

Com um arranco, Mattie tirou os braços da água fumegante: — Não foi culpa de Ethan, Zeena! Realmente foi o gato. Mas fui eu quem tirou o prato do armário de louças, e a culpada sou eu Zeena continuava ao lado das ruínas de seu tesouro, transformando-se numa imagem pétrea de ressentimento.

— Você tirou meu prato do armário? Para quê?

Mattie enrubesceu; — Eu queria que a mesa do jantar ficasse bonita — disse.

— Você queria que a mesa do jantar ficasse bonita... E esperou até eu virar as costas e mexeu naquilo de que eu mais gosto, e que nunca quis usar, nem quando o pastor veio jantar, nem quando tia Martha Pierce veio de Bettsbridge... — Zeena se calou, arquejante, como que aterrorizada pela mera evocação do sacrilégio. — Você não presta, Mattie Silver, e eu sempre soube disso. Foi assim que seu pai começou; fui avisada quando recebi você, por isso procurei guardar minhas coisas onde você não pudesse mexer... E agora você destruiu a coisa de que eu mais gostava... — Zeena desatou em um espasmo de soluços que logo passaram e a deixaram mais semelhante ainda a uma estátua de pedra. — Se eu tivesse prestado atenção no que minha gente dizia, você já teria ido embora há tempos, e isso não teria acontecido — disse ainda.

Reunindo os pedaços de vidro, saiu da cozinha como se carregasse um cadáver...

Capítulo VIII

Quando Ethan fora chamado de volta à fazenda, por causa da doença do pai, sua mãe lhe dera um quartinho que ficava atrás da sala de visitas, nunca usada. Ali ele havia

armado estantes para seus livros, construído um sofá com tábuas e um colchão, arrumado seus papéis numa mesa de cozinha e pendurado na parede de chapisco uma gravura de Abraham Lincoln e uma folhinha com “pensamentos de poetas”; com esses modestos pertences, tentava criar alguma semelhança com o estúdio de um pastor que fora atencioso com ele e lhe emprestara livros durante sua estada em Worcester. Ainda se refugiava ali no verão, mas, quando Mattie viera morar na fazenda, ele fora obrigado a lhe dar sua estufa, de modo que o aposento ficava inabitável durante vários meses no ano.

Foi para esse aposento que ele se recolheu assim que a casa silenciou e o ressonar firme de Zeena lhe garantiu que a cena na cozinha não teria prosseguimento. Depois da saída de Zeena, ele e Mattie haviam ficado mudos, sem que nenhum dos dois tentasse aproximar-se do outro. Depois a moça voltara à tarefa de arrumar a cozinha e ele pegara a lanterna e saíra para a ronda habitual em torno da casa. Quando voltou, a cozinha estava vazia; mas sua bolsa de fumo e o cachimbo haviam sido postos sobre a mesa, e debaixo deles havia uma tirinha de papel, rasgada da capa de um catálogo de sementes, com três palavras escritas; “Não sofra, Ethan.”

Entrando em seu frio e escuro “estúdio”, colocou a lanterna na mesa e, aproximando-se da luz, leu o recado repetidamente. Era a primeira vez que Mattie lhe escrevia, e aposse do papel lhe deu uma sensação nova e estranha de proximidade dela; no entanto, aprofundou sua angústia ao lembrar que daí em diante não teriam outro meio de comunicação. Em lugar do sorriso vivificante dela, do calor de sua voz, apenas papel frio e palavras mortas!

Confusos ímpetos de rebelião agitavam-se em Ethan. Era demasiado jovem, forte e cheio de vitalidade para submeter-se tão facilmente à destruição de suas esperanças. Por acaso tinha de consumir todos os seus anos ao lado de uma mulher amarga e ranzinza? Já tivera antes

outras possibilidades, sacrificadas uma a uma à mesquinha e ignorância de Zeena. E que bem adviera disso? Ela estava mil vezes mais amarga e insatisfeita do que ao se casarem; o único prazer que ainda restava a Zeena consistia em lhe infligir sofrimentos. E instintos salutare de autodefesa cresciam nele contra tal aviltamento ...

Enrolou-se no velho casaco de pele e deitou-se no sofá para pensar. Sentiu sob o rosto um objeto duro, com estranhas protuberâncias. Era uma almofada que Zeena havia feito para ele, quando noivos — o único trabalho de agulha que ele a virar fazer. Atirou-a para o outro lado do quarto e encostou a cabeça na parede.

Conhecia o caso de um homem do outro lado da serra — um sujeito mais ou menos de sua idade — que fugira ao mesmo tipo de vida infernal indo para o Oeste com a moça de quem gostava. Sua mulher pedira o divórcio; ele se casara com a moça e prosperara. No verão anterior Ethan vira o casal em Shadd's Falis, em visita a parentes. Tinham uma filhinha de cabelos claros e cacheados, que usava um medalhão de ouro e vestia-se como princesa. A esposa abandonada também não se sairá mal. O marido lhe dera a fazenda e eia havia conseguido vendê-la; com isso, mais a pensão, havia aberto um restaurante em Bettsbridge, tornando-se uma pessoa ativa e importante. A imaginação de Ethan disparou. Por que não partir com Mattie no dia seguinte, ao invés de deixá-la seguir sozinha? Esconderia a maleta sob o assento do trenó, e Zeena de nada suspeitaria até subir ao quarto, para a sesta da tarde, e encontrar uma carta na cama...

Seus impulsos ainda estavam à flor da pele, e ele se levantou, reacendeu a lanterna e sentou-se à mesa. Procurou na gaveta uma folha de papel e começou a escrever.

“Zeena, fiz tudo que pude por você, e creio que de nada adiantou. Não ponho culpa em você, nem em mira. Talvez

seja melhor nos separarmos. Vou tentar a sorte no Oeste, e você pode vender a fazenda e a serraria, ficar com o dinheiro ...”

A pena se deteve nessa palavra, que lhe lembrou as condições inexoráveis de seu destino. Se ele desse a fazenda e a serraria a Zeena, o que lhe sobraria para recomeçar a vida? Uma vez no Oeste, tinha certeza de conseguir trabalho... não recearia tentar a sorte sozinho. Entretanto, com Mattie a depender dele, o caso era diferente. E o que seria de Zeena? A fazenda e a serraria estavam hipotecadas no limite de seu valor, e mesmo que ela encontrasse um comprador — coisa de si improvável —, era duvidoso que a venda lhe rendesse mil dólares. Enquanto isso, como poderia ela ir tocando a fazenda? Só com trabalho incessante e supervisão pessoal Ethan conseguia extrair um parco sustento de sua terra, e sua mulher, mesmo que estivesse melhor de saúde do que imaginava, jamais poderia arcar com aquela carga sozinha.

Bem, nesse caso ela poderia voltar para a parentela e ver o que fariam em seu favor. Era o destino que estava impondo a Mattie ... por que não deixar que ela própria o provasse? Quando descobrisse o paradeiro dele, e entrasse com uma ação de divórcio, provavelmente ele estaria — fosse onde fosse — ganhando o bastante para lhe pagar uma pensão suficiente. Ademais, a alternativa era permitir que Mattie fosse embora sozinha, com muito menos esperança de sustento no final das contas...

Ethan havia espalhado o conteúdo da gaveta ao procurar uma folha de papel, e no instante em que ergueu a pena seus olhos caíram em um velho exemplar do *Bettsbridge Eagle*. A página de anúncios estava virada para cima, e ele leu as palavras sedutoras: “Viagens para o Oeste: tarifas reduzidas.”

Puxou a lanterna para mais perto e correu os olhos, ansioso, pelos preços; depois o jornal caiu de sua mão e ele empurrou para o lado a carta inacabada. Um momento

antes, conjecturava de onde ele e Mattie tirariam seu sustento assim que chegassem ao Oeste; agora percebia que não dispunha de meios sequer para levá-la até lá. Um empréstimo estava fora de cogitação; seis meses antes ele dera seu único penhor a fim de levantar recursos para reparos que se faziam necessários na serraria, e sabia que sem garantia ninguém em Starkfield lhe emprestaria dez dólares. Os fatos irremediáveis caíram sobre ele como carcereiros que algemassem um condenado. Não havia saída — nenhuma. Estava sentenciado à prisão perpétua, e agora seu único raio de luz estava prestes a se extinguir.

Arrastou-se penosamente ao sofá, estendendo-se com os membros tão inertes que tinha a impressão de que jamais voltaria a mover-se. Lágrimas subiram-lhe pela garganta e lentamente abriram caminho, cauterizantes, a seus olhos.

Enquanto estava ali deitado, a vidraça fronteira, que paulatinamente se tornava mais clara, incrustou na escuridão um quadrado de céu banhado de luar. Atravessava-o um galho retorcido, um galho da macieira sob a qual, nas noites de verão, ele muita vez encontrara Mattie ao voltar da serraria. Vagarosamente, a borda dos vapores chuvosos se incendiou, consumindo-se, e uma lua límpida saltou no azul. Erguendo-se nos cotovelos, Ethan ficou vendo a paisagem embranquecer e ganhar forma sob o cinzel da lua. Aquela era a noite em que ele tinha prometido levar Mattie para deslizar na neve, e lá estava a lâmpada que haveria de iluminá-los! Lançou a vista as encostas refulgentes, às matas trevosas e nimbadas de prata, ao púrpura espectral dos morros contra o céu... Parecia que toda a beleza da noite tinha sido derramada para escarnecer de seu tormento.

Adormeceu; quando acordou o quarto havia sido tomado pela gelidez da madrugada de inverno. Ethan sentia frio, entorpecimento e fome, e envergonhou-se de ter fome. Esfregou os olhos e foi à janela. O sol rubro se erguia sobre

o horizonte cinzento dos campos, por trás de árvores de aspecto negro e frágil. Este é o último dia de Matt', disse consigo mesmo, e procurou imaginar como ficaria a fazenda sem ela.

Ainda à janela, escutou um passo atrás de si e Mattie entrou.

— Ethan... Você passou a noite aqui?

Ela parecia tão miúda e murcha em seu vestido pobre, com o xale vermelho sobre as costas e a luz fria emaciando-lhe a palidez, que Ethan manteve-se em silêncio.

— Você deve estar congelado — prosseguiu Mattie, cravando nele olhos opacos.

Ethan aproximou-se um passo.

— Como sabia que eu estava aqui?

— Porque ouvi você descer a escada novamente depois que fui me deitar, prestei atenção a noite toda e você não subiu.

Toda a ternura que ele trazia em si precipitou-se a seus lábios. Ethan olhou-a e disse: — Vou acender o togo na cozinha.

Voltaram para a cozinha. Ethan trouxe carvão e cavacos e limpou o fogão para Mattie, enquanto ela pegava o leite e os restos frios do pastelão. Quando o fogo começou a emitir calor e o primeiro raio de sol caiu no chão da cozinha, os pensamentos sombrios de Ethan desmancharam-se no ar mais suave. Ver Mattie cuidando de seu trabalho, como ele a virar fazer tantas manhãs, tornava impossível acreditar que algum dia ela deixasse de fazer parte daquela cena. Ethan disse a si mesmo que sem dúvida havia exagerado o significado das ameaças de Zeena, e que também ela, com o retorno da luz do dia, se mostraria mais calma e racional.

Ethan foi até onde estava Mattie, junto do fogão, e tocou-lhe o braço.

— Eu também não quero que você sofra — disse, olhando-a nos olhos com um sorriso.

Ela corou feliz, e murmurou;

— Não, Ethan, não vou sofrer.

— Acho que as coisas vão endireitar — acrescentou ele.

A única resposta de Mattie foi bater rapidamente as pálpebras, e Ethan continuou:

— Ela disse alguma coisa essa manhã?

— Não. Ainda não vi Zeena.

— Finja que nada aconteceu quando se encontrar com ela.

Com essa recomendação, deixou-a e saiu para a estrebaria. Avistou Jotham Powell subindo a colina em meio à névoa da manhã, e a cena, tão habitual, reforçou sua crescente convicção de segurança.

Enquanto os dois homens limpavam as baias, Jotham apoiou-se no forcado para dizer:

— Daniel Byrne vai hoje à Várzea ao meio-dia, e ele podia levar a mala de Mattie, para facilitar quando eu for levar a moça no trenó.

Ethan olhou para ele, perplexo, e Jotham continuou:

— Dona Zeena disse que a moça nova vai estar na Várzea às cinco horas e que eu devia levar

Mattie a essa hora, para ela pode pegar o trem de Stamford às seis.

Ethan sentiu o sangue latejar nas têmporas. *

Teve de esperar um momento até achar voz para responder;

— Eu não tenho certeza de que Mattie vá...

— Ah, é? — perguntou Jotham com indiferença. E prosseguiram com o trabalho.

Quando voltaram para a cozinha, as duas mulheres já estavam à mesa. Zeena tinha uma expressão de vivacidade e ligeireza incomuns. Tomou duas xicaras de café e alimentou o gato com sobras do pastelão. Depois levantou-se da cadeira, caminhou até a janela e arrancou duas ou três folhas amareladas dos gerânios.

— Os gerânios de tia Martha não têm nenhuma folha murcha. Mas essas plantas definham quando não são

cuidadas — disse ela, pensativa. A seguir virou-se para Jotham e perguntou; — A que horas você disse que Daniel Byrne vai passar?

O empregado lançou um olhar hesitante a Ethan: — Mais ou menos ao meio-dia—respondeu.

Zeena voltou-se para Mattie: — O trenó não aguenta muito peso e por isso Daniel Byrne vai passar aqui para levar sua mala até a Várzea — disse.

— Fico muito agradecida, Zeena — disse Mattie.

— Primeiro eu queria acertar umas coisas com você — continuou Zeena, imperturbável. — Eu sei que está faltando uma toalha de linho. E não posso me esquecer do que você fez com a caixinha de guardar fósforos que ficava atrás da coruja empalhada da sala.

Zeena saiu, seguida por Mattie, e quando os dois homens ficaram sozinhos, Jotham disse ao patrão:

— Então acho melhor mandar Daniel passar por aqui.

Ethan terminou suas tarefas de toda manhã na casa e na estrebaria, e depois disse a Jotham:

— Vou a Starkfield. Diga a elas que não me esperem para almoçar.

O fogo da rebelião voltara a crepitar nele. O que parecia inacreditável à luz sóbria do dia havia realmente acontecido, e lhe caberia assistir, como espectador impossível, ao banimento de Mattie. Sua virilidade estava humilhada pelo papel que ele

era obrigado a desempenhar e pela ideia que Mattie devia estar fazendo a seu respeito. Impulsos embaralhados se debatiam nele, enquanto caminhava a passos largos para a aldeia. Ethan havia decidido fazer alguma coisa, mas não sabia o quê.

A névoa matutina havia-se dissipado e os campos semelhavam um escudo de prata sob o sol. Era um daqueles dias em que a rutilação do inverno fulge através de uma tênue neblina prenunciadora de primavera. Cada pedaço de estrada tinha bem viva a presença de Mattie, e

quase não havia um galho destacado contra o céu ou uma touceira à beira do caminho que não evocasse um alegre fragmento de lembranças. Em certo momento, no silêncio, o grito de uma ave em um freixo da montanha pareceu tão semelhante ao riso de Mattie que o coração de Ethan se contraiu e depois dilatou-se; tudo isso o convencia de que alguma coisa tinha de ser feita logo.

De repente, ocorreu-lhe que talvez pudesse induzir Andrew Hale, um homem compassivo, a reconsiderar sua recusa e adiantar uma quantia modesta pela madeira entregue, se lhe dissesse que a doença de Zeena o obrigava a contratar uma empregada. Hale, afinal das contas, sabia o suficiente sobre a situação de Ethan para que ele pudesse renovar seu apelo sem sacrificar muito seu amor-próprio; além do mais, até que ponto valia o amor-próprio no tropel de paixões em seu peito?

Quanto mais pensava no plano, mais promissor ele lhe parecia. Se pudesse falar com a Sra. Hale, não duvidava de que teria êxito, e com cinquenta dólares no bolso nada poderia afastá-lo de Mattie...

Seu primeiro objetivo consistia em chegar a Starkfield antes que Hale tivesse saído para o trabalho. Sabia que o carpinteiro tinha uma obra na estrada de Corbury, e por isso era provável que saísse cedo de casa. As passadas largas de Ethan tornaram-se ainda mais rápidas, acompanhando o ritmo acelerado de seus pensamentos, e ao atingir o sopé do Morro da Escola ele avistou o trenó de Hale a distância. Correu ainda mais para encontrá-lo, mas, ao aproximar-se, viu que estava sendo conduzido pelo filho mais novo do carpinteiro e que o vulto a seu lado, com o ar de um grande guaxinim ereto e de óculos, era o da Sra. Hale. Ethan fez sinal para que parassem; a Sra. Hale debruçou-se para a frente, e as rugas rosadas luziram, benevolentes.

— Meu marido? Ah, você poderá encontrá-lo em casa agora. Ele não vai trabalhar hoje de tarde. Acordou sentindo um pouco o lumbago, e acabei de obrigá-lo a pôr um dos

velhos emplastos do Dr. Kidder e ficar sentado perto do fogo.

Sorrindo matinalmente para Ethan, ela se curvou um pouco mais, acrescentando:

— Meu marido acabou de me contar que Zeena foi a Bettsbridge para ver esse médico novo. Que pena ela estar tão doente outra vez! Espero que ele consiga fazer alguma coisa por ela. Não conheço ninguém por aqui que tenha tido mais achaques que Zeena. Eu sempre digo a meu marido que não imagino o que seria de Zeena se não tivesse você para cuidar dela; e eu dizia a mesma coisa a respeito de sua mãe. Você tem enfrentado uma vida dura, Ethan Frome.

A Sra. Hale dirigiu-lhe um último gesto de solidariedade, enquanto o filho fazia o animal partir. Ethan ficou no meio do caminho, olhando o trenó que se afastava.

Fazia muito tempo que ninguém lhe falava tão bondosamente quanto a Sra. Hale. Em geral, ou as pessoas se mostravam indiferentes a seus infortúnios ou se dispunham a julgar natural que um jovem de sua idade devesse carregar sem queixa a carga de três vidas inutilizadas. Mas a Sra. Hale havia dito “Você tem enfrentado uma vida dura, Ethan Frome”, e agora ele se sentia menos só em sua desdita. Se os Hales tinham pena dele, decerto atenderiam a seu apelo...

Ethan seguiu pela estrada em direção à casa onde moravam, mas ao cabo de alguns passos estacou de repente, com o sangue a corar suas faces. Pela primeira vez, à luz das palavras que tinha acabado de escutar, viu o que se achava prestes a fazer. Estava planejando tirar partido da piedade dos Hales para arrancar-lhes dinheiro sob falsos pretextos. Fora esse, sem tirar nem pôr, o propósito nebuloso que o levava às pressas a Starkfield.

Com a súbita percepção do ponto a que sua loucura o levava, a loucura desvaneceu e ele viu com toda clareza o que era a sua vida. Era um homem pobre, marido de uma mulher doente, a quem sua deserção deixaria sozinha e

sem recursos. E mesmo que tivesse tido coragem de abandoná-la, só poderia fazê-lo enganando duas pessoas bondosas que se haviam apiedado dele.

Ethan virou-se e voltou lentamente para a fazenda.

Capítulo IX

Junto da porta da cozinha, Daniel Byrne estava sentado em seu trenó, atrás de um zaino ossudo que escavava a neve, sacudindo a cabeça inquietamente de um lado para outro.

Ethan entrou na cozinha e encontrou sua mulher à beira do fogão. Estava com a cabeça envolvida no xale, e lia um livro chamado Problemas dos rins e sua cura, pelo qual ele tivera de pagar uma tarifa postal extra dias antes.

Zeena não se mexeu nem levantou os olhos; passado um momento ele perguntou;

— Onde está Mattie?

Sem tirar os olhos da página, ela respondeu:

— Deve estar descendo o baú dela.

O sangue subiu ao rosto de Ethan.

— Descendo o baú... sozinha?

— Jotham Powell está na matinha e Daniel Byrne disse que não larga esse cavalo sozinho — retrucou Zeena.

Sem esperar para ouvir o final da frase, seu marido havia saído da cozinha e subido a escada. A porta do quarto de Mattie estava fechada, e ele hesitou por um instante no patamar.

— Matt — chamou, em voz baixa. Não houve resposta, e ele levou a mão à tranca.

Só estivera no quarto de Mattie uma vez, no começo do verão, quando entrara ali para rebocar uma goteira no beirai, mas lembrava-se com precisão do aspecto do aposento: a colcha vermelha e branca sobre a cama estreita, a bonita almofada de alfinetes sobre a cômoda e a

fotografia da mãe dela, numa moldura de metal oxidado, com um ramallete de ervas secas. Agora, esses e todos os outros sinais de sua presença haviam desaparecido e o quarto se mostrava tão nu e desolado quanto no dia em que Mattie chegara e Zeena a levava até ali. O baú estava no meio do quarto, e ela havia sentado nele com seu vestido domingueiro, de costas para a porta e com o rosto enterrado nas mãos. Não escutara o chamado de Ethan porque estava soluçando, e só lhe ouviu os passos quando Ethan chegou bem perto dela e pôs as mãos em seus ombros.

— Matt... ah, Matt, não... Matt!

Ela ficou em pé, levantando para ele o rosto ensopado de lágrimas.

— Ethan... pensei que nunca mais fosse ver você de novo!

Ethan tomou-a nos braços, apertando-a com força, e com mãos trêmulas afastou os cabelos que lhe caíam sobre a testa.

— Não fosse me ver de novo? Como assim?

Matt respondeu, soluçante:

— Jotham falou que você tinha mandado dizer que não era preciso esperar você para almoçar, e eu pensei...

— Pensou que eu queria me esconder? — ele terminou a frase, de cara fechada.

Matt colou-se nele sem responder, e Ethan beijou-lhe os cabelos, macios e elásticos como certos musgos em encostas ensolaradas e que tinham a suave fragrância de serragem fresca ao sol.

Através da porta, ouviram Zeena chamando lá de baixo:

— Daniel Byrne está dizendo que é melhor vocês se apressarem, se querem que ele leve esse baú.

Apartaram-se com os rostos toldados. Palavras de resistência saltaram aos lábios de Ethan, mas morreram ali. Mattie achou o lenço e secou os olhos. Depois, abaixando-se, pegou numa alça do baú.

Ethan a afastou.

— Deixe, Matt — ordenou.

— Uma pessoa só não consegue fazer o baú dar a volta na porta — respondeu ela. Submetendo-se a esse argumento, Ethan agarrou a outra alça, e juntos colocaram o pesado baú no patamar.

— Agora, deixe — repetiu ele. Levantou o baú nos ombros e desceu com ele pela escada e seguiu o corredor até a cozinha. Zeena, que tinha voltado para a cadeira junto do fogão, não levantou a cabeça do livro quando ele passou. Mattie acompanhou-o até o lado de fora e ajudou-o a levantar o baú para colocá-lo na traseira do trenó. Feito isso, ficaram um ao lado do outro no portal, vendo Daniel Byrne sair em disparada atrás de seu cavalo inquieto.

Para Ethan, era como se seu coração estivesse amarrado com cordas que mãos invisíveis apertassem mais e mais a cada segundo. Por duas vezes abriu a boca para falar a Mattie, mas não encontrou a voz. Por fim, quando ela se virou para entrar em casa, ele a deteve com um gesto.

— Eu vou levar você. Matt — murmurou.

Ela respondeu com outro murmúrio:

— Acho que Zeena quer que eu vá com Jotham.

— Eu vou levar você — ele repetiu. Mattie entrou na cozinha sem responder.

No almoço, Ethan não conseguiu comer. Se erguia os olhos, dava com o rosto contraído de Zeena; os cantos da boca de sua mulher pareciam tremer, reprimindo um sorriso. Ela comeu bem, declarando que a clemência do tempo a fazia sentir-se melhor, e impingiu um segundo prato de feijão a Jotham, cujos desejos ela em geral não levava em consideração.

Terminada a refeição, Mattie começou sua tarefa habitual de limpar a mesa e lavar os pratos. Depois de dar comida ao gato, Zeena tinha voltado à sua cadeira de balanço junto do fogão, e Jotham Powell, que era sempre o último a deixar a mesa, empurrou relutantemente a cadeira

para trás e encaminhou-se para a porta.

Do umbral, ele se virou para perguntar a Ethan:

— A que horas venho buscar Mattie?

Ethan estava de pé junto à janela, enchendo o cachimbo com movimentos mecânicos, enquanto olhava Mattie andar de um lado para outro.

— Não precisa vir — respondeu. — Eu mesmo vou levar Matt.

Ethan viu Mattie enrubescer, embora ela estivesse quase de costas, e Zeena erguer a cabeça depressa.

— Eu quero que você fique aqui hoje à tarde, Ethan — disse a mulher. — Jotham pode levar Mattie.

Mattie dirigiu-lhe um olhar súplice, e Ethan repetiu, rispidamente:

— Eu mesmo vou levar Matt.

Zeena continuou a falar sem mudar a entonação uniforme:

— Eu queria que você ficasse para consertar aquela estufa no quarto de Mattie antes que a moça chegue. Já faz bem um mês que ela não está funcionando direito.

Ethan levantou a voz, indignado.

— Se a estufa servia para Mattie, acho que serve perfeitamente para uma empregada.

— Essa moça me disse que estava acostumada a uma casa que tinha uma fornalha — insistiu Zeena, com a mesma moleza monótona.

— Nesse caso, devia ter ficado lá — replicou Ethan. E virando-se para Mattie, acrescentou com firmeza: — Esteja pronta às três horas, Matt. Tenho umas coisas a fazer em Corbury.

Jotham Powell havia saído em direção à estrebaria, e Ethan o seguiu, tomado de fúria. Suas têmporas latejavam e havia uma névoa em seus olhos. Fez seu trabalho sem saber que força o impedia ou a quem pertenciam as mãos e os pés que cumpriam suas ordens. Só quando levou para fora o alazão e o fez retroceder entre os varais do trenó foi

que novamente tomou consciência do que estava fazendo. Ao passar o freio sobre a cabeça do animal e ajustar os tirantes em volta dos varais, lembrou-se do dia em que fizera os mesmos preparativos para ir buscar a prima de sua mulher na Várzea, isso acontecera pouco mais de um ano antes, numa tarde amena como aquela, com uma vibração de primavera no ar, O alazão, voltando para ele o mesmo olho enorme, meteu o focinho na palma de Ethan da mesma maneira; e um a um todos os dias transcorridos desde então surgiram diante dele...

Ethan jogou a pele sobre o trenó, subiu ao assento e guiou o veículo até sua casa. Na cozinha não havia ninguém, mas a bolsa e o xale de Mattie estavam arrumados junto à porta. Ethan chegou ao pé da escada e pôs-se à escuta. Não ouviu nenhum som, mas daí a pouco ele teve a impressão de que havia alguém andando em seu estúdio vazio; empurrando a porta, viu Mattie, de chapéu e casaco; estava em pé e virada de costas, junto da mesa.

Ela sobressaltou-se ao ouvi-lo aproximar-se e, voltando-se depressa, perguntou:

— Está na hora?

— O que está fazendo aqui. Matt? — perguntou ele.

Mattie olhou para ele timidamente.

— Estava só olhando... só isso — respondeu com um sorriso acanhado.

Voltaram para a cozinha sem mais uma palavra, e Ethan pegou a bolsa e o xale de Mattie.

— Onde está Zeena? — perguntou.

— Ela subiu logo depois do almoço. Disse que estava com aquelas pontadas de novo e que não queria ser incomodada.

— Não se despediu de você?

— Não. Só disse isso.

Olhando em torno da cozinha, Ethan pensou, com um estremecimento, que dentro de poucas horas voltaria para ali sozinho. Então, novamente o invadiu a sensação de

irrealidade, e não conseguiu convencer-se de que Mattie estava ali diante dele pela última vez.

— Vamos — disse, quase jovialmente, abrindo a porta e colocando a bolsa no trenó. Saltou para o banco e curvou-se para ajeitar a pele em torno de Mattie quando se sentou a seu lado. — Então, vamos lá — disse, com um sacolejo das rédeas que fez o alazão começar a descer a colina placidamente.

— Temos muito tempo para um bom passeio, Mattie! — gritou, procurando a mão dela sob a pele e apertando-a na sua. Seu rosto formigava e ele se sentia tonto, como se tivesse parado na taberna de Starkfield em um feriado para beber.

Na porteira, ao invés de seguir para Starkfield, fez O alazão virar à direita, indo pela estrada de Bettsbridge. Mattie ficou em silêncio, sem demonstrar qualquer surpresa. Entretanto, logo depois perguntou:

— Você vai passar pelo Lago da Sombra?

Ethan riu e respondeu:

— Eu sabia que você ia adivinhar!

Ela se aproximou mais dele sob a pele de urso. Olhando de lado, por cima da manga de seu casaco, Ethan só podia avistar a ponta do nariz de Mattie e uma onda revolta de cabelos castanhos. Subiram lentamente a estrada, entre campos que luziam sob o sol mortiço, e depois viraram à direita, descendo um caminho ladeado de abetos e lariços. À frente deles, muito longe, uma serra manchada de retalhos de floresta negra ondulava em curvas brancas e arredondadas contra o céu. O caminho entrou por um pinheiral, cujos troncos avermelhados pelo sol da tarde lançavam diáfanas sombras azuis sobre a neve. Ao entrarem no bosque a brisa cessou e foi como se uma quietude quente tombasse dos ramos, juntamente com as folhas que caíam. A neve era ali tão pura que os minúsculos rastros dos animais silvestres haviam deixado nela intrincados desenhos rendilhados e as pinhas azuladas

retidas em sua superfície sobressaíam-se como ornamentos de bronze.

Ethan continuou a guiar em silêncio até chegarem a uma parte do bosque em que os pinheiros se tomavam mais espacejados; parou e ajudou Mattie a descer do trenó. Caminhando entre os troncos aromáticos, com a neve seca e quebradiça estalando sob seus pés, alcançaram enfim um lago, com íngremes margens arborizadas. Na margem oposta, um outeiro que se levantava contra o sol poente projetava sobre a superfície congelada uma longa sombra cônica que dava ao lago o seu nome. Era Um esconderijo retirado, cheio da mesma melancolia silente que Ethan sentia no coração.

Olhou ao redor da pequenina margem e seus olhos caíram em um tronco de árvore, meio encoberto pela neve.

— Foi ali que nos sentamos no piquenique — lembrou ele.

O divertimento a que ele aludia era um dos poucos de que haviam participado juntos: um “piquenique da igreja” que numa longa tarde do verão anterior enchera o recanto de folguedos. Mattie lhe pedira que a acompanhasse, mas ele havia recusado. Depois, quando já quase caía o sol, e descendo da montanha onde estivera derrubando madeira, ele fora encontrado por algumas pessoas e arrastado ao grupo à beira do lago; Mattie, cercada de jovens brincalhões e reluzente como uma amora sob o chapéu de aba larga, estava coando café sobre uma fogueira. Ethan recordava o acanhamento que sentira ao se aproximar dela com suas roupas rústicas, e como o rosto de Mattie se iluminara quando ela se adiantou com uma xicara na mão, deixando o grupo para encontrá-lo. Haviam ficado sentados alguns minutos no tronco caído à beira do lago. Mattie perdera o medalhão de ouro e pusera os rapazes a procurá-lo; e fora Ethan quem o localizara no musgo ... Nada acontecera senão isso; no entanto, todo o relacionamento entre eles tinham sido formado de tais instantes inarticulados, em que

pareciam deparar subitamente com a felicidade, como que surpreendendo uma borboleta em bosques nevados ...

— Foi bem ali que encontrei seu medalhão — disse ele, metendo o pé numa densa touceira de mirtilos.

— Nunca vi uma pessoa com olhos tão agudos! — respondeu ela.

Mattie sentou-se no tronco, ao sol, e Ethan pôs-se a seu lado.

— Você estava linda como uma pintura com aquele chapéu cor de rosa — disse ele.

Ela riu, contente.

— Ah, devia ser por causa do chapéu! — retrucou.

Nunca haviam manifestado sua afeição de modo tão aberto, e por um momento Ethan teve a ilusão de que era um homem livre, cortejando a moça com quem pretendia casar-se. Olhou para os cabelos de Mattie e desejou tocá-los de novo e dizer-lhe que cheiravam a bosques; entretanto, nunca aprendera a dizer essas coisas.

De repente, ela se levantou e disse:

— Não podemos ficar aqui mais.

Ethan continuou a fitá-la com o olhar perdido, ainda meio imerso em seu sonho.

— Temos tempo de sobra — respondeu.

Ficaram a olhar-se, como se os olhos de cada um deles se esforçassem por absorver e aprisionar a imagem do outro. Havia coisas que ele tinha de dizer a Mattie antes de se despedirem, mas não podia dizê-las naquele lugar de lembranças de verão; em silêncio ele se virou e seguiu-a para o trenó. Depois, quando se afastavam, o sol caiu por trás da colina e os caules dos pinheiros passaram de vermelhos a cinzentos.

Seguindo por uma trilha tortuosa entre os campos, retornaram à estrada de Starkfield. Sob o céu aberto, o dia ainda estava claro, com reflexos de um vermelho frio nas colinas a leste. Os arvoredos na neve pareciam encolher-se em massas eriçadas, como aves que tivessem as cabeças

enfiadas sob as asas; e o céu, à medida que empalidecia, ia alteando, deixando a terra mais solitária.

Ao dobrarem para a estrada de Starkfield, Ethan perguntou:

— O que você pretende fazer, Matt?

Ela não respondeu de imediato, mas por fim disse:

— Vou ver se arranjo emprego numa loja.

— Você sabe que não pode fazer isso. Você já quase morreu por respirar o ar ruim e ficar de pé o dia inteiro.

— Estou muito mais forte do que quando vim para Starkfield.

— E agora vai jogar fora todo o bem que esse lugar lhe fez!

Parecia não haver resposta para isso, e novamente se calaram durante algum tempo. A cada passo da estrada, lugares onde haviam estado, às gargalhadas ou em silêncio, lançavam garras contra Ethan e o puxavam para trás.

— Nenhum dos parentes de seu pai poderia ajudar você?

— Não há nenhum a quem eu pudesse pedir.

Ethan baixou a voz para dizer:

— Você sabe que não existe nada que eu não faria por você, se pudesse.

— Eu sei.

— Mas eu não posso.

Mattie permaneceu em silêncio, mas ele sentiu um leve tremor no ombro encostado ao seu.

— Ah, Matt — disse ele —, se eu pudesse ir embora com você hoje eu iria...

Mattie virou-se para ele, tirando um pedaço de papel do seio.

— Ethan. Achei isso — gaguejou.

Mesmo à luz débil ele viu que era a carta que havia começado a escrever para sua mulher na noite anterior e que esquecera de destruir. A seu assombro misturou-se um frêmito intenso de alegria.

— Matt...— disse — se eu pudesse ... fazer isso ... você faria?

— Ethan, ah, Ethan... o que adianta? — Com um movimento súbito ela rasgou a carta em pedacinhos e os arremessou na neve.

— Diga, Matt! Diga! — suplicou ele.

Mattie ficou em silêncio por um momento.

Depois falou, em voz tão baixa que ele teve de curvar a cabeça para escutá-la;

— Eu costumava pensar nisso às vezes, nas noites de verão, quando a lua brilhava tanto que eu não conseguia dormir.

O coração dele rodopiou, levado pela doçura daquelas palavras.

— Há tanto tempo assim?

Mattie respondeu, como se desde muito conhecesse a data de cor:

— A primeira vez foi no Lago da Sombra.

— Foi por isso que você me deu café antes dos outros?

— Não sei. Aconteceu isso? Fiquei tão aborrecida quando você não quis ir ao piquenique comigo! Mas depois, quando vi você vindo pela estrada, achei que talvez você tivesse voltado por aquele caminho de propósito e fiquei feliz.

Calaram-se novamente. Haviam alcançado o ponto em que a estrada baixava para a depressão onde ficava a serraria de Ethan, e enquanto desciam a noite desceu junto, tombando dos pesados ramos das cicutas como um véu negro.

— Estou de pés e mãos atados, Matt. Não há nada que eu possa fazer — recomeçou ele.

— Por favor, Ethan, escreva para mim de vez em quando.

— O que vai adiantar escrever? Quero estender a mão e tocar em você. Quero trabalhar para você e cuidar de você. Quero estar perto quando você estiver doente e quando estiver sozinha.

— Não pense em outra coisa a não ser que vou ficar bem.

— Você não vai precisar de mim, é isso? Com certeza vai se casar!

— Ah, Ethan! — exclamou Mattie.

— Eu não sei dizer o que você me faz sentir, Matt. Eu quase preferia ver você morta a isso!

— Ah, eu queria estar morta, eu queria, queria! — soluçou ela.

O som de seu pranto arrancou Ethan da fúria atroz que sentia, e ele se envergonhou.

— Não diga essas coisas — murmurou.

— Por que não, se é verdade? Estive desejando isso a cada minuto desse dia.

— Matt! Cale-se! Não diga bobagem!

— Nunca ninguém foi bom para mim, só você.

— Também não diga isso, se não posso mover uma palha por você!

— Mesmo assim é verdade.

Haviam chegado ao alto do Morro da Escola, e Starkfield estendia-se diante deles ao crepúsculo. Vindo da aldeia e subindo a estrada, um pequeno trenó passou por eles com um prazenteiro juntar de sinos. Ethan e Mattie se recompuseram e olharam à frente, com expressão séria. Na rua principal começavam a brilhar luzes nas fachadas das casas e vultos solitários apareciam aqui e ali nos portões. Com um estalo do chicote, Ethan fez o alazão passar a trote lento.

Ao se aproximarem do fim da aldeia, ouviram gritos de crianças; havia um bando de meninos, puxando tobogãs, espalhados na clareira diante da igreja.

— Acho que é a última vez que vão poder deslizar durante um ou dois dias — disse Ethan, observando o céu limpo.

Mattie ficou em silêncio, e Ethan acrescentou.

— Nós íamos deslizar na noite passada.

Ela continuou calada, e, instigado por um desejo obscuro de consolo na hora final do infortúnio, Ethan continuou, solene:

— Não é engraçado que a gente só tenha deslizado juntos aquela vez, no inverno passado?

— Eu vinha poucas vezes à aldeia — respondeu Mattie.

— É verdade — disse ele.

Tinham chegado ao alto da estrada de Corbury, e entre o baço reflexo branco da igreja e a

cortina negra dos abetos da casa dos Varnums, o declive estendia-se diante deles sem um só tobogã. Algum impulso extravagante levou Ethan a dizer:

— Você gostaria de deslizar comigo agora? Ela forçou o riso.

— Ah, não temos tempo!

— Temos todo o tempo que quisermos. Vamos! — O único desejo dele agora era protelar o momento de fazer o alazão seguir na direção da Várzea.

— Mas.. .a moça — disse ela, vacilante. — A moça vai ficar esperando na estação.

— Então, que espere. Se não fosse ela, seria você. Vamos!

O tom de autoridade na voz de Ethan pareceu persuadi-la, e depois que ele saltou do trenó ela deixou que a ajudasse a descer, dizendo apenas, com uma vaga simulação de relutância:

— Mas não estou vendo nenhum tobogã...

— Veja um lá! Bem ali, debaixo dos abetos. Ethan jogou a pele de urso sobre o alazão, que

permaneceu quieto e cabisbaixo à beira da estrada, como que meditando. Depois pegou a mão de Mattie e puxou-a em direção ao tobogã.

Ela se sentou obedientemente e Ethan tomou seu lugar atrás, tão próximos que os cabelos dela roçaram seu rosto.

— Tudo bem, Matt? — ele perguntou, alto, como se estivessem separados pela largura da estrada.

Ela virou a cabeça para dizer:

— Está tão escuro. Tem certeza de que pode enxergar direito?

Ethan riu, desdenhoso.

— Eu seria capaz de descer aqui de olhos vendados! — Mattie riu com ele, como se apreciasse essa audácia. Entretanto, Ethan se deteve por um momento, examinando com atenção a longa descida, pois àquela hora vespertina era a que mais confundia a visão, a hora em que a última claridade do zênite se mistura com a noite iminente em um borrão que mascara os marcos e falseia as distâncias.

— Agora! — gritou.

O tobogã partiu com um solavanco e saíram a voar no lusco-fusco, ganhando cada vez mais suavidade de movimento e velocidade, com a noite cava descortinando-se à frente e o ar silvando como um órgão. Mattie estava inteiramente imóvel, mas ao chegarem à curva no sopé do morro, onde o grande olmo arrojava um galho mortal, ele teve a sensação de que ela se estreitava um pouco mais contra ele.

— Não tenha medo. Matt! — gritou Ethan, exultante, enquanto se desviavam da árvore em segurança e mergulhavam na segunda descida; e quando chegaram a terreno plano e o tobogã começou a perder velocidade, ele a ouviu soltar uma risadinha de alegria.

Saltaram do tobogã e começaram a subir a ladeira a pé. Ethan arrastava o tobogã com uma das mãos e passou a outra pelo braço de Mattie.

— Ficou com medo de que eu batesse no olmo? — perguntou, com uma risada de menino.

— Eu já disse que nunca sinto medo quando estou com você — respondeu ela.

A estranha euforia havia provocado em Ethan um de seus raros impulsos de fanfarronice.

— Mas o lugar é mesmo perigoso. A menor guinada, e a gente nunca ia poder subir de novo. Só que sei medir

distâncias com exatidão... sempre soube.

— Eu sempre disse que você tem olho vivo...—
murmurou Mattie.

Um silêncio profundo caíra junto com o anoitecer sem estrelas, e ficaram apoiados um no outro, sem falarem. Mas a cada passo da ascensão, Ethan dizia a si próprio: “Essa é a última vez que vamos andar juntos.”

Subiram devagar até o alto da ladeira. Ao chegarem na altura da igreja, ele baixou a cabeça para perguntar a Mattie:

— Está cansada?

Ela respondeu, ofegante:

— Foi maravilhoso.

Com uma pressão do braço, ele a conduziu na direção dos abetos da Noruega.

— Acho que esse tobogã deve ser o de Ned Hale. De qualquer jeito, vou deixar onde encontrei — Ethan arrastou o tobogã até o portão dos Varnums e apoiou-o contra a cerca. Quando se ergueu, sentiu subitamente Mattie junto dele, entre as sombras.

— Foi aqui que Ned e Ruth se beijaram? sussurrou ela, arquejante, e o abraçou. Seus lábios, buscando os de Ethan, correram-lhe pelo

rosto, e ele a apertou com força, em um transporte de surpresa.

— Adeus... adeus — balbuciou Mattie, beijando-o de novo.

— Ah, Matt, não posso deixar você ir embora! — As palavras irromperam de seu peito no mesmo grito antigo.

Mattie se libertou de seu abraço, e ele a ouviu soluçar.

— Nem eu consigo ir! — lastimou-se.

— Matt! O que vamos fazer? O que vamos fazer?

Seguravam-se pelas mãos como crianças, e soluços desesperados sacudiam o corpo de Mattie.

Na quietude da aldeia, ouviram o relógio da igreja bater cinco horas.

— Ethan, está na hora! — exclamou ela. Ethan puxou-a contra si.

— Hora de quê? Pensa que vou deixar você agora?

— Se eu perder o trem, para onde vou?

— E para onde vai se pegar o trem?

Mattie calou-se, e suas mãos ficaram nas dele, frias e frouxas.

— De que adianta agora um de nós ir a qualquer lugar sem o outro? — disse ele.

Ela se manteve imóvel, como se não o tivesse escutado. Depois arrancou as mãos das dele, lançou os braços em torno de seu pescoço e comprimiu a face molhada contra a dele.

— Ethan! Ethan! Quero que você desça de novo comigo!

— Desça aonde?

— Deslizando. Agora mesmo — arquejou Mattie. — E depois a gente nunca mais vai voltar.

— Matt! O que você quer dizer?

Ela levou os lábios bem junto do ouvido dele para dizer:

— Direto contra o olmo. Você disse que consegue. E depois nunca mais vamos ter de nos separar um do outro.

— Do que está falando? Você está louca!

— Não estou louca. Mas vou ficar se me separar de você.

— Ah, Matt, Matt... — suspirou Ethan.

Mattie apertou os braços com mais força em torno do pescoço de Ethan. Seu rosto estava bem junto ao dele.

— Ethan, para onde irei se deixar você? Não vou saber viver sozinha. Você também disse isso agora mesmo. Nunca ninguém foi bom para mim, a não ser você. E aquela moça estranha na casa, ela vai dormir em minha cama, onde eu costumava passar a noite escutando você subir a escada...

Para Ethan, essas palavras eram como que fragmentos arrancados a seu coração. Com elas vieram a visão odienta da casa para onde ele retornaria, da escada que ele teria de subir a cada noite, da mulher que estaria à sua espera lá. E

a doçura da confissão de Mattie, o prodígio fantástico de saber enfim que aquilo que acontecera a ele acontecera a ela também, tornava a outra visão mais execrável, o regresso à outra vida ainda mais intolerável...

Os rogos de Mattie ainda chegavam a ele entre soluços, mas Ethan já não a escutava. O chapéu dela havia caído para trás e ele lhe afagava os cabelos. Queria prender na palma aquela sensação, para que adormecesse ali como uma semente durante o inverno. Logo voltou a encontrar-lhe a boca, e foi como se estivessem

juntos à beira do lago sob o calcinante sol de agosto. Mas, ao encostar seu rosto no dela, sentiu que estava frio e alagado de lágrimas, e viu a estrada da Várzea sob a noite e escutou o apito do trem que chegava.

Os abetos os envolviam em negrume e silêncio. Não seria diferente se estivessem em seus ataúdes debaixo da terra. Ethan disse consigo: “Talvez seja a mesma sensação...” E ainda; “Depois disso não vou sentir coisa alguma...” De repente, ouviu o velho alazão relinchar do outro lado da estrada e pensou: “Ele está imaginando por que ainda não jantou...”

— Vamos — sussurrou Mattie, dando-lhe um puxão.

A sombria rudeza de Mattie o compeliu: ela parecia o instrumento encarnado do destino. Ethan tirou o tobogã do lugar onde estava, piscando como uma ave noturna ao passar da sombra dos abetos para a penumbra translúcida do espaço aberto. A ladeira continuava deserta. Todavia Starkfield jantava, e nem um só vulto atravessava a clareira diante da igreja. intumescido com as nuvens que anunciam degelo, o céu estava baixo como antes de uma tormenta de verão, Ethan forçou a vista na obscuridade, e ela lhe, pareceu menos penetrante e aguçada que de costume.

Ocupou seu assento no tobogã e Mattie instantaneamente colocou-se na frente dele. Seu chapéu caíra na neve e os lábios de Ethan colaram-se aos cabelos dela. Ele estendeu as pernas compridas, firmou os

calcanhares na estrada para impedir o tobogã de escorregar e puxou a cabeça de Mattie para trás entre as mãos. Então, de repente, ficou em pé de novo.

— Levante-se! — ordenou.

Falou que Mattie sempre obedecia, mas ela se encolheu onde estava, repetindo veemente:

— Não, não, não!

— Levante-se!

— Por quê?

— Quero sentar-se na frente.

— Não, não! Na frente, como vai guiar?

— Não vai ser preciso. Vamos seguir a trilha.

Falavam em murmúrios abafados, como se a noite os escutasse.

— Levante-se! Levante-se! — insistiu Ethan, mas ela insistiu também: — Por que você quer sentar-se na frente?

— Porque... porque quero sentir você segurando em mim — balbuciou ele, colocando-se de pé.

Ou a resposta pareceu satisfazê-la, ou eia cedeu à energia da voz. Ethan curvou-se, tateou na escuridão em busca da trilha vítrea usada pelos que haviam deslizado antes e colocou os patins cuidadosamente entre suas arestas. Mattie esperou enquanto ele se sentava, de pernas cruzadas, na frente do tobogã; depois agachou-se rapidamente às suas costas e apertou os braços ao redor dele. A respiração de Mattie no seu pescoço fez com que Ethan estremecesse de novo e quase saltasse do assento. Num átimo, porém, lembrou a alternativa. Mattie tinha razão: era melhor aquilo do que se despedirem. Virou-se para trás e procurou-lhe a boca...

No exato momento em que partiram, Ethan ouviu o alazão relinchar novamente; o conhecido reclamo de fome, assim como todas as imagens confusas que o apelo trouxe consigo desceram junto com ele o primeiro lanço da estrada. No meio do declive havia um súbito mergulho, depois uma subida, seguida de outra longa descida

delirante. Ao se precipitarem nessa descida ele teve a sensação de que estavam realmente voando, voando bem alto rumo à noite nublada, com Starkfield a uma distância imensurável abaixo deles, apartando-se como um floco no espaço... Então o olmo grande surgiu à frente, erguendo-se à espera deles na curva da estrada, e Ethan disse entre os dentes:

— Nós vamos conseguir. Eu sei que vamos...

Enquanto voavam na direção da árvore. Mattie apertou os braços com mais força e foi como se seu sangue passasse a correr nas veias de Ethan. Por uma ou duas vezes o tobogã desviou-se um pouco do caminho. Ethan inclinou-se para mantê-lo na direção do olmo, repetindo sem cessar para si mesmo: “Eu sei que vamos conseguir”; e pequenas frases que Mattie havia pronunciado corriam-lhe pela cabeça e dançavam diante dele no ar. A grande árvore crescia cada vez mais e enquanto investiam sobre ela Ethan pensava: “Ela está nos esperando. Parece que sabe. ” De repente, porém, o rosto de sua mulher, com monstruosos contornos distorcidos, interpôs-se entre Ethan e sua meta, e ele fez um movimento instintivo para afastá-lo. O tobogã deu uma guinada, mas Ethan voltou a endireitá-lo, manteve-o em linha reta e projetou-o contra a massa negra e proeminente. Houve um último instante em que o ar passou por ele como milhões de fios de fogo; então o olmo...

O céu ainda estava borrascoso, mas olhando reto para cima ele avistou uma única estrela, e tentou vagamente determinar se seria Sirius ou... ou... O esforço fatigou-o demais, e ele cerrou as pálpebras pesadas e teve vontade de dormir... A quietude era tão profunda que ele escutou um animalzinho pipilar ali por perto, debaixo da neve. Emitia um fraco e assustado pio, como um rato silvestre, e ele ficou a imaginar se o animal não estaria ferido. Logo compreendeu que o bicho devia estar sentindo dor — uma dor tão torturante que ele, misteriosamente, parecia senti-la correr por seu próprio corpo. Tentou, debalde, virar-se na

direção do som, e estendeu o braço esquerdo sobre a neve. E então foi como se o tato, ao invés da audição, o fizesse aperceber-se do pipilo, que parecia estar sob a palma de sua mão, a mão que ele apoiava em alguma coisa macia e flexível. A ideia de que o animal sofria era-lhe insuportável e ele tentou levantar-se, mas não conseguiu porque uma pedra ou alguma massa colossal parecia comprimi-lo. Continuou a mexer cuidadosamente os dedos da mão esquerda, na esperança de achar a criaturinha para ajudá-la; imediatamente compreendeu que a coisa macia que ele tocara eram os cabelos de Mattie e que ele tinha a mão sobre seu rosto.

Com esforço, ficou de joelhos, e o peso monstruoso que o oprimia moveu-se junto consigo; passou a mão repetidamente sobre o rosto de Mattie e percebeu que os pipilos vinham de seus lábios...

Encostou o rosto no dela, com o ouvido bem junto à sua boca, e, na escuridão, viu-a abrir os olhos e escutou-a pronunciar seu nome.

— Ah, Matt, pensei que tínhamos conseguido — gemeu ele. Ouviu o alazão relinchar a distância, no alto do morro, e pensou: “Está na hora de eu dar a ração a ele...”

A lenga-lenga lamurienta cessou quando entrei na cozinha de Frome, e das duas mulheres ali sentadas eu não sabia qual estivera falando.

Uma delas, alta e descarnada, levantou-se da cadeira, não como que para saudar-me — pois não me dirigiu senão um breve olhar de surpresa —, mas simplesmente para preparar a refeição que a ausência de Frome atrasara. Um desleixado roupão de chita lhe pendia dos ombros, e seus cabelos ralos e grisalhos, que nasciam bem no alto da testa, estavam puxados para trás e presos por um pente quebrado. Tinha olhos pálidos e opacos que nada revelavam e nada refletiam, e os lábios estreitos tinham a mesma cor lívida do rosto.

A outra mulher era bem menor e mais franzina. Achava-

se encolhida numa cadeira de braços perto do fogão, e quando entrei ela virou a cabeça depressa em minha direção, sem o mínimo movimento correspondente do corpo. Seus cabelos eram tão grisalhos quanto os da outra e o rosto tinha o mesmo aspecto engelhado e exangue, mas amarelado, com sombras escuras que lhe afilavam o nariz e encovavam as têmporas. Sob o vestido bambo, o corpo mantinha sua flácida imobilidade, e seus olhos escuros tinham o brilhante olhar fixo de bruxa que, às vezes, mostram as pessoas acometidas de doenças da espinha.

Mesmo para aquela parte do país, a cozinha era bem pobre. Com exceção da cadeira em que estava a mulher de olhos escuros — e que dava a impressão de um sujo resto de luxo antigo, comprado em um leilão de roça—o mobiliário era o mais tosco possível. Três pratos de louça barata e uma leiteira de bico quebrado tinham sido postos numa mesa engordurada, riscada por cortes de faca; duas cadeiras com assento de palhinha e um armário de pinho sem pintura, encostados na parede, completavam o parco mobiliário.

— Meu Deus, como está frio aqui! O fogo deve estar quase apagado — disse Frome, olhando

em torno, como que pedindo desculpas, enquanto entrava atrás de mim.

A mulher alta, que se afastara na direção do armário, não prestou atenção; mas a outra, de seu nicho almofadado, respondeu queixosamente, com voz aguda e fraca:

— Só foi aceso ainda agorinha. Zeena dormiu tanto tempo que eu achei que ia morrer de frio antes de conseguir fazer com que ela acordasse e acendesse o fogo.

Percebi então que fora ela quem estivera falando ao entrarmos.

A outra mulher, que estava justamente voltando à mesa com os restos frios de um pastelão recheado, numa travessa lascada, serviu o repasto pouco convidativo sem

parecer escutar a acusação que lhe era feita.

Frome parou diante dela, hesitante, enquanto ela caminhava. Depois olhou-me e disse:

— Essa é minha mulher, a Sra. Frome. — Após outro intervalo, acrescentou, virando-se para a figura na poltrona: — E essa é a Srta. Mattie Silver...

A Sra. Hale (boa alma!) imaginara-me perdido na Várzea e sepultado sob a neve; e tão viva foi sua satisfação ao me ver regressar a ela em segurança na manhã seguinte que percebi que minha aventura fizera com que eu subisse vários pontos em sua estima.

Grande foi seu assombro, assim como da velha Sra. Varnum, ao serem informadas de que o matungo de Ethan Frome me havia levado ao Entroncamento de Corbury e me trouxera de volta na pior nevasca do inverno; maior ainda foi a surpresa delas ao saberem que seu dono me dera pousada naquela noite.

Sob suas exclamações de pasmo percebi uma discreta curiosidade pelas impressões que eu colherei na noite que passara na casa dos Frome, e adivinhei que a melhor maneira de lhes romper a reserva seria deixar que tentassem penetrar a minha. Por conseguinte, limitei-me a dizer, em um tom de naturalidade, que havia sido recebido com muita gentileza, e que Frome preparara para mim uma cama em um quarto térreo que parecia ter sido utilizado, em tempos mais felizes, como uma espécie de escritório ou estúdio.

— Bem — refletiu a Sra. Hale —, numa tempestade daquelas acho que ele sentiu que não poderia deixar de hospedar o senhor... mas acredito que tenha sido duro para Ethan. Tenho para mim que o senhor foi a primeira pessoa estranha a pôr os pés naquela casa em mais de vinte anos. Ethan é tão orgulhoso que por ele nem os amigos mais antigos iriam lá. E não sei se alguém ainda o visita, além de mim e do médico...

— Ainda vai lá, Sra. Hale? — perguntei.

— Eu costumava ir com frequência depois do acidente, assim que me casei; mas depois de certo tempo achei que eles se sentiam pior ao nos verem. E depois, com uma coisa e outra... e meus próprios problemas... Mas de modo geral arranjo um jeito de ir até lá na época do Ano Novo e no meio do ano. Só que sempre procuro escolher um dia em que Ethan esteja fora, em algum lugar. Já é bastante ruim ver as duas mulheres sentadas ali... mas a expressão dele, quando olha em torno daquele lugar indigente, simplesmente me mata... Sabe, posso olhar para o passado e lembrar como era a casa no tempo da mãe dele, antes de enfrentarem os problemas.

A idosa Sra. Varnum, a essa altura, já se recolhera, e a filha e eu estávamos sozinhos, depois do jantar, na solidão austera da sala de visitas. A Sra. Hale olhou para mim meio vacilante, como que tentando avaliar que grau de intimidade minhas conjecturas lhe permitiam; e entendi que, se ela guardara silêncio até então, era porque estivera esperando, em todos aqueles anos, por alguém que percebesse o que somente ela havia percebido.

Esperei que sua confiança se fortalecesse, para só então comentar:

— Realmente, é muito triste ver os três juntos lá.

Ela franziu o rosto meigo numa expressão de dor. — Foi mesmo horroroso, desde o começo. Eu estava aqui em casa quando foram trazidos... Colocaram Mattie Silver no quarto em que o senhor está dormindo. Ela e eu éramos grandes amigas, e Mattie seria minha dama de honra na primavera... Quando ela voltou a si, fui lhe fazer companhia e fiquei a noite toda. Deram-lhe remédios para acalmá-la, e Mattie não demonstrou perceber a situação até quase de manhã, mas então, de repente, acordou exatamente como a pessoa que era, olhou para mim fixamente com aqueles olhos grandes, e disse... Ah, não sei por que estou lhe contando tudo isso... — A Sra. Hale interrompeu a narrativa, aos prantos.

Tirou os óculos, enxugou-os e os recolocou com mão trêmula.

— Fiquei sabendo no dia seguinte — prosseguiu — que Zeena Frome havia despachado Mattie apressadamente porque havia contratado uma empregada, e o pessoal daqui nunca entendeu ao certo por que ela e Ethan estavam deslizando de tobogã naquela noite, quando deviam estar a caminho da Várzea, para ela pegar o trem.

— Eu própria nunca soube o que Zeena pensou... Até hoje não sei. De qualquer forma, quando ela soube do acidente veio imediatamente e ficou com Ethan na casa do pastor, para onde o tinham levado. E assim que os médicos disseram que Mattie podia ser transportada, Zeena mandou buscá-la e levou-a de volta à fazenda.

— E desde então ela ficou lá?

A Sra. Hale respondeu com simplicidade:

— Não havia outro lugar para onde ela pudesse ir.

E meu coração confrangeu-se à ideia das duras contingências a que estão obrigados os pobres.

— Foi, ela ficou lá — continuou a Sra. Hale — e Zeena cuidou dela, e de Ethan, da melhor forma que pôde. Foi um milagre, considerando-se o quanto ela estava doente... mas ela pareceu ressuscitar assim que foi chamada. Não que tivesse parado de procurar médicos, e ela sempre teve seus períodos de doença; mas tem tido forças para cuidar daqueles dois durante mais de vinte anos, e antes que acontecesse o acidente ela julgava que não podia cuidar nem dela própria.

A Sra. Hale fez uma pausa e eu permaneci em silêncio, mergulhado na visão do que suas palavras evocavam.

— É horrível para todos eles — murmurei.

— Com efeito. É uma coisa medonha. E, além disso, nenhum deles é uma pessoa fácil. Mattie era, antes do acidente; nunca vi uma natureza mais meiga. Mas ela sofreu demais... É o que sempre digo quando me vêm contar como ela está azeda. E Zeena sempre foi ranzinza. Ela trata

Mattie de maneira maravilhosa, isso já vi pessoalmente. Mas de vez em quando as duas brigam, e aí a expressão de Ethan é de partir o coração... Quando vejo isso, acho que é ele quem sofre mais... De qualquer forma, não é Zeena, porque ela não tem tempo para isso... Mas é mesmo uma pena — finalizou a Sra. Hale, suspirando — que fiquem todos trancados ali naquela cozinha. No verão, nos dias mais amenos, levam Mattie para a sala ou para o ar livre, perto da porta, e isso facilita as coisas. Mas no inverno é preciso pensar em acender o fogão e as estufas, e na casa dos Frome não podem desperdiçar nem uma moedinha.

A Sra. Hale respirou fundo, como se houvesse aliviado a memória de sua velha carga e nada mais tivesse a dizer. De repente, entretanto, foi tomada por um impulso de completa confissão.

Voltou a tirar os óculos, debruçou-se em minha direção sobre o pano de centro de mesa, feito de contas, e continuou a falar, em voz baixa:

— Houve um dia, mais ou menos uma semana depois do acidente, em que todo mundo pensou que Mattie não iria sobreviver. Bem, digo que foi uma pena ela ter sobrevivido. Disse isso uma vez, a nosso pastor, com todas as letras, e ele ficou chocado comigo. Acontece que ele não estava a meu lado naquela manhã em que Mattie voltou a si... E eu digo: se ela tivesse morrido, Ethan poderia ter vivido; e do jeito que estão agora, não vejo muita diferença entre os Frome que estão vivos na fazenda e os Frome que estão enterrados no cemitério. Só que no cemitério todos ficam calados; mas as mulheres têm de refrear a língua.

FIM

Conheça outras obras de Edith Wharton

